

O MESMO AMOR QUE NOS FAZ BEM, NOS DESTRÓI

SOU Sem

GABRIEL CORDEIRO





PERIGOSAS NACIONAIS

SOU SEU

Gabriel Cordeiro

PERIGOSAS ACHERON

COPYRIGHT© 2018 – Gabriel Cordeiro

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação, ou quaisquer outros, sem autorização prévia, por escrito, da editora. Esta é uma obra de ficção.

Capa: Alice Prince

Revisão: Fernando Luiz

Diagramação: Gabriel Cordeiro

Sou Seu – Gabriel Cordeiro

Literatura Brasileira. 2. Romance 3. Suspense.

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução integral ou em qualquer forma.

Dedicatória

Dedico esse sonho primeiramente à Deus ao qual me permitiu tudo o que hoje conquistei e também àqueles que acreditaram em minhas palavras que saíram da minha cabeça para tingir em caneta uma folha de papel.

Fogo e Esmeralda

Não importa mais, na verdade nunca importou realmente, pois desde o princípio eu era patrimônio exclusivo seu. Lembro-me quando fui fisgado por seus olhos âmbar naquele nosso primeiro momento. No começo fiquei sem entender a reação que me causou, até porque nunca vi meus pelos arrepiarem por alguém antes. Nunca me disponibilizei a sentir nada por uma garota, mas foi debaixo daquela chuva quase silenciosa que tudo passou a fazer sentido. E eu, agora estou indo em direção ao seu coração para fazê-lo eternamente minha moradia.

— NATHANIEL.

AMÉLIA

Aconteceu da seguinte forma... Na verdade, ainda estou tentando digerir tudo, mas espero que eu não esteja sonhando, pois de tão PERIGOSAS ACHERON

irreal parece até um sonho.

Vai parecer novidade, talvez mentira de minha parte, mas saiba: NÃO É.

Conheci alguém hoje.

Foi de forma tão repentina que quando fui me dar conta de tal, meus lábios já estavam ao encontro dos dele. Ele, por sinal, tinha um rosto de gravar a mente para todo o sempre. Ruivo, olhos tomados por um verde-esmeralda... Quando tuas mãos tocaram minha cintura e me puxaram para me aproximar mais, senti minha pele formigar completamente. Enganchei meus dedos em seu cabelo fogo, movida pela intensidade do ato caloroso e contive um arfar. Era tudo novo para mim, ainda mais naquele tipo de ambiente.

Infeliz pelas consequências de meus atos e enfurecida, admito, saí tarde da noite e encontrei um pequeno bar ainda aberto. O movimento era pouco quando decidi entrar.

Foi lá que eu o encontrei. Sentado e mexendo no seu celular. Não me impressionei quando vi. Realmente o estresse estava tão grande que nada me impressionaria naquele momento, pelo menos naquele momento. Atravessei o salão com a

PERIGOSAS ACHERON

mente decidida em tomar uma água para acalmar, porém ao chegar ao balcão o atendente se surpreendeu com meu pedido.

— Quem pede água em um bar nesta hora da noite?

— Uma garota a fim de esfriar a cabeça do nervoso. — Respondi secamente, mas sem intenção de ser grosseira. Fora uma pergunta descontraída, pois de todas as garotas que lá frequentavam nenhuma bebia água. Provavelmente... Isto é, indo em consideração a sua pergunta surpresa.

O balconista sorriu de uma forma que me fez estranhar.

— Eu te aconselharia uma dose de Vodca. Isso sim vai te afastar do nervoso. — Pude vê-lo me medir. Da cabeça aos pés.

Não tenho tanta coisa para ser admirada. Foi por este motivo que me fez hesitar.

— Água, por favor. Eu só preciso disso. — O penúltimo cliente atravessou a porta indo embora. Era somente eu, ele e o cara sentado que estava mexendo no celular.

O balconista pulou sobre a bancada,

PERIGOSAS NACIONAIS

ficando diante a mim. Agarrou minha cintura, descendo as mãos pelo meu quadril. O que ele estava fazendo?! Mas... O que era aquilo?

— Não. — Respondeu com aquele mesmo sorriso. — Você precisa de uma boa relação amorosa.

Lutei dentro dos seus braços procurando liberdade, mas sua força superior me impediu.

— Me solta... — Rosnei entre dentes, socando-o. — Agora!

Sua gargalhada ecoou estendendo pelos quatro cantos daquele recinto.

— Tem um armazém logo atrás do balcão. Posso aliviar seus pensamentos lá. O que acha? — Sua ousadia me apavorou. O que ele achava que eu era? Uma garota sedenta por sexo? Mesmo se fosse não seria isso que me aliviaria de fato.

— Não! — Exclamei, ainda lutando, porém neste momento o mesmo já me arrastava para o local proposto. — Não! — Insisti, sendo vencida pela força dele.

Vi então o homem sentado levantar. Sua expressão fechada me assustou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já chega! — Disse ele se aproximando.

Juro que naquele momento meu coração gelou aflito.

O homem veio até perto do balcão, ficando mais próximo e parou atrás do balconista. Vi suas mãos agarrarem o colarinho da blusa daquele que me forçava.

— Largue ela. — Falou ele, puxando o balconista para longe de mim. O dono do bar bateu as costas contra a bancada também assustado. Logo se recobrou e ergueu a cabeça para afrontar o homem.

— Qual é a tua, cara? — Perguntou para o mesmo.

— Qual é a minha? — Indagou, sorrindo. — Saberá qual é a minha se não deixar ela em paz. Agora. — Sua calma naquela hora conseguiu me fazer tremer. Geralmente, as pessoas mais sãs em momento de raiva são as mais perigosas e cruéis ao ponto de se tornarem até mesmo mortais.

O balconista riu em desdém.

— Não vou deixar ninguém! — Respondeu ríspidamente. — Vá cuidar da tua vida!

PERIGOSAS ACHERON

Então novamente avançou em mim, fazendo-me encolher quase instantaneamente.

— Não, não. — Foi quando o homem o impediu.

O seu punho, quando atingiu a face do balconista, pareceu se moldar àquilo que tocava. Foi rápido. Eu gritei até. Mas somente quando vi o atendente cair desmaiado sobre as bebidas quase do lado de dentro da bancada que me dei em conta que aquele homem só queria me ajudar.

Botei a mão na boca um tanto surpresa e passei a olhá-lo atentamente.

— Você está bem? — Perguntou parecendo preocupado.

Eu assenti diversas vezes.

— Obrigada. — Respondi, lutando para não gaguejar. — Não sei o que faria caso...

O homem deu as costas virando o corpo lentamente se afastando.

— O que faz aqui? — Perguntou, pegando um pano que estava sobre o mármore do balcão para esfregar nas mãos suadas.

— Não sei. Só procurava um lugar para

PERIGOSAS ACHERON

aliviar minha cabeça.

— Quer que eu a leve para casa?

Neguei.

— Lá é o último lugar que eu quero estar agora. Obrigada.

— Tem lugar para dormir? Casa de alguma amiga onde possa passar a noite?

Novamente neguei. Não queria voltar para casa, isto é, se tivesse alguma escolha. "Por favor, não pergunte o motivo de eu não querer ir para casa".

— Irei para um hotel agora. Acabei de chegar para um trabalho amanhã e é o único lugar que eu posso lhe oferecer estadia já que não quer voltar para casa.

— Você não estaria se aproveitando da minha situação para me arrastar a um hotel, está?

— Perguntei desconfiada. Na verdade, quem ofereceria algo como tal?

— Posso alugar dois quartos se quiser, não tem problema. É o mínimo que posso fazer por você, garota.

— Amélia. — Repreendi um tanto

insegura. Mesmo sendo autor de um ato altruísta eu não sabia com quem estava falando e sim... Arrisquei-me ao corrigi-lo sem saber o que poderia acarretá-lo.

— Nathaniel. — Falou ele. — Caso queira minha ajuda, eu estarei lá fora te esperando. Só não demore. Não gosto quando sou feito de palhaço.

Então virou as costas e saiu me deixando só com o balconista que aos poucos despertava. Merda! O que poderia fazer? Negar o convite e voltar para aquele inferno chamado de casa ou arriscar ir para o hotel com aquele cara que me salvou e, se for verdade o que ele disse, ser ajudada?

TIC-TAC
TIC-TAC...

Empatia Fatal

"Nunca imaginei que alguém como ele fosse me ajudar como ajudou. Apesar de ser bonito, sabemos que aparências enganam, não é mesmo? Talvez, logo depois que eu me iludir, descobrirei que enganam mesmo".

— AMÉLIA.

NATHANIEL

Ela entrou no carro sem dizer exatamente nada. Talvez estivesse caindo em si depois que tudo aconteceu e ficar em silêncio era a melhor maneira para controlar o possível choro pós-nervoso que viria logo.

Virei a chave já engatada e dei partida para o hotel mais próximo.

Com a cabeça livre, passei a lembrar da cena que ocorrera e o motivo insano que me fez

ajudar a garota. Ele abusaria dela, iria estuprá-la e só Deus sabe o que faria depois. Matá-la?

Balancei a cabeça para afastar as palavras que escapuliram de minha mente sem vontade, porém, não consegui. *Morte, estupro...* Lancei um olhar pelo retrovisor e a vi de cabeça baixa.

O que estava pensando?

De repente, o fogo atingiu minha mente de forma que me deixou desnortado. O meu grito se materializou na lembrança ao visualizar minha mãe incendiada. Eles a haviam estuprado e depois a colocado para morrer carbonizada. Eu não tive como impedir. Não tive, *não*... E, muito menos, de me despedir naquela noite.

— Nathaniel. — Ela chamou pelo meu nome. — Desculpe presumir de você. Eu tinha mais é que ser grata pelo que me fez.

— Talvez, no seu lugar, eu também temeria. Não tem problema. Já estou acostumado em ser julgado.

A vi sorrir, mas algo dizia que aquilo não era tão sincero quanto deveria.

— Posso fazer uma pergunta?

— Já está fazendo uma. — Respondi abrupto.

— Além dessa. — Eu assenti. — O que o levou me salvar daquele cara?

Não respondi imediatamente, somente quando a percebi esperando que me habilitei falar.

— Minha mãe.



Amélia entrou logo depois de mim, quase acompanhando meus passos. Eu permaneci com a expressão fechada, não por estar de alguma forma nervoso, mas pela necessidade de carregar um ar um pouco mais autoritário.

Após sairmos do carro, a garota não fez pergunta alguma. Estaria ainda desconfortada? Desconfiada, talvez.

Parei na frente do balcão e olhei para a recepcionista. Vi Amélia parar ao meu lado e desta vez não demonstrou estar desconfortável, não quis demonstrar eu acho, porém, o ar de desconfiança ainda era presente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Em que poderia ajudá-lo? — Perguntou a mulher, fitando-me.

Desviei minha atenção e me dediquei a olhar para Amélia esperando uma reação de sua parte. Nada.

— Dois quartos, por favor. — Pedi com educação.

A recepcionista passou a pesquisar. Perante o computador pude vê-la procurar por um.

— Desculpe, senhor. Não temos quartos suficientes para ambos. Somente àqueles que já estão reservados. Agora, só temos um quarto disponível.

— Somente um quarto? — Indagou Amélia, pouco assustada.

Ela assentiu em resposta.

— Se tivessem reservado anteriormente teriam quartos livres.

Virei-me para Amélia e a vi bastante preocupada.

— Tem algum problema em ficarmos no mesmo quarto? — Perguntei. Eu sabia que para ela com toda certeza tinha.

PERIGOSAS ACHERON

— Tenho outra escolha? — Sim, claro que tinha. Ir para casa? O que estaria acontecendo lá para ela não querer voltar? — Prefiro ficar aqui a voltar para casa e, aliás, vou ficar acordada a noite toda.

— Um quarto então, por favor. — Pedi, automaticamente tirando a carteira do bolso.

— Dinheiro ou cartão?

— Cartão.

Apertei o andar dentro do elevador enquanto o espelho atrás de nós refletia não somente a nossa aparência, mas também aqueles sentimentos que lutávamos para não demonstrar um ao outro.

— Você não me disse o que aconteceu para ir parar em um bar, Amélia. Gostaria de conversar sobre?

— É complicado. Você não entenderia. — Respondeu.

— Tente. — Pedi, sorrindo. Mas ela negou. — Vai tentar algo contra o balconista?

— E o que adiantaria? — Indagou. — Um boletim de ocorrência não o fará pagar pelo que fez

comigo ou o que fará com outras garotas caso não já o fez com várias antes de mim.

— Ele tentou abusar de você, Amélia!

— Sim, e você estava lá e o impediu. — Retrucou sem pensar. Percebi que para ela aquilo não deveria ser falado daquela forma. — Não tenho o que fazer, Nathaniel.

— Se pudesse fazer, o que gostaria que acontecesse?

Foi quando a vi incendiar de raiva. Seus olhos lacrimejaram com ódio. De alguma forma eu sabia o que ela queria.

— Morte. — Murmurou com uma amargura vinda do coração. — Morte a todos que já fizeram tal ato covarde.

O elevador se abriu e saímos. Dei a chave para ela e pedi para que já fosse para o quarto. E assim fez sem hesitar.

Peguei meu celular do bolso e disquei sem estar ciente de si.

— MESTRE, o que gostaria? — Perguntou do outro lado da linha.

— Wesley, tenho um trabalho para você.



Amélia não viu quando entrei, mas soube de minha presença quando ouviu o som da porta fechando. Ela estava sentada na cama com o celular na mão parecendo um tanto distraída.

Tirei minha blusa e a coloquei sobre a cama, peguei minha chave e carteira dentro do bolso e sentei ao seu lado.

— Se quiser, ficarei acordado. Você pode descansar. Não farei nada com você.

— Eu sei. Só não estou com sono, obrigada.

Amélia deixou o celular de lado quando me levantei e caminhei para o banheiro.

— Se importa se eu tomar um banho? — Perguntei, descalçando os sapatos rentes à parede.

Ela balançou a cabeça negativamente.

Dei-me a liberdade de entrar no banheiro em seguida e lá, tirei minha roupa normalmente. Liguei o chuveiro, sentindo a água quente atingir minhas costas trazendo-me uma boa sensação de relaxamento.

Fechei os olhos pensando no que havia acabado de fazer. Surpreendi-me no que sou capaz quando a raiva empática vem à tona, mas não poderia voltar a trás até porque a esse momento o trabalho já estaria feito. Wesley lavaria suas mãos do fresco líquido viscoso e da essência metálica que lá grudou no ato executado. Não havia mais volta. Não mais.

Saí do banheiro com a toalha amarrada na cintura e com o corpo ainda molhado.

Caminhei até o criado-mudo que se encontrava ao lado da cama em que Amélia dormia. Seu celular largado indicava que a garota não resistira ao sono pesado causado pelo cansaço que lhe atingira. Estava encolhida, descoberta, talvez com frio. Desisti de pegar meu celular para agarrar a coberta no pé da cama e a levei para cima colocando sobre o corpo de Amélia que aos poucos se aquecera.

Nenhuma mensagem mostrava o visor do celular. Dei as costas ao criado-mudo e peguei minha camiseta. Por dormir, não me preocupei com a possibilidade de ela acordar e me ver me trocando. Depois de apertar o cinto no jeans, o

tilintar vindo do celular chamou minha atenção.

Corri para vê-lo. Uma mensagem. De Wesley. De repente, meu coração saltou. Estava feito.

"Trabalho realizado"

O Altruísta e a Privilegiada

Vi à vontade em seus olhos e quando assim desejou, eu assenti. Não era somente um pedido que se faz em vão. Era uma necessidade, uma ordem, por isso acatei sem hesitar.

A sua mesma fúria se tornou a minha logo depois que escolhi te ajudar, te salvar. Portanto, farei sua dor a minha para que não sofra sozinha, farei suas mágoas as minhas para que não chore sozinha... E, também, farei sua felicidade a minha para ter alguém que se alegre junto a ti. Seu braço direito eu serei. “Seu porto seguro”.

—NATHANIEL

AMÉLIA

Acordei com a ranger da porta sendo aberta. Aquilo entrou no meu ouvido de forma tão abrupta que não tive jeito de disfarçar o incômodo.

— Bom dia, senhorita. — Entrou a camareira, carregando em suas mãos uma bandeja. Pela *turbidez* dos meus olhos, não identifiquei realmente o que lá tinha. — Aqui está seu café. Nathaniel pediu para que entregarmos a refeição até seu quarto.

— Nathaniel? — Indaguei. — Onde ele está?

— Não informou aonde iria, desculpe. Ele saiu assim que amanheceu e nos fez o pedido.

— Tudo bem, obrigada. — Sorri, coçando os olhos com as costas da mão. — Coloque aqui em cima, por favor.

Quando assim fez, acompanhei com olhar vendo-a colocar a bandeja sobre o Criado. Ao lado de onde colocara, um pedaço de papel era presente. Pude perceber a Caligrafia delicada, porém sutil. Já em mãos, pude ler o que estava escrito.

Bom dia, Amélia.

Precisei sair logo cedo. Até te avisaria se você não estivesse dormindo tão profundamente. Não se preocupe, não aconteceu nada. Não deitei ao seu lado, permaneci acordado para que tivesse

melhor descanso. Não ouse ir embora. Deixei todos os serviços que precisar pagos. Logo mais, trarão seu café, isto é, se já não trouxeram. Voltarei o mais rápido possível para deixá-la em casa. Em segurança. Relaxe e descanse mais um pouco. Aproveite o tempo sem mim. -Nate.

Não pude impedir a vontade insana de sorrir. Realmente, foi impossível. A cogitação de aquilo poderia ser uma estratégia barata ainda viva fazia pressão sobre meus pensamentos, porém algumas coisas que via e até mesmo sentia, fazia com que o medo fosse anestesiado.

Olhei para seu nome no final do bilhete e sorri outra vez. *Nate.*

De repente, o aroma do café causou um reboleio bom em meu estômago. Fome. Peguei a bandeja e a coloquei sobre o colo e não hesitei em atacar.



A televisão já não possuía a capacidade de desviar meu tédio.

Um tempo depois que me alimentei, outra

camareira veio buscar a bandeja vazia sem dizer exatamente nada. Eu não me importei, pois, minha mente importunava meu ser de pensar nas palavras colocadas naquele simples pedaço de papel.

Querendo ou não, eu teria que admitir que Nathaniel havia sido bastante respeitoso.

Arrependi-me de ter sentido medo depois que li o que ele deixou. Ele é diferente, isso era notável. Não só sua beleza exótica com aquele cabelo fogo, mas sua personalidade pelo pouco que presenciei já o destacava dos demais homens de hoje em dia. Nate fora altruísta, respeitoso, um tanto empático com minha estrutura emocional e, além de tudo, paciente. *Não!* Eu não estou em condições para ser atraída por alguém.

Nathaniel é somente um cara que me ajudou e só...

O som da porta sendo aberta me fez pular da cama.

— Amélia, não esperava que ainda estivesse aqui. — Sem eu esperar, justo ele adentrou o quarto e me encontrou segurando o bilhete que deixara. — Posso ver que recebeu meu recado. Obrigado por não ir embora. Não é sempre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que uma garota aceita um pedido desses.

— Por quê? A maioria delas vão embora ao amanhecer? — Perguntei curiosa.

— Presumo que elas devem pensar que os homens querem algo a mais. — Ele sorriu. Dentes brancos, ofuscantes.

"E geralmente não querem?" Seria a minha resposta imediata, mas desviei o pensamento e formulei outro comentário.

— Você deve sair com muitas delas.

— Pode parecer mentira, mas você é a segunda garota que eu trago para um hotel.

— E quem foi a primeira? — Perguntei.

— Ela se chamava Natália. Foi um ato sem pensar, apesar de eu ainda estar na faculdade quando aconteceu. Não lembro muito, mas não foi minha escolha sair com ela. Não trago mulheres para hotéis porque não são todas que merecem tal ação altruísta.

— Devo me sentir privilegiada?

— Acho que sim. — Sorriu, dando de ombros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O céu lá fora chorava em ódio. A chuva caía sem cessar junto com os trovões que insistiam em explodir.

Nate estava ao meu lado, caminhado em direção ao estacionamento. Íamos embora e, como ele mesmo prometera, me deixaria em casa em segurança.

— O que aconteceu com a sua mãe? — Perguntei. Querendo puxar assunto, vasculhei nossas conversas a fim de iniciar outra.

— É muito delicado. — Respondeu, destravando o carro e abrindo a porta para que eu entrasse. — Ela morreu quando eu completei 17 anos. Naquela noite, não a vi voltar para casa como deveria. Encontraram seu corpo em uma mata abandonada. Ela estava irreconhecível... Carbonizada. Ela foi estuprada e queimada viva, Amélia. Até hoje nunca encontraram os culpados.

— Por esse motivo que me ajudou no bar. — Comentei com a voz baixa, pois aquilo tudo, a sua história era traumática e delicada para ser contada livremente. — Desculpe, não queria fazê-lo reviver isso tudo. Poderia não ter falado, eu entenderia.

PERIGOSAS ACHERON

Nathaniel, que já dava partida para fora do hotel, balançou a cabeça contrariando-me.

— Eu confio em você, Amélia. — Falou. — Desde a morte dela eu repudio qualquer ato de agressão à mulher. Não que antes fosse um pensamento fútil, mas agora eu sou capaz de matar alguém depois do que eu vivi.

Dei as coordenadas de como chegar em casa. Nate estacionou o carro em frente ao apartamento. Por sorte, ele tinha um guarda-chuva no porta-malas que foi bastante útil para não nos molharmos. Atravessamos a rua correndo e assim que entramos no condomínio, não demoramos em subir.

— Mora sozinha? — Perguntou Nate enquanto eu destrancava a porta.

— Com meu irmão, isto é, até minha mãe voltar de viagem. — Respondi. — Breno só tem onze anos e vive doente. Bom, esta é a minha casa.

Ele entrou depois de mim rodeando os olhos pelo apartamento que não era grande coisa.

— E onde está seu irmão agora?

— Nos fins de semana ele fica com o pai.

PERIGOSAS NACIONAIS

Breno é fruto de outro casamento. — Respondi. — Se ele estivesse comigo eu não iria com você.

— Ainda não me respondeu o porquê foi ao bar.

— Ontem o pai do Breno veio buscá-lo e acabamos por discutir como sempre. É a pior pessoa que se pode conhecer... — Fui surpreendida por um toque. Nate retirou do bolso seu celular e sem hesitar atendeu murmurando um pedido de desculpas. Parecia ser importante.

Depois que finalizou a ligação, um olhar mais preocupado era presente em seu rosto.

— Aconteceu alguma coisa? — Perguntei.

— Nada que precise se preocupar. Mas precisarei ir. — Respondeu. — Desculpe.

— Quer que eu te acompanhe?

Ele negou, sorrindo.

Nathaniel se aproximou e me tomou nos braços em um abraço. — Se cuida. — Disse ele assim que me largou para seguir até o elevador.

— Quando que iremos nos ver novamente? — Perguntei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se preocupe. Não deixarei de vê-la. Ainda quero conhecer seu irmão. — Respondeu, entrando no elevador.

— Nathaniel! — Chamei antes que a porta se fechasse.

— Sim?

— Obrigada. — Sorri.

— Até mais, Amélia. — Se despediu.

E assim, a porta fechou e eu permaneci naquela vasta escuridão tentando digerir tudo o que havia acontecido.

PERIGOSAS ACHERON

Inevitável

Talvez eu esteja me precipitando ao extremo em cogitar, na parte mais sublime dos meus sentimentos, uma fútil importância por você. Algo me diz que teu altruísmo me levou a este pensamento, mas desde o momento em que presenciei sua dor, o seu real motivo por me ajudar àquela noite, eu estou sendo atraída como se, tanto meu corpo quanto minha mente, estivesse sendo levados pela maré do mar calmo até seu encontro. É difícil lutar contra as ondas que me arrastam. Enfim, chegaria à conclusão que a escolha perfeita seria não hesitar... Que talvez meu Porto seguro seja realmente você.

— AMÉLIA.

NATHANIEL

O que acontecera desta vez?

Dei partida no acelerador saindo da rua de Amélia. Minha mente esfriada não se disponibilizou em sentir tamanha preocupação. Os

PERIGOSAS ACHERON

assuntos seguiriam e não seria um fútil problema que me tiraria do sério.

Enquanto a chuva persistia em toda cidade, meus pensamentos eram submersos no alvoroço que meus sentimentos criavam.

Ela foi a primeira, pensei lembrando-se da conversa. Amélia foi a primeira garota que me disponibilizei em contar, me abrir sobre meus sentimentos depois da morte da minha mãe. Isso já a tornava próxima demais. Já a tornava um alvo. Estaria eu colocando-a em perigo?

De repente, me vi preocupado. Não ousariam tal crueldade somente para me ferir, isto é, até porque não levaria o que hoje aconteceu em diante. Assim esperava.

Wesley me aguardava em frente ao hotel que antes me hospedara. Seu rosto fechado desfez minha confiança insistida em aparentar verdadeira. A coisa estava feia.

Saí do carro, fechando a jaqueta. Não poderia estar chovendo quando cheguei, mas os ventos continuavam cortantes como eram de costume a essa hora. Em seguida, caminhei em sua

PERIGOSAS ACHERON

direção com os olhos serrados. Deveria demonstrar autoridade perante ele.

— Mestre. — Cumprimentou Wesley, assentindo.

— Vamos para dentro. — Pedi. — Este não é lugar para termos esta conversa.

Wesley se calou quase automaticamente, engolindo qualquer coisa que falaria em seguida.

Adentramos o hotel e nos direcionamos para meu quarto. Não tive tempo nem de girar a chave, trancando a porta para ele começar a falar.

— Nossas mercadorias foram apreendidas na revista, mestre. Infelizmente, um dos nossos foi capturado na Alfândega. — Wesley parecia realmente preocupado, porém eu nada faria.

— Já lhe disse que o seu dever é resolver esses assuntos, Wesley. Não foi à toa que te escolhi, não é mesmo? Ou eu deva repensar teu cargo nesta hierarquia?

Sua expressão tremeu. Agora sim estava preocupado, porém com seu estado.

— Jamais, senhor. — Ele abaixou a cabeça condescendo à situação. — Só imaginei que

PERIGOSAS NACIONAIS

deveria estar a par dos fatos. Se a coisa ficar feia deverá se colocar em algum momento.

— Você resolverá tais empecilhos, impedindo o envolvimento de Polícia, espero eu. — Retruquei, esperando sua concordância imediata.

— Os demais duvidam da tua soberania. Querem vê-lo desesperadamente. Açam que pelo fato de viver nas sombras está com medo.

Esbocei um sorriso sarcástico.

— Agende uma reunião sem pressa. — Pedi. — Caso este for realmente o problema irei resolvê-lo. Só espero que esta teia de indagações e precipitações não tenha o seu compartilhamento.

Wesley hesitou. Ficara um tanto surpreso pelo que falei.

— Não senhor. Pouco sei dos seus reais motivos para agora estar ausente, mas pelo direto contato que temos, minha opinião é divergente à deles.

Sorri.

— Obrigado. É bom ter alguém que confio.



PERIGOSAS ACHERON

Não tinha dúvida que Wesley desconfiou da minha pequena ausência. Sei que se o motivo fosse descoberto, um perigo cairia no meu mandato, mas era quase insuportável conviver arrastando o legado que meu pai deixara. O problema era que também não poderia escolher não seguir com o que ele deixou.

Fechei a porta atrás de Wesley quando este saiu e pude relaxar completamente. Em seguida, virei as costas e caminhei para o banheiro a fim de esfriar a cabeça com uma ducha quente.

Rapidamente, tirei a roupa e já debaixo do chuveiro e senti a água cair fria, isto no início, logo depois, a temperatura foi aumentando e meu corpo se adequando a ela.

Respirei.

Eu não poderia colocar tudo a perder desta forma. Não era algo que futuramente eu conseguiria consertar, talvez eu nem esteja vivo para sequer tentar.

Logo, minha mente retornou ao rosto de Amélia. Perdi-me em torno dos meus pensamentos, parecendo hipnotizado quando tudo era uma tosca lembrança daquilo que hoje aconteceu.

Nunca senti nada por uma garota, então o fato seria que estava fora de cogitação eu me apegar a ela depois um minúsculo tempo juntos. Balancei a cabeça sob a água caindo, afastando as lembranças. Acho que pelo motivo de nunca ter ninguém ao meu lado desde a morte de meu pai, meus sentimentos já estavam confundindo a boa ação com algo mais intenso, algo que eu me negava sentir e muito mais cogitar.

Quando meu corpo sentiu uma corrente gélida atravessá-lo, percebi que havia passado tempo demais debaixo d'água. Meus dedos já enrugados comprovavam isto.

Então saí.

Depois de me secar, me vesti com a mesma calça que usava, ficando somente com ela. Meu cabelo molhado estava bagunçado e não me importei. Cansado, me joguei na cama, tateando os bolsos. Agora desesperado. Onde estaria meu celular?

Levantei-me e rodei os olhos pelo quarto em sua procura. Merda. Tive que colocar a camisa e descer para procurar no carro, mas nem mesmo lá estava. Voltei ao quarto e o telefone do Hotel

estava tocando. Fui até ele e atendi.

— Alô?!

— Sr. Nathaniel, aguarda aqui na recepção uma garota chamada Amélia. Pedi para que o senhor descesse para encontrá-la. — Respondeu a recepcionista.

— Amélia? — Indaguei surpreso. — Claro, desço sim. Peça para aguardar, por favor.

E desliguei.

Só precisava raciocinar um pouco e no fim, um sorriso de meia boca surgiu em meus lábios.

Quando descii ela estava ali como eu a deixara mais cedo. A única diferença era que agora seu cabelo estava preso em um coque frouxo. Sua pele negra estava se destacando na imensidão de funcionários brancos com típicas roupas formais. Seus olhos âmbar me fitaram e em seguida um sorriso se formou.

— Que bom que desceu. Eu não subiria, sinto muito. — Ela riu, simpaticamente. — Você ficaria sem celular.

Sua mão afundou no bolso traseiro e de lá meu celular apareceu em sua mão. Amélia me

PERIGOSAS NACIONAIS

estendeu o aparelho sorrindo.

— Como o encontrou? — Perguntei, pegando-o. — Estava procurando por ele agora.

— Vi *cair* quando entrou no elevador, então esperei um pouco e vim te devolver já que não consegui alcançá-lo em seguida. — Respondeu ela, respirando cansada.

— Veio até aqui para me trazer o celular, Amélia? Não precisava... Você mora longe daqui.

Ela balançou a cabeça rindo como se quisesse desviar da minha preocupação.

— Teve sorte que carreguei meu Bilhete Único ontem. — Comentou. — Bom, eu vou indo. Estou cansada. Só vim mesmo porque pensei que talvez você use o celular para trabalho. Pode me acompanhar até a saída?

Assenti, seguindo-a.

Quando a entrada foi aberta, nos deparamos com o sereno baixo como prelúdio da chuva. Acompanhei até o ponto de táxi, prometendo bancar o transporte. Até lá, trocamos algumas conversas fúteis, isto é, até a chuva chegar realmente.

PERIGOSAS ACHERON

Corremos até uma pequena cobertura para usá-la como abrigo e lá, tudo o que eu hesitava passou a ser real. Seu corpo colado no meu, nossas ofegantes respirações em sincronia e nossas roupas já transparentes pela água só piorou as coisas. Mas era inevitável.

Seus olhos pousaram nos meus e nos aproximamos sem querer, totalmente movidos pela atração instantânea. Meus lábios se moldaram aos dela, aquecendo-nos. Não era errado. Desci minhas mãos até sua cintura e puxei-a, colando-a em mim.

Era impressionante como a lua não estava coberta pelas nuvens cinza aquela noite.

Medo & Cogitações

A razão pela qual me fez impossível conseguir controlar meu corpo naquela fração de segundos era maior do que qualquer coisa que eu já presenciara na vida.

Realmente, no começo, eu não queria nem ao menos pensar em exercer tal ato inesperado, mas evitar não estava em questão. E talvez eu me arrependesse se não tivesse feito nada.

Não tenho nem ideia para onde a consequência dos nossos momentos juntos me levará, porém, a este ponto pouco me importava uma vez que, como a lua contorna a terra, meu mundo te orbita, fazendo-me total dependente seu.

— NATHANIEL

AMÉLIA

Acordei depois de sonhar que o beijava

novamente. Era impressionante como tudo ainda era real na minha mente.

A força exercida por seus braços ao me envolver, o calor nítido do seu corpo notavelmente definido... O gosto da sua boca, a voracidade da sua língua que constantemente dançava se enroscando com a minha.

Minha mãe sempre me disse que devemos ceder àquele que instantaneamente nos faz suar frio pelas mãos, que nos traz uma euforia, tornando difícil manter a respiração em ordem, que nos presenteia com a incrível sensação do coração parecer sair pela boca... Que torna a falta de ar algo prazeroso. Eu senti todos os sintomas debaixo daquela chuva de começo de noite ao lado dele.

Naquele momento, não parecia a gravidade ser tão eficaz em me segurar no chão. Eu estava sendo puxada por ele, perdida em devaneios serenos e recheados de um sentimento chamado, talvez, paixão.

Eu sabia que parecia loucura da minha parte em estar tão segura quanto aos meus pensamentos, mas não havia nada perante a minha visão que me provasse o contrário. Nathaniel

PERIGOSAS NACIONAIS

parecia ser perfeito em todos os sentidos. Rapidamente o assemelhei como um círculo, redondo e claramente verdadeiro sem qualquer canto escuro e permeado de mistério quanto um quadrado, por exemplo. Mas o real problema agora era que em um instante ele está tão presente e em outro, está tão distante e, por mais engraçado que seja, constantemente ele serpenteava em minha direção.

Joguei-me da cama, tocando o chão gelado primeiramente com meus dedos do pé. Isso já comprova o quanto eu estava bem após a noite passada.

Era domingo e o sol gritava enquanto entrava pela janela iluminando meu quarto. A ausência de Breno não era boa para mim. Mesmo com a casa silenciosa e sem bagunça, eu ainda optava por ter dor de cabeça e vê-lo brincando. Ele era só um garoto que era obrigado a viver no meio de uma intriga familiar... O que era uma pena, pois minha mãe e muito menos o pai dele se importavam com o bem-estar do garoto. Ela trabalhava muito e pouco parava em casa, tornando eu a responsável por ele assim como a origem de

PERIGOSAS ACHERON

qualquer amor e afeto que ele precisava.

Logo cedo me deparei com minha mente turbinando em pensamentos que naquele momento não me fariam bem. Meu irmão não estava em casa e até então era normal. Eu convivia com a situação de toda semana ele ir para casa do pai e eu ter de ficar sozinha e nem por isso eu colocava tempestade dentro do copo d'água como agora fazia.

Finalmente, me coloquei em levantar. Era fim de semana, mas não era motivo de ficar o dia inteiro deitada mesmo se quisesse. Sonolenta, fechei a janela depois que cheguei até ela. Meus olhos já estavam irritados pela luminosidade excessiva e pela *turbidez* tudo piorava ainda mais. Em seguida, os esfreguei com as costas das mãos e passei a ver agora tudo mais borrado.

Direcionei-me até a porta e atravessei o corredor escorando na parede sem a mínima vontade de exercer algum esforço. Quando cheguei à cozinha, abri a geladeira e de lá retirei o leite e manteiga, em seguida, dei alguns passos até o armário quando me lembrei que havia devorado o que sobrou de pão ontem à noite ao chegar.

Simplesmente toda a reação que o beijo me deixou fora resolvido em alimentar a fome que não existia. No final das contas, resolveu e eu pude dormir um pouco menos perturbada com idiotas imaginações de nós dois juntos.

Voltei novamente ao meu quarto e lá me troquei rápido para ir à padaria próxima de casa. Sem muito se importar com minha roupa, coloquei um tênis gastado, uma camiseta regata, uma calça que nem mais lembro qual, pois a fome domava meu cérebro e por fim, amarrei meu cabelo sem me detalhar em deixar preso todos os possíveis fios soltos. Pronta, ou quase, fui ao banheiro e lá terminei o que começara. Escovei os dentes, lavei o resto e me sequei. Lá na sala, saí de casa, deixando a porta destrancada.

O dia não estava tão movimentado quanto eu pensei. Desta vez, não encontrei nenhuma senhora passeando com seu cachorro... O que me alegrou bastante, pois não simpatizava com os cães delas na maioria das vezes.

Atravessei a rua indo para a calçada da padaria, frustrada. Lembrei que o bar onde Nate me ajudara, infelizmente eu teria que passar na frente

do estabelecimento nojento e, na pior hipótese, encontrar o Barman covarde. Mas no fim das contas, meus pensamentos se mostraram contrários e também... Frios, na verdade, perante o que eu vi.

Polícia. Um tumulto de pessoas cercando o lugar.

Seramente, eu me arrependi quase instantaneamente quando vi aquele pandemônio local. Meu peito pesou e minhas pernas tremeram. Sem perceber, elas já me levavam para perto do ocorrido.

No começo, ouvi diversas perguntas. Umas demonstrando tristeza e altruísmo e outras indelicadas como: *"Será que este já faz companhia para o Diabo?"*.

Eu já não sabia mais qual dos lados eu pertencia.

Vi sangue e a polícia interditando o local para que ninguém invadisse sem permissão. Em seguida, fui atingida pela pior cena que poderia ver na vida. Deitado na maca e coberto por um lençol branco que, por sinal, estava marcando pelo vermelho e vivo sangue, um corpo é retirado de dentro do Bar pelo pessoal do IML. Alguém

PERIGOSAS ACHERON

morreu lá dentro.

— Ouvi os peritos dizendo que o corpo do Barman está morto ali dentro mais do que 24h. — Ouvi um rapaz ao meu lado comentar com sua companheira, uma garota vestindo um estilo mais social. — Calculando em um chute, o cara ali dentro foi morto ontem à noite mais ou menos umas 22h.

O horário explodiu na minha mente. Era mais ou menos o horário em que eu e Nate havíamos deixado o local para seguir até o hotel. Mas não havia tal explicação para o homem acabar morto. Quando saímos, eu vi o mesmo despertando depois que Nate o socara... Não fazia sentido e mesmo que parte da minha mente cogitasse a possibilidade de ser Nathaniel o assassino, o único horário que ele deixara o hotel foi logo na manhã de ontem e a soma de horário que o corpo estava morto não batia com a tal possibilidade.

Porém, quando entrei no quarto eu infelizmente não consegui permanecer acordada e dormi até o dia seguinte que foi quando ele havia saído... Então, pensando bem, Nathaniel poderia ter deixado o hotel ainda àquela hora da noite e

voltado para o bar a fim de executá-lo. Isso sim fazia sentido, uma ponta poderia ser ligada a outra, pois me lembro que ainda no elevador, Nate me perguntou o que eu gostaria de ver acontecendo com o Barman já que eu não iria depor contra a agressão... Nathaniel já carrega há tantos anos a morte de sua mãe que por coincidência fora encontrada morta, Eis mais um motivo que poderia acusá-lo de tamanha atrocidade. Ele repudia qualquer ato de agressão contra a mulher.

"— *Eu confio em você, Amélia. — Falou. — Desde a morte dela eu repudio qualquer ato de agressão à mulher. Não que antes fosse um pensamento fútil, mas agora eu sou capaz de matar alguém depois do que eu vivi.*" — Fora o que eu ouvira da sua própria boca.

Meus pelos arrepiaram e não sabia o que pensar naquele momento. Minha cabeça turbinava com indagações, dúvidas e medo. Eu o beijei e caso meus pensamentos estiverem certos, tecnicamente eu beijei um assassino debaixo daquela chuva. Se ele matou o cara do bar, o que faria comigo? Indo pelo seu raciocínio lógico, não faria sentido ele ter impedido de eu ser estuprada, matar o culpado para

enfim fazer algo contra mim... *Faria?*

Eu estava enrascada. Pela primeira vez na minha vida eu me sentia como uma presa de um estratégico caçador e em outros momentos uma garota com um notável guardião superprotetor.

O que eu faria a seguir era até mesmo um mistério para mim, pois a fome que eu ansiava tanto acabou desaparecendo com o choque de ver alguém com olhos fechados que possivelmente foi morto pelo cara que eu comecei a gostar.

Sutil, Cuidadoso e Mortal

De repente, fui pega por questões que me impossibilitaram visualizar teu rosto. Pareceu que tudo o que passamos, mesmo sendo muito abrupto, foi desaparecendo em cada segundo que eu cogitava o nível que alguém poderia ser mortal para vingar uma pessoa “amada”. O problema era que não houve tempo suficiente para você me amar caso o “SE” entrasse na sua situação. E, se “VOCÊ” não me amando pode fazer tal crueldade, quão tão pior faria se passar a me amar verdadeiramente?

– AMÉLIA

NATHANIEL

Soquei a mesa de vidro com medo de quebrá-la. O suor ameaçava descer pela minha testa enquanto o fogo dentro de mim estava expandindo em irritação.

No último andar daquele luxuoso edifício que me convocaram para uma reunião, eu estava

PERIGOSAS NACIONAIS

perante aos meus acionistas sentados em respectivas cadeiras modernas passando um estresse que me deixava cada vez mais fora de si.

Assim como os terceiros envolvidos estes se reuniram para me atacar por um movimento falhado. Porém, estava tão envolvido com aquela garota que pouco dei atenção aos ocorridos, mas agora eu estava confiante que depois de ontem tudo voltaria normal, que a esqueceria mesmo parte do meu cérebro estando em total negação em apagar indícios de Amélia. Agora era hora de voltar aos eixos e tentar desviá-la de vez dos meus pensamentos apesar de parecer impossível. O fato era que, há muito tempo eu não tinha ficado tão próximo de alguém como ficara dela. Desde quando meu pai foi morto após o luto da minha mãe, eu nunca tive uma vida sequer normal. Instantes depois, eu tive que tomar seu lugar nessa hierarquia desgraçada. Depois que fiquei órfão, foram os malditos seguidores de meu pai que cuidaram, treinaram, a pedido do mesmo, para essa rotina cruel e estrategicamente fria.

Então, estar ao lado de Amélia naquele momento me fez voltar às raízes da minha

PERIGOSAS ACHERON

humanidade, ver quem eu realmente sou debaixo dessa máscara medíocre que preciso carregar todos os dias quando estou na frente deles. Ela realmente despertou o verdadeiro Nathaniel que há muito tempo estava desaparecido. Ela, querendo ou não, me fazia muito bem, me tornava normal novamente, mas, mesmo sendo tentador insistir ficar ao seu lado para me sentir outra vez fora dessa realidade sombria, valeria a pena fazê-la correr todo esse risco? Deveria colocá-la em risco mesmo sendo um ato de total egoísmo? Talvez não seja realmente um sentimento operando meu controle, mas a insana necessidade do meu próprio altruísmo.

Respirei. Estava confuso e perdido com meus próprios sentimentos.

Pisquei. Vi-me de volta à realidade perante a mesa dos acionistas que me fitavam fixamente depois de bater o punho na mesa que, por sua vez, resistiu sem quebrar.

— Desculpem, senhores. Infelizmente, me senti fora de si por um momento, mas já estou bem.
— Falei os observando em uma forma de quebrar o silêncio mútuo. — Como anteriormente dito, foi

um desatento termos falhado na operação de transporte da mercadoria. Entendo que agora estão revoltados, pois um de nós foi detido e ainda mais pela mala apreendida, mas... Já pedi para que cuidassem das nossas informações. Eu, assim como todos, tenho minhas influências e não deixarei que nada aconteça. A única coisa que exijo de vocês é compreensão pelo meu erro no tempo em que estive ausente.

Fiquei um tanto incomodado com os idiotas olhares frios que me cercavam. Poderia até pensar que admiravam a paisagem pela vista que a vidraça – que rodeava a parede – lhe proporcionavam, mas sabia que não era isso.

A luz vinda de fora junto a claridade que esta já possuía tornava a sala de reunião um pouco mais ampla que o normal. Tinha parado para perceber isso agora.

O ar pesou e eu sabia que viria coisa em seguida. Aqueles que rodeavam a mesa pouco acreditaram naquilo que tanto falei, porém era a verdade e se não havia sido o suficiente para confiarem, não haveria nada para resultar em tal aprovação. Um deles, um japonês aparentemente de

quarenta e poucos anos, vestindo um terno cinza, levantou-se e sorriu de forma que me desagradou.

— Ruah Carletto não deixaria isso acontecer. — Comentou, ousando em me comparar ao meu pai. — Seu mandato longo se entendeu, pois realmente cuidava do trabalho. Deixar um moleque sem estrutura para tal seguir seus passos é suicídio!

Engoli cada palavra em seco. Gostaria de me segurar, mas a descida arranhava.

— Acalme-se, Yong. — Pediu gentilmente Wesley escorado na porta da sala. — Contenha seus nervos e procure acatar aquilo que falar com o filho de Ruah.

O japonês gargalhou, ironicamente. Irritando-me.

— Acato?! — Riu, parecendo completamente fora de si. — Jura que quer que eu tenha respeito a ele? Logo ele? — Yong veio se aproximando em minha direção, dando um passo de cada vez. Eu o afrontei, erguendo meu peito e cruzando os braços. Não iria me curvar para ele.

— Sente-se, por favor. — Pedi, firmemente

sem demonstrar fragilidade na voz.

— Quer que eu me sente? — Indagou me provocando. — Não irei mais acatar suas ordens, Nathaniel. Nunca mais.

— Se não seguirá minhas ordens, qual será sua função se aqui continuar? — Perguntei, fitando-o.

— Nenhuma. — O próprio respondeu, rispidamente. — Mas também sei que não me matará assim como nunca matou ninguém, *filhinho de papai*.

Agora foi minha vez de sorrir. Depois, havia algo no comando. Algo incontrollável e insano.

— Tem razão. — Confirmei. — Você não. Tirar teu sofrimento é um presente que lhe daria e agradar ingratos como você não está na minha índole. Wesley, traga a família.

A expressão no rosto de Yong se destorceu quando viu, atentamente, sua família, mulher e dois filhos sendo trazidos para sala por dois dos meus homens completamente amordaçados.

— O que você fez, desgraçado? — Rosnou

ele, levando a mão à cintura... À arma.

Então houve um clique imediato que o parou. Wesley ergueu sua arma e apontava para sua direção.

Yong seguiu meu olhar e lá encontrou um sorriso cruel.

— Andei investigando-o, Yong e descobri que todos esses anos de “parceria”, você só estava me traindo. Eu posso não ser o melhor ou como meu pai, como comparou, mas não sou idiota. De cada setenta por cento que eu conseguia na venda das armas, você, com a ajuda da sua mulher e minha secretária, desviava quinze. Pode até parecer pouco, porém de pouco em pouco que a riqueza é formada. Quando disse que eu não o mataria, estava certo, mas nem tanto. Posso não o matar literalmente, mas a partir de hoje sua alma morrerá de arrependimento por ter me roubado.

Desviei meu olhar para o trio de japoneses ajoelhados no fim da sala, assustado. A mulher e seus dois filhos. Todos homens aparentemente de dez e doze anos.

— Mate o mais velho.

Então, se misturando ao grito de Yong, o som do disparo fez todos saltar da cadeira. O primeiro corpo morto despencou sem vida com um tiro na cabeça.

Havia espirro de sangue no rosto tanto da mãe quanto do outro irmão assim como o cheiro metálico que se entendia no ar e o líquido que se espalhava no piso branco.

— Outra coisa que descobri fora que sua submissão e pouco poder tornou de você uma pessoa burra. Indelicadeza da sua parte, Yong. Para que impor um mandato de confronto contra o bando de Josué tendo que convocar parte dos meus rapazes? Para no fim das contas me enfraquecer já que era tudo uma armadilha e Josué era somente uma vítima. Sabe quanto dos meus homens foram mortos no seu plano? — Perguntei agressivamente. — Dezesete homens, tirando as armas e munições que você roubou. O problema é que eu não dou as caras naquilo que faço como meu pai. Eu sou sutil e cuidadoso, por isso não me destruiu. — Terminei, olhando a outra criança. — Tire a mulher daqui e mate a outra criança.

A mulher foi arrastada aos gritos e mais um

PERIGOSAS NACIONAIS

tiro foi disparado. Todos quietos. Novamente, o tiro na testa derrubou o moleque já morto.

— Dá próxima vez, repense teus atos, japônês de merda.

Virei as costas, andando para fora da sala.

— A Reunião acaba aqui. — Virei novamente para ele dizendo: — Nunca duvide de mim. Quando disse que EU não te mataria, não quis dizer que não poderia mandar outra pessoa te matar. Aliás, Wesley, termine o serviço para mim.

No exato momento em que enfiei as mãos nos bolsos e atravessei a porta, outro tiro.

Yong estava morto.

PERIGOSAS ACHERON

O Preço da Sinceridade

Deparo-me com momentos em que a minha frieza surpreende meus próprios olhos. Eu sei que aquele não sou eu, porém não consigo me conter uma vez que a raiva toma conta. Sou perigoso, tenho consciência disso, mas tudo contém ações e reações justas assim como, em determinadas situações devemos causar esta reação de maneira injustamente. E é logo isso que eu temo. Não quero que meu lado sombrio assuma conta dos meus atos, porém parece que está cada vez mais difícil impedir que as sombras avancem. Não quero feri-la, por isso pensei que seria melhor nos afastarmos de vez... Mesmo indo completamente contra a minha vontade que permanece desatenta nas profundezas mais escuras do meu vazio coração.

– NATHANIEL

AMÉLIA

Desci no exato ponto em que anunciei ao apertar o botão de "Parada solicitada" quando ainda

estava dentro do ônibus. A noite havia demorado a cair, pelo menos para mim. Achava que o fato de presenciar tudo aquilo e ainda mais me deparar com teorias completamente malucas faria que minha mente se ocupasse completamente na luta entre paranoia e razão que pouco perceberia o tempo passar, mas estava enganada até demais. Eu podia lembrar-se do som analógico que o ponteiro fizera a cada novo segundo.

É incrível o modo que as coisas funcionam totalmente contra as suas necessidades. Quando mais precisei que o tempo passasse mais ele demorou. Precisei mais do que tudo e, de certa maneira rápida, voltar à minha monótona rotina de fim de domingo, buscando Breno e enfim ter as palhaçadas dele para me deixar irritada, pois o medo havia fixado em minha cabeça que transformou tanto sua ausência quanto as horas que passavam em um eterno tormento.

A partir daquele momento, eu sabia que a qualquer instante a polícia me encontraria e iria requerer um depoimento conforme as pistas que a perícia encontrasse dentro do bar. Pistas que, poderiam levá-los até mim. Eu não queria de forma

nenhuma ser intimada e se isso significava um problema para mim, imagine para Nathaniel que, estranhamente era minha única suspeita por assassinar o Barman. O que ele faria comigo caso o meu depoimento levasse a polícia a seu encontro? O que era muito óbvio.

Balancei a cabeça, afastando meus pensamentos dos problemas que, na dúvida, só me fariam mal e comecei a caminhar pela calçada movimentada.

Percebi, ficando um tanto surpresa que a casa do pai de Breno se localizava próxima do hotel em que eu havia passado a noite graças à Nathaniel. O que comprovou isso fora uma Cafeteria que fora inaugurada alguns meses antes e, quando eu estava dentro do carro dele me lembro de tê-la visto com clareza.

Virei uma travessa da rua principal em que o ônibus passava e segui retilineamente até o fim desta depois que atravesssei o farol ainda no sinal amarelo.

Marcus morava sozinho, mas isso nunca, em hipótese alguma, fora motivo para ele estar desacompanhado. Eu sabia que a porta da sua casa

PERIGOSAS NACIONAIS

era a principal entrada e saída de diversas garotas que somente estavam interessadas no seu dinheiro e era isso o que mais me preocupava quando Breno ia passar o fim de semana com o pai. Não queria que logo cedo o garoto tivesse um péssimo exemplo, não gostaria que ele se tornasse dono de uma mente machista ou até mesmo egoísta.

Quando lá cheguei, encontrei a luz da sala acesa. Podia nitidamente ouvir a televisão ligada, porém baixa em algum canal de esportes como ESPN.

Levei minha mão até a porta e lá bati três vezes. Provavelmente, na melhor das hipóteses, Marcus estaria jogado no sofá vendo algum jogo enquanto meu irmão lia alguma HQ trancado no quarto e na pior delas, estaria exatamente como o encontrei.

A porta foi aberta, trazendo a minha visão o próprio de barriga inchada, olhos pesados e sonolentos, um cheiro pútrido de álcool curtido e...

— O que faz aqui, *neguinha*?

Uma voz totalmente embriagada.

Como antes dizia... Na pior das hipóteses,

PERIGOSAS ACHERON

o infeliz estaria bêbedo, enchendo a barriga com cachaça barata desde as dez horas da manhã.

Ignorei o idiota apelido racista e adentrei sua casa de expressão fechada, rodeando o ambiente que por sua vez estava totalmente largado à procura de Breno.

— Cadê o meu irmão, Marcus? — Perguntei quando rapidamente me virei para fitá-lo.

Ele, insignificantemente, deu de ombros. Tomou um gole da bebida que era presente naquela garrafa de vidro e caminhou de volta para o sofá.

— O garoto? — Indagou. — *Deve* estar lá em cima.

— *Deve* estar lá em cima? — Exclamei, colocando minhas mãos na cintura. — Como assim *deve* estar lá em cima?

Bufei, irritada.

Marcus me mostrou naquela hora que não estava somente bêbado, mas com toda certeza muito fora de si. Sua camiseta suada fazia jus à quantidade que ele havia bebido e que agora transbordava do seu corpo, seus passos tortos, mostrava que muito menos tinha maneira segura de

PERIGOSAS NACIONAIS

andar e seu olhar sem foco, expunha que nem mesmo enxergar direito ele enxergava.

Dei alguns passos até a escada e olhei para cima.

— Breno! — Gritei. — Vamos embora!

Não demorou muito e ele desceu as escadas carregando sua pequena mochila, sorrindo com tamanha espontaneidade. O envolvi em um abraço apartado e lhe beijei a testa.

Sussurrei um "*Você está bem?*" E logo ele assentiu, porém desanimado.

— Deu janta a ele? — Perguntei, observando Marcus virar mais um gole da bebida.

O silêncio não se prolongou muito.

— Tem comida na geladeira. — Respondeu um pouco enrolado, fugindo um pouco da resposta que eu esperava.

Meu sangue ferveu no momento em que ele se levantou balançando a garrafa já vazia. Não me contive quando passou por mim com aquele odor insuportável. Automaticamente, avancei minha mão, estapeando a garrafa que caiu se estilhaçando no chão.

PERIGOSAS ACHERON

— Negra maldita! — Rosnou ele, fazendo Breno se encolher atrás de mim.

Não dei tempo de Marcus falar qualquer outra coisa e já o empurrei, impulsionando com notável força em meus braços.

— Como pode deixá-lo sem comer?! — Minha raiva subia a cabeça e meu controle ia se esvaziando pouco a pouco. Virei para Breno e o encontrei assustado pela tensa cena que seguia em ruína. — Quando foi a última vez que ele te deu comida?

Breno era um garoto medroso. Sua estrutura magra e fraca, as sardas nas bochechas e os olhos — na maior parte do tempo — caídos não o ajudava em apenas ter um pouco de confiança. Eu tinha dó dele. Dele, mas também de todos que, infelizmente, tem um pai nessas condições. Ele era sempre o motivo de bullying na escola e, ainda por cima, tinha que ser maltratado no meio da família? Não era justo.

Lancei um olhar severo para meu irmão, não por carregar uma raiva dele, mas para que ele não mentisse em relação a minha pergunta. Breno tinha medo do pai, muitas vezes voltara para casa

com manchas roxas pelo corpo após passar o fim de semana com o Marcus, mas dessa vez eu não o deixaria machucá-lo. Pude sentir o garoto tremer. Estava com medo, muito medo, mas sabia que parte dele confiava em mim.

— Me diga, Breno! — Vociferei para ele mais pela raiva no momento do que sua demora em abrir a boca.

Foi quando seus lábios passaram a se mover liberando a resposta em forma de fala que eu tanto necessitava. Naquele momento, eu fugi de mim por indignação, pois não era possível, não era aceitável.

— Ontem... — Disse ele em gaguejo.

Em seguida, encontrei os olhos semicerramos de Marcus fitando meu irmão. O inútil não gostou nem um pouco da resposta do filho, por isso o repreendia. Mas quando eu o percebi com aquele olhar severo meu sangue ferveu tão intensamente. A próxima vez que Breno viesse aqui, ele seria agredido sem hesitação... Ele pagaria por falar a verdade.

— Moleque *bocado*! — Murmurou Marcus antes de a minha mão atingir sua face em um tapa

PERIGOSAS ACHERON

certo. Não consegui me controlar. Para falar a verdade, eu não queria me controlar, mas deveria para o bem do garoto.

O rosto do alcoólatra pendeu para o lado, resultando em seu desequilíbrio. Marcus deu alguns passos para o lado a fim de recuperar a postura, mas não obteve sucesso. Suas mãos tocaram a mesa central da sala que teve o vidro quebrado por servir de um apoio mais pesado do que poderia resistir do homem que queria impedir uma queda pior.

— Vá para cima, Breno. — Pedi, pois sabia que o principal objetivo do pai seria machucar o filho que o dedurara.

Seus pequenos olhos âmbar me encontraram completos de medo.

— Mas, Amé... — Disse ele, pensando em mim que ficaria aqui em baixo contendo Marcus.

— Suba. Agora!

E assim, obedeceu.

Mirei meus olhos novamente no bêbado que estava se colocando em pé novamente. Eu tinha medo. Estava com medo, mas o fato de ele estar alcoolizado e sem maneiras para resistir a qualquer

PERIGOSAS NACIONAIS

tentativa minha, me ajudava em combater o fútil medo para proteger Breno.

— Minha mãe é uma idiota em não te processar por agressão, Marcus! — Exclamei, cuspendo em vociferar. — Não acredito que o deixou sem comer desde ontem, desgraçado! E ainda por cima, gasta todo o dinheiro que deveria ser dado na pensão do menino com bebidas e prostitutas!

— Quando eu o pegar... — Tentou falar, mas teve que interromper para engolir a saliva grossa que aglomerava em sua boca. — Vai aprender a lição.

— Tente! — O ameacei. — Faça algo com ele que eu acabo com sua vida, ordinário!

Marcus, depois de se levantar, deu alguns passos tortos em direção a porta. Pensei seriamente que iria de alguma maneira sair e caso possível, morrer atropelado, cair da escada... Que seja. Qualquer coisa valeria de algo, mas não.

Meu peito doeu quando envolveu os dedos em uma ripa de madeira que pegada atrás da porta. Ele tentaria algo contra Breno.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Recuei de primeira, mesmo sabendo que deveria impedi-lo, mas aquela situação havia ficado tensa. Marcus andou na direção da escada e subiu o primeiro degrau. Não poderia deixá-lo ferir meu irmão. Então, avancei em sua direção na tentativa de empurrá-lo novamente de volta, mas quando agarrei sua camisa e exerci força, não consegui nenhum resultado.

— Me larga, sua macaca! — Rosnou Marcus, impulsionando o cotovelo contra mim.

Eu não pude desviar. Quando seu braço impactou contra meu rosto, eu caí sem hesitar. Cambaleei e logo depois estava grudada no chão.

Ouvi alguém lá fora bater de forma agressiva na porta.

— Abre! É a polícia! — Gritavam na tentativa de atrair alguém.

Vi Breno descer as escadas, saltando de dois em dois e gritando meu nome. Tentei protestar para que ficasse e se trancasse lá em cima, mas já era tarde demais. O garoto atacou o pai, empurrando-o com suas inúteis forças. Marcus não se moveu, apenas ergueu a ripa sobre a cabeça do filho e sorriu.

PERIGOSAS ACHERON

— Agora você aprende a calar esta maldita boca, desgraçado!

Afundou.

A polícia arrombou a porta e me encontrou gritando. Breno estava caído no chão, desacordado e seu pai segurando a madeira com os olhos no menino. De ato sem pensar, Marcus se arrependia enquanto era algemado pelos guardas que adentraram a casa a fim de ajudar. A única coisa que consegui ver foi o mesmo ser retirado de casa por um dos guardas e, com minha visão turva, passos que seguiam até mim.

O segundo policial chegou e se ajoelhou, ficando cara a cara. Loiro, com o cabelo devidamente cortado, um par de olhos azuis que faziam bem ao contorno reto de seu rosto.

— Amélia... — Disse ele com os olhos pregados em mim. Preocupado. — Vo-Você está bem?

Assim que minha vista voltou ao normal, destruindo de vez a visão turva pude ver quem ele era, pois, a voz me lembrava de algo. Era como um mergulho na nostalgia... Como retornar a minha infância e lembrar os prazerosos momentos em que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando pequena, corria intensamente no gramado da praça perto de casa junto com meu amigo.

— Joseph?! — Indaguei surpresa.

PERIGOSAS ACHERON

Presa Fácil

Tive medo dele pela primeira vez na minha vida. Nunca imaginei que Marcus seria capaz de algo como tal, ainda mais com o próprio filho. Foi quando a raiva dentro de mim se misturou com os fatos que percebi a imensa falta que você me faz. Você pode ser o assassino que aparenta ser, mas entre todos os homens do mundo, sendo eles policiais ou não, eu escolheria somente você. Não é só a raiva de Marcus ou até mesmo a sua verdadeira identidade fatal que poderia dar cabo naquele desgraçado que o faz minha primeira e única opção, mas sim seu altruísmo sem precedentes. Iria ser você, o meu Nathaniel, o primeiro a proteger meu irmão somente para me ver sorrindo. Tenho a certeza mais absoluta de que não hesitaria em me ajudar, assim como a minha certeza em acreditar que existe algo de especial em você que me faz ter insana necessidade em tê-lo por perto. Realmente, a consequência da sua ausência se mostra mais letal do que qualquer outra coisa e a certeza de que meu Porto Seguro é

em seus braços apenas fica mais concreta.

— AMÉLIA

NATHANIEL

Eu sou um monstro. Não importa quantas coisas boas eu faça, eu sempre serei um monstro. Um assassino.

Depois que meu sangue esfriou em minhas veias o resultado dos meus atos pesaram mais do que eu esperava. Tinha, tecnicamente, me preparado para a autopunição do mesmo jeito depois em que mandara matar o Barman, mas dessa vez era diferente. Era a vida de CRIANÇAS que foram tiradas pelas minhas ordens frias e insanas. O peso foi maior, talvez pior do que eu suportaria.

— Mestre, em qual horário partirá amanhã? — Perguntou Wesley ao meu lado, no banco de passageiro.

— Mudei meus planos, Wesley. Ficarei mais um dia no hotel. Tenho apenas uma coisa para terminar.

— Qual seria exatamente essa coisa, se é que eu tenho permissão para saber. — Seus olhos

PERIGOSAS ACHERON

sob os óculos de grau me fitavam curiosos.

— Exterminar com o grupo desprezível que apoiava Yong antes que tentem algo contra mim. — Respondi sem ao menos olhar para ele, mas consegui presumir com certeza um sorriso se formar em seus lábios. — Yong tinha muitos apoiadores, antes que pensem em fazer algo, extermine-os.

Wesley sempre fora um ótimo companheiro. Era ele, desde os últimos anos de meu pai, o mais adepto em exercer as mais complexas operações. Depois de ser preso injustamente quando ainda era um Guarda Civil e ficar encarcerado por longos trinta anos, onde não pode estar ao lado da sua pequena filha com câncer que morreu após dois anos de ser condenado, Wesley se rendeu ao crime, pois com todo dinheiro vinculado ele conseguiria dar uma vida melhor a sua mulher que precisou abandonar para manter sua proteção. Eu tecnicamente o entendia. Rebelou-se àqueles que o traiu, optando para uma vida mais fácil, porém somente para os audaciosos.

— Pretende partir após dar cabo aos apoiadores de Yong? Pois já que se estalou nesta

região a fim de observar o carregamento que chegaria e no final nada resultou, por que permanecer aqui?

Ele estava certo. Minha estadia aqui estava chegando ao fim e nada que não seja realmente importante me impedirá de ir embora. Minha mente ainda fixava em Amélia, principalmente quando me imaginava partindo, mas estava convicto de que aquilo não era um dos meus maiores problemas. Mas, Amélia se mostrou diferente de todas as outras que eu tive interesse e era muito estranho da minha parte me privar de sentir algo logo quando uma garota parece realmente valer a pena. Acho que parte disso era prevenção, eu não queria colocá-la em risco justamente por ser uma pessoa legal... Porém, o gosto de seu beijo era doce, sincero e inocente e, em nossos momentos juntos, ela era tudo o que eu precisava não só naquele momento, mas pelo resto da minha vida. Parecia estranho, parecia confuso, mas era um perpétuo pandemônio que habitava minha mente. Eu a queria, mas também não queria. Só aguardava a chegada da minha certeza que, por sinal, também se enquadraria no perigo que existe entre a negação e a aceitação.

— Espero eu sim. Caso tudo ocorrer devidamente partirei daqui o quanto antes. — Respondi após um tempo de silêncio. — Não posso permanecer no mesmo lugar por muito tempo. As ações de meu pai ainda pesam em minhas costas e se eu não as resolver, logo serão letais tanto para mim quanto para todos vocês.

Wesley concordou, assentindo enquanto permanecia calado.

— Prepare o ataque, arquitete a emboscada, seja como quiser só não me importune enquanto isso. Agora mais do que nunca eu preciso de um tempo só para mim. — Pedi, educadamente. Wesley não era qualquer um para ser tratado com arrogância. Além de braço direito ele era meu amigo, então merecia respeito.

Virando à direita na avenida, eu o deixei em um terminal não tão longe e dei partida dali sem hesitar.

Queria esfriar minha cabeça e tomar alguma bebida ajudaria em engolir as consecutivas mortes que eu carregava, quase insuportavelmente, nas costas. Onde eu estava com a cabeça naquela hora? Em que lugar o Nathaniel de coração puro e

PERIGOSAS NACIONAIS

racional estava? Provavelmente perdido na escuridão que a maldade do ser frio e indelicado emanava. *Precisei ser mais frio do que a própria escuridão para manter meus planos seguros assim como meu cargo herdado. Eles duvidavam de mim, haviam perdido o medo e, conseqüentemente, o respeito. Precisei tomar as rédeas novamente mesmo agindo de maneira incorreta e gélida.*

Soquei o volante, enfurecido. Não precisava daquilo tudo para prová-los o contrário, não pude controlar meus atos... Da mesma maneira que não foi possível pensar em uma maneira de não mandar matar o Barman.

Estava ficando muito tarde quando estacionei na frente de uma antiga casa noturna. As luzes piscavam constantemente enquanto o som extremamente alto não pensava duas vezes em sacudir as paredes e tremer o chão. Antes de entrar, conferi minha carteira no bolso e quando percebi que tudo estava em seus conformes, atravessei um apertado corredor onde eu pagaria a entrada.

Já lá dentro, sentei em um dos bancos perante a bancada e silencieei não somente os fúteis barulhinhos vindos da minha boca, mas também os

PERIGOSAS ACHERON

pensamentos que cruzavam de canto a canto na minha mente. A única coisa que eu queria era esvaziar minha cabeça e focar — se possível — somente nas luzes fluorescentes e atrativas que piscavam sem parar. Queria aproveitar normalmente meu fim de noite em uma boate como uma pessoa normal que só queria afastar os problemas implorando para eles não retornarem a sua complicada rotina, porém nada disso era possível, não sóbrio.

Levantei a mão, interrompendo todo o silêncio interno e chamei o Barman.

— Por favor, uma dose de Whisky.

Quando ele assentiu, uma voz feminina encontrou meu ouvido. Tão delicadamente voraz e acompanhada por seu tom malicioso que foi impossível não me virar para ver que era.

Natália, a garota da faculdade, tinha firmeza em seus determinados passos em minha direção. Para cada passo, um som distinto era feito por seu salto tamanho 15 cm. Quando eu a fitei, meus olhos pareceram ficar turvos. Ela estava diferente, mais adulta... Mais mulher. As curvas salientes de seu corpo logo chamaram minha

atenção, assim como sua grossa coxa que era exposta pela fenda lateral que possuía seu vestido rubro.

— Duas, por favor. — Fora isso que ela dissera ao Barman quando eu fui atendido.

Quando, desfilando, chegou até mim, fez questão de sentar ao meu lado me fitando com um sorriso e seu par de olhos felinos.

— Espero não ter que pagar a sua bebida.
— Comentei, parecendo sério demais.

— Oi para você também, Nate! — Sorriu ela me cumprimentando com um beijo mais que demorado no rosto. Propositalmente. — Há quanto tempo não nos vemos? Cinco, seis anos?

Revirei os olhos.

— Desde que se ofereceu para dormir comigo eu não a vejo mais, Nat. — Respondi quase sem ânimo.

— Bom, isso é passado, puta *ruivo delícia*. Olha agora para nós dois. Crescidos, maduros e extremamente sexys. Como um corpo resistirá ao outro por muito tempo?

Foi ela que recebeu as bebidas. Logo,

passou uma para mim e bebeu a sua mordiscando o lábio inferior.

Eu sempre soube que Natália era estirada, mas torcia que depois de seis anos sua "*piriguetisse*" houvesse pelo menos diminuído. Enganei-me completamente.

Se eu estava atraído? Como não estar. Eu sou homem e tecnicamente meu corpo precisa de outro. Era o instinto que muitos não conseguiriam controlar ao lado dela uma vez que seus poros emanavam um cheiro de mulher excitante.

— Fala como se eu fosse uma presa fácil demais para você, Natália. — Comentei, levando a bebida até a boca.

— E acha que não? — Indagou com seu olhar desafiador.

— Prove. — Pedi e foi a pior coisa que eu fiz na vida.

Quando eu encaixaria o pequeno copo na boca para efetuar um simples gole, Natália, propositalmente, esbarrou em meu braço, fazendo o mesmo virar e toda bebida cair sobre mim.

Eu a fitei com sarcasmo.

— Ops, caiu. Deixe que eu limpe.

Natália apoiou suas mãos em minhas coxas e se aproximou furtivamente de mim, levando a língua para lambar a bebida que havia caído em meu pescoço. O toque era quente, porém conseguia ativar meu corpo. Meus pelos arrepiaram quando ela começou a subir com a língua, vindo em direção com a minha boca sem recuar ao traçar um caminho pecaminoso. E, quando chegou ao seu destino, eu a permiti que entrasse em um bagunçado beijo, mas logo se separou, sorrindo.

— Ainda acha que não é uma presa fácil, Nathaniel?

Eu agora não só achava como tinha certeza. Natália era poderosa. Seu corpo não era algo recusável, nunca foi.

Consenti com sua tentação, atacando-a com meus lábios novamente e depois estávamos dentro do meu carro que, por sua vez, estava estacionado no canto mais sublime de um beco.

Nossas bocas se atracavam em pura atração e prazer momentâneo e até o momento que ela desabotoara minha calça – depois de ter arrancando minha blusa, – eu achava que era tudo o que eu

PERIGOSAS ACHERON

precisava, mas não.

Depois de sentir a maciez dos lábios de Amélia qualquer outra boca que eu beijasse se tornaria bruta, depois de tocar Amélia, nenhum outro corpo seria mais moldável ao meu. Impossível. A última coisa que eu percebi foi a tamanha diferença de cheiros. Amélia cheirava inocência, amor, e simplicidade e Natália só emanava prazer e luxúria.

Quando meu cérebro se permitiu tamanha comparação, eu me deparei com o maior e mais complexo problema da minha vida.

Eu estava apaixonado.

Ombro Amigo

Desprevenido, tomei consciência dos meus reais sentimentos no exato momento que eu estava tentando provar a negação. Porém, descobri a existência de algo puro aqui dentro que talvez valesse a pena lutar.

Eu tentei fazer com que você fosse somente mais uma, mas eu já estava marcado desde o momento em que viveu o horror que eu a salvara.

Carregando uma simplicidade anormal, ao seu lado, meus dias se tornaram os mais normais e tediosos da minha vida. Dias bons, que eu necessitava reviver para provar novamente o gosto da minha verdadeira essência. Foi incrível perceber que somente você, minha pequena Amélia, consegue ter tal influência sobre mim.

Quero estar com você, quero sentir sua presença devastar todas as camadas que compõe meu ser, mesmo não sendo propositalmente. Quero sentir outra vez o gosto sutil e delicado de seus lábios, o caminho curvilíneo que minhas mãos traçam ao deslizarem em sua silhueta... Quero sentir meus

pelos arrepiarem a cada toque elétrico ao seu corpo, deixando evidente que eu lhe mereço como você parece me merecer... Quero abrir um largo sorriso e murmurar ao seu ouvido que você é Minha como eu Sou Seu.

– NATHANIEL.

AMÉLIA

As sirenes da ambulância rodopiavam em azul, vermelho e laranja enquanto atravessava a avenida em direção a um hospital mais próximo.

Os braços de Joseph envolviam meu corpo para aquecê-lo. Breno, desacordado, estava deitado naquela pequena maca com um protuberante inchaço craniano que cresceu em sua minúscula cabecinha. A bomba de ar era colocada para funcionar pelas mãos de uma enfermeira ao mesmo tempo em que minhas lágrimas iam descendo automaticamente. Joseph ao meu lado, me apertava cada vez mais, porém nada me confortaria naquele momento. Toquei meu celular no bolso frontal para pegá-lo com minhas mãos trêmulas.

— Vou ligar para minha mãe. Ela tem que saber o que aconteceu. — Retirei o aparelho do bolso sem coragem de discar qualquer número.

PERIGOSAS ACHERON

Tinha medo do que causaria em minha mãe quando souber da notícia. Infelizmente, eu não tinha coragem.

Permaneci parada sem exercer qualquer movimento, simplesmente encarando o celular por poucos segundos que foram interrompidos quando a mão de Joseph pousou sobre a minha. Sua pele estava quente em comparação a minha.

— Quer que eu ligue? — Ele perguntou quando virei meu rosto para encará-lo.

Respirei, levantando a cabeça que estava escorada em seu peito.

— Por favor, Joss. — Entreguei o celular a ele depois de chamá-lo por seu apelido de infância.

Joseph assentiu e em seguida começou a procurar o número de minha na agenda para efetuar a ligação. Justo no terceiro toque ela atendeu.



Quando Breno foi levado para emergência, eu e Joseph fomos direcionados para a sala de espera. Minha mãe havia dito que demoraria um pouco, mas que faria de tudo para chegar a tempo de me confortar, porém, assim como eu estava

antes, ela também se encontrava aos prantos. De primeira, ficou surpresa por Joss ter ligado, depois da notícia entendeu o porquê justamente ele havia ligado. Minha mãe não sabia exatamente o que aconteceu do ocorrido, mesmo tendo perguntado, como a situação era delicada e também pouco era problema de Joseph, ele deixou que eu esclarecesse os detalhes depois que ela chegasse.

Passou alguns longos minutos após termos chegado ao Hospital das Clínicas e eu me sentia um pouco melhor, mas ainda agoniada e ansiosa. Joss ainda ao meu lado, havia interlaçado seus dedos nos meus e, desde o momento em que entramos na ambulância ele nada disse, respeitando minha tristeza. Reparei que estava com um distintivo grudado na camisa e percebi o quanto tempo ele havia disponibilizado para ficar comigo. Na verdade, ele sempre fora assim. Desde criança, quando brincávamos, Joss recusava qualquer coisa que não fosse comida para somente estar junto a minha presença e agora, depois de anos, ele continuará o mesmo... Sempre me apoiando em momentos difíceis.

O silêncio só estava me causando mais

agonia. Já beirava a madrugada e a melancolia só me angustiava mais. Tentei olhar para ele e o percebi de olhos fechados enquanto seu queixo apoiava na minha cabeça. Ele estava cansado ou talvez só condescendesse ao meu silêncio triste.

— Joss — O chamei. —, está acordado?

Senti sua mandíbula se movimentar, rangendo os dentes. Logo, desapoiou da minha cabeça e me juntou ao seu peito em um abraço.

— Sim, estou. — Respondeu somente.

— Me diga algo. — Pedi. — Me distraia. Esperar está sendo um sacrifício que parece perpétuo... Por favor.

Ele não puxou nenhum assunto de imediato, até pelo motivo de não ter nenhum na ponta da língua. Permitiu-se a pensar, presumo eu, mas depois fez como deveria perguntando:

— Pensava em fazer algo em seu aniversário antes de hoje?

— Você ainda se lembra do meu aniversário... — Comentei surpresa mesmo com o momento não a deixando evidente.

— Eu nunca esqueci, não é mesmo? Não

há motivos para eu não lembrar agora, Amé.

O meu apelido. Foi como uma viagem de volta aos meus dez anos de idade. A sonoridade da sua voz era tão infantil quanto a minha, seus passos tortos em direção à murcha bola que eu defenderia caso ele acertasse o chute...

— Não. — Respondi, interferindo na breve lembrança. — Desde que nos mudamos para São Paulo tanto eu quanto minha mãe não demos atenção para nada. Além de conseguirmos comprar um novo apartamento, as próximas expedições da minha mãe seriam canceladas uma vez que ela encontrara uma sede fixa para continuar atuando na área de turismo e por cima, Breno estaria mais próximo de Marcus... — Engoli em seco a pronúncia daquele nome asqueroso para não me entregar a raiva. Respirei. — Mas, no fim das contas, ela não conseguiu se fixar aqui e continua viajando. E por que saiu de Volta Redonda?

Joseph deu de ombros.

— Depois da morte da minha mãe eu e meu pai fomos morar em Osasco. Lá finalizei meus estudos e então comecei a trabalhar, mas logo decidi ser policial. Eu queria saber o que aconteceu

PERIGOSAS NACIONAIS

com minha mãe na noite de sua morte e seguir com carreira militar me ajudaria em descobrir algo e com o pouco dinheiro, recentemente, consegui comprar um apartamento após ser transferido para São Paulo. — Respondeu ele.

— Então só é policial hoje pela sua mãe?
— Quis saber.

Ele negou.

— No começo foi, mas hoje gosto do que eu faço e por este motivo continuo. — Respondeu.

— Nesses anos dentro da Polícia, chegou a descobrir algo?

— A única coisa concreta é que quando ela foi morta uma Organização Criminosa havia acabado de se fixar no Rio de Janeiro. — Respondeu. — Mas quem a matou fez um ótimo serviço e tinha influência na Polícia, pois o caso foi arquivado sem suspeitos.

Minha mãe atravessou a porta da sala de espera eufórica. Quando eu a vi, carregando uma bolsa de ombro que por sua vez escorregava de seu braço a cada passo pelo desespero, eu e Joseph nos levantamos quase automaticamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agarrei minha mãe em um forte abraço enquanto as lágrimas novamente caíam.

— Você está bem? — Perguntou, preocupada.

— Sim, mãe. — Respondi, mas ela interrompeu instantaneamente.

— Onde está o meu filho? — Perguntou com euforia.

— Está na emergência, senhora Martinez. — Respondeu Joss. — Estamos já algum tempo esperando notícias de Breno. Sinto muito.

Minha mãe fez questão de abraçá-lo também. Acariciou seu rosto, sorrindo como se estivesse orgulhosa do que Joseph se tornou.

— Obrigada. — Agradeceu ela. — Não sei o que seria dos meus filhos caso você não aparecesse. — Joss sorriu de volta, acatando o agradecimento.

A porta da emergência foi aberta e vimos com atenção o médico sair da sala carregando sua prancheta. Veio em nossa direção com a expressão indecifrável.

Realmente, eu não conseguia ver o que

PERIGOSAS ACHERON

estava por vir.

— E meu filho, como que está, doutor? —
Perguntou minha mãe rapidamente.

Eu dei minha mão a ela enquanto a outra estava junta a de Joseph. Bom, eu já esperava o pior.

— Infelizmente eu terei que noticiar que o garoto está em coma devido à forte pancada no crânio, mãe. — Disse o médico, parecendo entristecido.

Minha mãe estampou a boca incrédula para conter o choro e eu afundei meu rosto inundado em lágrimas no peito de Joss que, por sua vez, a única coisa que poderia fazer naquele momento era me acariciar e estar ao meu lado para quando eu desabar.

Ao Seu lado é o Meu lugar

Foram as piores palavras que eu já ouvi na minha vida. Elas conseguiram me derrubar de uma forma que tirou toda minha – já pequena – vontade de sorrir e... Você não estava lá para que seus braços fortes me acolhessem, porém Joss estava. Mesmo eu não sentindo com ele aquilo que sinto com você, foi o meu amigo quem me deu o braço quando mais precisei. Não, não o culpo por isso, sei que não havia maneiras de ao menos saber o que acontecia comigo naquelas horas agonizantes, mas meu corpo necessitava da sua presença. Sua falta criou um vácuo extenso que foi preenchido pelo altruísmo desta vez de Joseph. Mas, mesmo não estando tão claro, nas profundezas mais escuras do meu coração eu sei a quem pertença... Eu sei que você é meu assim como eu Sou sua.

– AMÉLIA

NATHANIEL

Acordei com o bater repentino na porta. Eu estava debaixo dos lençóis nu. Nunca imaginaria que eu chegaria a este ponto só para tirar Amélia da minha cabeça. Outro fato era que Natália havia aproveitado minha carne fraca para me fazer sua mais recente diversão.

Pedi para que a camareira entrasse e quando assim fez, ela, carregando em suas mãos duas toalhas limpas, trocou as que já estavam úmidas no toalete. Eu a agradei e depois a vi partindo de cabeça baixa.

Após ouvi-la trancando a porta foi o momento em que me joguei da cama indo imediatamente para o banheiro. Liguei o chuveiro e senti um choque corporal quando a água fria impactou em minhas costas quentes.

Não havia maneiras de esquecê-la. Não importa quantas mulheres eu levasse para cama, todas as vezes que tentasse me entregar ao prazer sempre seria Amélia que ilustraria minha mente. Eu não gostaria de me apegar tanto a ela se fosse possível. Não queria magoá-la, não queria, não aceitaria de forma alguma, nem mesmo na parte

mais sombria do meu ser, cogitar uma possibilidade de vê-la ferida. Doía em mim ter que imaginar sequer um fio de cabelo dela fora do lugar. Já havia matado alguém por meu indomável altruísmo pela Amélia e não seria problema algum se eu precisasse executar outra pessoa, isto é, caso não fosse eu o motivo de suas feridas, pois agora não tinha plena certeza se me controlaria ou me suicidava de vez. A única coisa certa era que eu não suportaria qualquer fosse o mal que acontecesse com Amélia... Não suportaria como não me perdoaria mesmo não sendo meu dever protegê-la.

Balancei minha cabeça, fazendo água se espalhar no Box abafado. Não conseguia tirá-la da mente e aquilo estava me incomodando uma vez que eu não poderia, em hipótese alguma, estar ao lado dela... Tê-la em meus braços.

Fora muito difícil admitir para mim mesmo que a amo, mas o mais complicado ainda seria compreender que com ela eu não poderia ficar.

A minha atual vida eliminava qualquer meio de felicidade que por algum acaso seria possível viver sem colocar ninguém em risco. Tinha que carregar este fardo até o dia da minha

morte. Mas quando meus olhos encontraram os dela, algo dentro de mim enlouquecia em gritar que pela primeira vez em toda minha vida eu teria felicidade. Não só sentia isso dentro de mim como estava claramente exposto em seus olhos âmbar, porém eu não sabia o quanto esta felicidade me custaria. Pouco não era, eu tinha certeza.

Envolvi a toalha branca que a camareira trouxera e saí do banheiro depois de ter secado o cabelo.

Era meu último dia neste hotel, último dia em São Paulo... Último dia perto de Amélia e literalmente eu não sabia o que fazer enquanto Wesley não me retornasse com notícias da execução do grupo de Yong.

Rapidamente, vesti as roupas que trouxe comigo quando me instalei no hotel e peguei meu celular. Nenhuma mensagem.

A última vez que Wesley me ligara foi quando saí da casa de Amélia depois de tê-la dado carona. Lembro-me de trocarmos breves olhares enquanto a porta do elevador se fechava. Eu lhe prometi que voltaria para conhecer seu irmãozinho e no fim das contas não voltei. Depois disso, fora

PERIGOSAS NACIONAIS

Amélia que veio atrás de mim, pois havia deixado o celular cair no elevador. Eu sabia o que fazer neste meio tempo que Wesley não dava notícias.

Quando descí do meu quarto já com a mala feita hesitei uma primeira refeição, indo fechar as pendências na recepção. Não voltaria para o hotel depois de sair. Minhas intenções foram por água abaixo logo no dia em que me hospedei aqui. As mercadorias não foram entregues e minha ruína deu início ao conhecê-la. Efetuei o pagamento com cartão clonado, sem estar cadastrado com meu nome verdadeiro e parti diretamente para o estacionamento em seguida quando acabei. Lá destravei meu carro e, depois de adentrá-lo, dei partida para o meio da rua em direção ao apartamento *dela*.

Tinha somente uma pequena noção de onde era, até porque quando eu a levei estava de noite e eu pouco conseguia ver para estabelecer pontos de referências ao mesmo tempo em que ela indicava as direções certas. Somente lembrando o tom delicado da sua voz falando as ruas que deveria virar, finalmente consegui chegar após passar antes em uma loja de brinquedos e comprar algo para Breno.

PERIGOSAS ACHERON

Estacionei em uma rua travessa de onde o prédio se localizava. Percorri a pé a curta distância até a portaria e quando lá cheguei, apertei o interfone.

— Bom dia. — Disse o porteiro pelo aparelho de som grudado no portão de metal.

— Bom dia. — Respondendo agora irritado, pois não se lembrava de ter visto o número do apartamento. — Vim visitar uma garota chamada Amélia. Desculpe, não lembro o número do apartamento, só sei que é no sétimo andar.

Torci para que ele me deixasse entrar. Não gostaria de perder viagem à toa. O porteiro silenciou, mas logo respondeu destravando o portão.

— Conheço quem é. — Disse ele, desta vez pela janela que havia na cabine onde ficava. — É o apartamento 73. Gostaria que eu anunciasse sua chegada?

— Não, não. Obrigado. Quero fazer uma surpresa. — Sorri e atravessei o hall de entrada do condomínio, indo para a ala dos elevadores. Dei graças a Deus que este porteiro fora agradável o bastante sem ser desconfiado ao me deixar entrar.

Apertei sua companhia, esperando que ela estivesse em casa já que não tinha certeza. Porém, ouvi o som da chave destrancando a porta e, logo depois, ela sendo aberta.

— Joss, eu não termi... — A voz de Amélia estava carregada. Seus olhos pesados parecendo estar prestes a se entregarem ao cansaço. — Na... Nathaniel?! O que faz aqui?

Amélia recuou um passo, surpresa. Atrás dela, peças de roupas estavam jogadas no sofá junto a uma pequena mochila. Percebi quase de imediato que ela não estava nada normal.

— Amélia, você está bem? — Sem ela ter convidado, entrei em sua casa preocupado.

Levei minha mão até sua bochecha e acariciei.

— Aconteceu alguma coisa? Onde está Breno? Eu vim vê-lo e trouxe este brinquedo para ele.

Notei ela respirar fundo e depois a vi assenti.

— Breno... Ele está em coma, Nathaniel.
— Respondeu Amélia, cedendo à lágrima que

pesava em seus olhos.

Minha visão embaralhou no exato momento em que ouvi aquilo. Minhas pernas bambearam ameaçando não resistir meu corpo, meu peito doeu em uma pontada aguda e não sabia o que fazer além de agarrar Amélia em meus braços e apertá-la contra meu corpo enquanto meus olhos começavam a lacrimejar.

— Mas... O que aconteceu? — Quis saber.

Amélia estava devastada há algum tempo. Aquilo não havia acontecido agora e se sua expressão denunciava tristeza, este era o motivo.

Ela soluçava. Neste instante, nenhum pensamento de tê-la junto a minha boca em um novo beijo, mas sim a vontade de estar ao seu lado para apoiá-la e sofrer junto.

— Aconteceram algumas coisas, Nate. — Disse ela, erguendo a cabeça com o rosto cheio de lágrimas. — Eu não devia... Eu sou culpada por ele estar daquele jeito...

Aquelas palavras de autopunição doeram em mim. Fixei meus olhos nos delas e ergui seu queixo para que sua visão mirasse minha face.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, Amélia. O que for que aconteceu você não tem culpa. — Respondi duramente. — Não quero vê-la se culpando pelo que aconteceu com seu irmão. Prometa para mim que não se culpará. Por favor.

— Eu... Prometo.

Abaixei meu rosto e beijei sua testa com os olhos fechados enquanto limpava suas lágrimas que traçavam um caminho desastroso por sua bochecha.

— Obrigado. — Agradei ao mesmo tempo em que ela se soltava de mim, indo para frente das roupas vendo peça por peça. — E agora, para onde vai?

— Minha mãe está no hospital com ele. Estou levando algumas roupas para ela se trocar. Eu passei a noite lá e só voltei para pegar as roupas. — Respondeu, dobrando as roupas dentro da mala.

Cruzei os braços e escorei no batente da porta, olhando-a.

— Quando aconteceu?

— Ontem à noite. — Respondeu sem olhar para mim. Fiquei satisfeito pela resposta. Não iria prolongar sua tristeza perguntando *como* aconteceu.

PERIGOSAS ACHERON

Lembrar seria mais doloroso para ela.

— Quer que eu a leve para o hospital...?

Ouvi três batidas na porta atrás de mim e virei para ver quem era.

— Amélia, já está pronta? — Era um homem... Um policial pelo distintivo que carregava. Loiro escurecido, dono de olhos claros como os meus e com uma postura que chegou a me irritar. — Licença. — Disse para mim, mas logo retornou o olhar para ela. — O carro já está pronto e sua mãe acabou de ligar no meu celular perguntando de você.

— Obrigada, Joss. Estou terminando aqui e já estou indo. — Respondeu ela, mandando um sorriso sincero para ele.

— Vou te esperar lá embaixo. — E depois que Amélia assentiu, ele fechou a porta atrás de mim, deixando-nos a sós novamente.

— Obrigada, Nate, mas Joseph já estava vindo me buscar. Desculpe.

— Sem problemas. — Suspirei. — Fica bem, por favor. Espero que Breno melhore rápido. Além de vir vê-lo eu vim me despedir, Amélia.

— Despedir?! — Indagou ela, confusa e surpresa.

— Vou voltar para o Rio. Meu trabalho se encerrou ontem aqui em São Paulo. — Respondi.

Amélia veio até mim com um sorriso decepcionado e me abraçou fortemente.

— *Espero que nos vejamos novamente.* — Disse ela. Não pude evitar a esperança de ouvi-la dizer mais. Talvez um "Não vá" fixou em minha mente de uma forma que se tornou decepcionante quando não fora ouvido.

Eu retribuí o abraço, controlando-me para não tentar beijá-la. *Era o último abraço, último toque... Última vez que eu a veria.*

— Eu também. — Foi a única coisa que saiu na hora.

Depois que Amélia terminou de arrumar a mala dei para ela o brinquedo. Em seguida descemos juntos. Vi ela entrar no carro daquele policial e eu caminhei até a travessa onde eu deixara o meu.

Entrei no carro batendo a porta. Respirei. O nervoso, irritação, a tristeza e decepção subiram a

cabeça se misturando e a minha reação foi me debruçar sobre o volante e lutar para sair daquele carro, correr até ela e dizer que não queria ir... Que minha vontade seria nunca ter que deixá-la caso eu tivesse alguma escolha, pois eu a amava e isso se comprovava a cada pensamento, cada momento que tínhamos juntos. Ergui minha cabeça e me encontrei prestes a chorar. *Ela havia encontrado outra pessoa neste meio tempo que estive afastado?*

Virei a chave e acelerei querendo desaparecer para sempre. Eu tinha que partir, tinha que ir embora... Mas ela sofria. Eu senti sua tristeza quando se despediu. Ela não queria me soltar como eu também não queria soltá-la... Não queria que eu partisse.

Eu pensava que conseguiria continuar acelerando para longe dela, mas não. Era impossível e sabia que a qualquer momento iria me arrepender. Então freei abruptamente, fiz o contorno na rua e dirigi novamente para o hotel. Permanecendo perto dela ela era uma forma de dizer a mim mesmo que a protegeria, camuflando o meu dever de partir.

Era ela, eu sabia. Eu tinha certeza. Era ela

PERIGOSAS NACIONAIS

quem eu queria... Quem eu precisava...

Estaria colocando tudo em risco voltando para seus braços, mas era as consequências que eu teria ao querer ficar ao lado da pessoa que amo. Correríamos perigo, mas tudo valeria a pena se no final ficarmos juntos. *Certo?*

PERIGOSAS ACHERON

Tua Ausência

Estou indo ao seu encontro. Sem medo, porém correndo riscos, eu permanecerei ao teu lado até sua palavra não me quiser mais. Mas, até lá saiba que, em momento algum, não deixarei de te desejar, então usufrua da minha solidária presença. Quero ser para você como um brinquedo é para uma criança, ou como um cão é para um homem... Como Romeu é para Julieta. Saiba que um homem só ama uma vez na vida e eu estou apostando toda minha existência que esse meu amor seja você. Quero destruir toda minha ignorância, toda minha insanidade ao seu lado, pois desde o momento em que seu sorriso me chamou, eu estou voando para submergir em seu coração doce e puro.

– NATHANIEL

AMÉLIA

O meu pior erro foi tê-lo deixado ir sem qualquer importuno de minha parte. Mas o que eu

poderia fazer? Pedir para não ir embora? Talvez fosse isso o que ele esperava de mim. Depois me senti culpada por não fazer nada.

Minha rotina virou de cabeça para baixo a partir do momento em que Nathaniel apareceu na minha vida, isto é, arruinou de vez, pois quando cheguei em São Paulo Marcus já era uma perturbação que eu estava acostumada e não esperava nada surpreso até um dia atrás. Após aquele de cabelo fogo e olhos esmeralda cruzou com o meu caminho eu passei a sentir coisas que nunca imaginava antes de me mudar. Atração por alguém, proteção, acolhimento, paixão, medo, dúvidas e, no fim, arrependimento... E agora ele se foi levando aquilo que um dia me fizera sentir.

Cheguei ao hospital e encontrei minha mãe sentada ao lado da cama de Breno. Seus olhos pesados indicavam cansaço que se manter acordada lhe causou. Tinha dó dela. Nem chegara da viagem que fizera por conta do trabalho e já precisava ficar de olhos abertos, culpando-se pelo o ocorrido. Ela achava que se estivesse presente na hora, Marcus não teria feito o que fez. Tecnicamente, eu também carregava aquele por cento de culpa. Eu tinha

pedido para que ele não descesse a escada, porém também o entendia. Eu desceria do mesmo jeito caso o visse caído... *"Não quero vê-la se culpando pelo que aconteceu com seu irmão."* — Foi o que Nate me fez prometer antes de partir.

Joss caminhava ao meu lado, seguindo os mesmos passos que eu. Ele... coitado. Tinha ficado comigo até o momento que as cinco da manhã explodiu em todos os relógios. Joseph voltara para o departamento e lá ficou até quando precisei que ele me buscasse.

Sua mão ainda grudada a minha dava a entender que tínhamos algum relacionamento, minha mãe até torcia para que algo resultasse dessa amizade, mas a nossa intimidade já era aberta demais para ambos se interessarem por um sentimento seguido por futilidade.

— Mãe, eu trouxe as roupas para senhora poder se trocar. — Disse, pegando a mochila das costas de Joss e colocando-a no criado-mudo ao lado da cama de Breno. — Desça conosco. Vamos ir comer algo, talvez queira tomar café.

— Não, obrigada. — Respondeu ela, sorrindo. — Vão vocês dois. Juro que vou comer

depois.

Assenti, indo até a beira da cama de Breno. Curvei meu corpo, abaixando para tocar sua testa com meus lábios. Em seguida, virei de costas e saí do quarto junto com Joss.

A lanchonete do hospital estava surpreendentemente vazia para uma Segunda-Feira de manhã. Logo quando chegamos, fomos recebidos por um bom dia ao mesmo tempo em que Joseph escorou na bancada.

— Bom dia. — Respondeu ele, lançando um sorriso sincero. — Vou querer um pão na chapa e café com leite.

— Quer dizer então que a história de policiais só comerem rosquinha é falsa. — Comentei, buscando descontrair o clima.

Joseph riu.

— Não. Não é falsa não. Eu até gosto de comer umas às vezes, mas não chega ser uma necessidade. — Respondeu com humor. — Você vai querer o quê?

— Somente um Cappuccino sem muito açúcar, por favor. — Me direcionei a atendente

desta vez que assentiu virando as costas.

Joseph desancorou da bancada e sentou em um dos bancos que acompanhava todo o espaço do balcão. Olhou para mim de uma maneira que fizesse questão de me ver sentada ao teu lado. Enfim, acatei tua vontade, aconchegando-me.

— Me diga quem era aquele cara no seu apartamento? — Perguntou, esperando que eu esclarecesse toda a história.

— Na verdade, nem eu sei te responder direito, Joss. O Nate foi um cara que me ajudou alguns dias atrás. Eu o conheci e ele se mostrou uma pessoa legal. — Respondi, dando de ombros.

Joseph sempre fora curioso demais quando se tratava em relacionamentos com outros caras. Eu percebia que ele nutria um antigo ciúme por mim, talvez a nossa amizade fortaleceu isso enquanto éramos jovens.

— Ele queria conhecer Breno. — Conteí. — Na última vez que veio em casa, meu irmão não estava.

— Então você está dizendo que já levou o cara para sua casa? — Fez uma expressão surpresa.

Eu ri.

— Não é bem isso. Nate havia me ajudado quando eu briguei com Marcus na sexta-feira e por eu não querer voltar para casa, ele... — Respirei interrompendo a conversa. Sabia, tinha certeza absoluta que Joss ficaria abismado se eu contar o que realmente aconteceu. Mas depois de tudo, ele fora a única pessoa que apareceu que eu poderia desabafar. — Me levou ao hotel para passar a noite. No outro dia, ele me deixou em casa e prometeu que voltaria para conhecer Breno.

A expressão que Joss fizera só confirmou minhas cogitações anteriores.

— Beleza, agora deixa me processar. Então você aceitou ir para um hotel com um desconhecido, permitiu que ele entrasse na sua casa e estivesse a par da sua particularidade e mesmo depois de tudo isso não rolou nada. — Bateu palmas. — Parabéns, Amé.

A atendente colocou sobre a bancada nossos pedidos. Joss não hesitou abocanhar disformemente o pão sobre o pequeno prato sem tirar os olhos de mim.

— Bom, o que rolou foi depois quando eu

PERIGOSAS ACHERON

fui, no mesmo dia, ver ele.

Joseph parou de mastigar. Fechou os olhos e murmurou um nítido "Merda".

— No mesmo dia? — Indagou com a boca ainda cheia.

— Ele havia deixado o celular cair dentro do elevador, aí quando fui descer o lixo o encontrei e pensei "Por que não levar para ele?".

— Porque... Um: você nem conhece o cara. Dois: estava noite e ele havia acabado de ter deixar em casa e Três: bem que poderia esperar até o outro dia para ir devolver.

— Mas eu não me arrependo do que eu fiz. — Comentei, pegando o Cappuccino para beber. — Na verdade, foi a melhor coisa que eu fiz na vida. Quando eu cheguei ao hotel e devolvi, Nate...

— Se ofereceu para te levar até em casa novamente e desta vez, fez questão de esquecer a carteira. Uhum... Sim, Amélia. Eu já conheço essa história. — Brincou ele quase me fazendo engasgar.

— Idiota. Nate me acompanhou até um ponto de taxi que havia perto e foi aí que começou

a chover. Nos beijamos e depois entrei no carro e voltei para casa.

— É... Só o vi uma vez, então não posso julgá-lo como costumava fazer, mas até que o rapaz é um bom partido. Combina com você. — Disse, batendo as mãos para espanar as migalhas de pão. — Nunca vi uma negra ser par de um ruivo. Mas e aí? O que esse tal de Nate foi fazer na sua casa hoje além de ver o Breno?

— Queria se despedir. Ele só estava aqui para realizar um trabalho. Já que terminou, teve que voltar para o Rio. — Respondi, sorrindo para a atendente que veio retirar pratos e copos vazios.

— Quanto ficou? — Perguntou ele para a mulher que respondeu a quantia pelo café. — Bom, você nunca teve sorte no amor mesmo. Mais um não vai fazer diferença. — Comentou Joss ainda com seu bom humor, entregando o dinheiro a atendente.

— Porém, este vai fazer. Muita.

Eu e ele nos levantamos, empurrando os bancos para deixá-los no lugar certo.

— Bom, eu vou indo. — Falou ele indo para

PERIGOSAS NACIONAIS

a saída do hospital. — Vão me matar se eu me atrasar outra vez. Pode me levar até lá na frente?

— Claro. — Respondi, vendo sua mão apalpar o bolso.

— Tome. Eu havia esquecido. Leve um Cappuccino para sua mãe quando subir. Coitada... Ela não comeu nada. — Joseph me entregou uma nota de vinte reais que tirou do bolso.

— Obrigada.



Depois que o acompanhei até a saída, passei na lanchonete e de lá levei um café para minha mãe no quarto. Ela estava dormindo. Havia debruçado sobre a cama de Breno e lá cochilava sem perceber.

No fim da tarde, eu e ela voltamos para casa extremamente cansadas. Tomamos banho e quando começamos a assistir à novela, a campainha tocou duas vezes. Levantei do sofá e fui abrir a porta.

PERIGOSAS ACHERON

— Joseph?!

Sua cara estava fechada, seus ombros não demonstravam relaxamentos. Era perceptível que ele estava irritado.

Ele ergueu uma folha e a apontou para mim. Eu já sabia o que era, mas mesmo assim fiquei em choque.

— Você está sendo convocada para prestar depoimento sobre a Morte de Silas Alcântara de Oliveira, o Barman que teve óbito na noite de Sexta-feira. — Falou ele com a voz autoritária. — Amélia, por qual motivo não me contou o que aconteceu naquela noite em que saiu do bar?

Silêncio.

Da Surpresa ao Ódio

Meu coração talvez não esteja preparado para sua vinda. Não importa o quão escancarado eu o deixe, sempre haverá a dúvida de estar ou não fazendo a coisa certa. Eu sinto algo muito forte por você, sei que a atração é imensa, porém devo me entregar?

Eu o amo mais do que qualquer coisa e disso eu não tenho dúvida, mas junto ao amor, o medo caminha lado a lado, fazendo que o sentimento seja difícil de ser demonstrado. Quero realmente me entregar a você, quero pertencer aos seus braços fortes e me sentir única pela primeira vez na minha vida, mas hesito quando me imagino tão presa a você a tal ponto que amar se torne perigoso. Sabe, é complicado, pois com você eu me sinto livre... Fisicamente, mas temo em não ser mentalmente, psicologicamente. Você tem o dom de me deixar querendo mais, de me sentir culpada quando hesito um segundo em beijar teus lábios... E quando você vira as costas algo dentro de mim desmorona em ruína. Já estava acostumada com isso, pois eu sabia que algum dia nos encontraríamos

novamente. O problema fora na última vez em que você se despediu de mim eu já amargurava em tristeza sabendo que nunca mais nos veríamos.

Daqui em diante eu teria que viver com sua ausência pelo resto da minha vida. Então, olharei para lua todas as noites e me lembrei de teus delicados beijos, do calor de teus braços e, assim, o abismo da sua ausência será menor. Era desse jeito que eu esperava.

— **AMÉLIA.**

NATHANIEL

— Nathaniel, quer dizer... Senhor? O que ainda faz aqui? — Wesley perguntou ao se deparar comigo na porta de sua casa. — Achava que já havia retornado ao Rio.

Adentrei o cômodo sem pedir licença, reparando os detalhes daquela pequena e simples casa.

As paredes tinham um tom bege que iam se intensificando pela escuridão que a falta de luz trazia. Uma simples casa de apenas três quartos: Cozinha, Quarto e Banheiro compunha o espaço ladrilhado com um piso de azulejo branco. Wesley

PERIGOSAS ACHERON

havia alugado aquela casa próxima ao hotel que eu me hospedara apenas para ficar o período que eu ficaria aqui em São Paulo. Ele foi esperto, preferiu não gastar dinheiro com mordomias em luxuosas hospedagens para dormir os poucos dias aqui.

— Me informe sobre a execução. — Pedi com firmeza.

Ele assentiu, limpando as mãos suadas na camisa colocada há pouco tempo, direcionando-se ao interior do quarto. Eu o segui.

— Nossos homens fizeram questão de exterminar todos, fazendo da operação um verdadeiro sucesso. — Comentou ele quando parou em frente ao guarda-roupa, abrindo-o — Como imaginava que estaria no Rio a esta hora, tinha em mente te comunicar isso amanhã quando nos encontrássemos. Mas foi até bom que você não foi e apareceu aqui.

De dentro das portas, Wesley retirara um envelope marrom. Levou até a mesa depois de atravessar o quarto e depositou tudo que lá tinha na superfície lisa. Papéis, dinheiro em dólar, um celular, cartões pequenos que possuíam as gravações de algumas câmeras locais com registro

de vídeos e um anel...

— Depois do massacre, pedi para que recolhessem tudo significativo que poderia dizer algo mais sobre as estratégias de Yong contra o senhor. Foi isso o que acharam necessário trazer. — Wesley terminou de falar, ajeitando o óculo sobre o nariz.

Arrastei uma cadeira e nela me sentei eufórico. Eu conhecia aquele anel. Era da minha mãe. O que estaria fazendo dentro do arsenal de Yong? Peguei-o na mão, sentindo o metal gélido provar a divergência de temperaturas, depois o rodei entre meus dedos e o ato apenas comprovou. Era o anel que minha mãe possuía em um dos dedos.

— Reconhece o objeto, senhor? — Perguntou Wesley apenas curioso.

Eu assenti.

Em seguida, peguei os chips de câmeras que possuíam gravações e procurei a data: Treze de Maio de 2007... Um mês antes das polícias encontrarem o corpo morto de minha mãe. Não tive como impedir de abrir minha boca, incrédulo. Se havia algo gravado naquilo estava ligado à morte

PERIGOSAS ACHERON

da minha mãe.

— Wesley, empreste o Notebook um minuto, por favor. — Pedi, contendo-me para não ficar mais estressado e eufórico quanto eu estava.

Com o computador em mãos, inseri um deles na lateral e esperei o programa abrir para carregar as filmagens.

Gravado no vídeo, via-se um carro negro estacionando no fim do beco escuro que fazia jus ao cenário capturado da câmera. Dele, três homens encapuzados, cada um segurando um respectivo objeto culposos. O primeiro, um galão de gasolina. O segundo, uma pá de madeira e metal. O terceiro, um celular... O mesmo celular que agora estava na minha frente. Ambos os três, após saírem do carro preto, se direcionaram até a pequena portinha no fim do beco. Socaram-na tantas vezes que no fim das contas alguém abriu e os deixaram entrar. O resto do vídeo fora somente à noite se estendendo com a chuva.

Aquilo não poderia estar acontecendo... Sem hesitar, agarrei o celular na mesa e o liguei. Demorou alguns segundos para que a tela inicial aparecesse e dela, procurei nos

arquivos e na galeria por algo. Foi justamente nos arquivos próximos aquele dia que eu encontrei a pior coisa da minha vida.

Outro vídeo. Arrependi-me de ter dado Play... De ter assistido.

Os três encapuzados estão desta vez na mata. É noite.

Dois deles carregam algo realmente grande dentro de um saco de lixo preto que insiste em movimentar-se enquanto o terceiro cara é o que filma o vídeo. O que está dentro do saco grunhi. Parece um animal, mas logo se revela uma mulher amordaçada quando um deles manda-a calar a maldita boca... Com essas mesmas palavras. Então vemos também que ela não apenas se move, mas se esperneia em desespero, pedindo socorro. Para contê-la, o encapuzado que a segura pela frente ousa em atingi-la com uma cotovelada. Finalmente ela se cala. Parece então estar morta, mas não.

— Vamos levá-la para o fundo. — Diz aquele que filma. — Assim ninguém ouvirá os gritos quando eu a fuder gostoso. Ninguém mandou essa vadiazinha fazer o que fez e levar um de nós para o inferno.

PERIGOSAS NACIONAIS

Os outros riem, prazerosamente, maliciosamente.

O trio desce o morro enquanto a mata cresce chegando a cobrir metade do corpo. Quando chegam ao interior do matagal, na parte mais escura, encontram, depois do mato verde, uma área arenosa com sua terra vermelha e pequenos pedregulhos espalhados por todo o solo.

Eles arremessam no chão a mulher ainda dentro do saco que grita de dor quando atinge a terra seca. Em seguida, a imagem escurece e só podemos ouvir risos e um som distinto que se assemelhava ao barulho de sacola plástica. Quando a câmera recupera o foco, a imagem esclarece e finalmente o rosto da mulher é descoberto, porém não totalmente.

Respirações tomam conta do som, transformando-o em estalos de estática.

O homem que segura a câmera se aproxima dos outros dois e entrega a eles a pá e uma garrafa de gasolina. Instantes depois, vai até a mulher e se ajoelha, afrouxando seu cinto enquanto os outros mascarados preparam o "Grand-Finale".

PERIGOSAS ACHERON

As cenas seguintes se resumem em puro horror. Movimentos de vai e vem são forçados sobre o corpo da mulher de cabelo fogo que tentava gritar desesperadamente com a mão do homem tampando sua boca. Como anteriormente diziam ninguém a ouviria gritar ali.

Então o vídeo escurece novamente quando a mulher se encontra desacordada. Ela está molhada de suor e suja da areia vermelha presente no chão. O saco preto que a envolvia agora está rasgado. O homem que lhe abusara precisou rasgá-lo para ter mais facilidade.

Quando ela acorda, eles revezam, fazendo-a desmaiar novamente e assim, depois despertar, ser agredida pela terceira vez.

Em outra cena, a mulher ainda apagada é arrastada pelas pernas até uma cova no meio do espaço que um dos integrantes cavara e lá é jogada. O vídeo mostra nitidamente o momento em que eles a encharcam com a gasolina. O líquido, ao fazer contato com o sangue da mulher se dispersa em vermelho.

— Dê um tchauzinho para câmera, vagabunda. — Brinca o filmador ao vê-la abrir os

olhos pela última vez.

Ela geme e eles acendem fósforos. Ela chora e o fogo já toma conta de quase todo seu corpo.

O vídeo finalmente chega ao fim.

Permaneci parado. Sem reação nenhuma, apenas em choque. Eu não conseguia piscar, as lágrimas escorriam sem parar, traçando uma linha reta em meu rosto.

Soluçava, mas não me entregava ao choro completamente. Apertei tanto o aparelho celular depois que o vídeo acabara que não percebi quando havia amassando-o disformemente.

Eu literalmente não tinha noção do que fazer.

— Senhor — Chamou Wesley, lendo as folhas de papéis depois de sentar na minha frente na mesa. —, foi um mandato. Yong não matou diretamente sua mãe, ele foi pago para isso... Muito bem pago. Olhe aqui. — Arrastou o papel pela mesa até que eu pudesse ver com clareza. — Neste documento de transferência de bens quem encomendou a morte assina como "D".

Acompanhei seu dedo indicador e gravado no papel um "*D*" de letra cursiva fora escrito de caneta Preta. Alguém havia mandado executar minha mãe um mês antes dela ser encontrada. Agora eu teria que descobrir o motivo e quem para finalmente fazê-lo pagar por toda dor e sofrimento que a morte de minha mãe me causara.

Eu levantei calado, agradei friamente Wesley e saí noite afora de sua casa, extremamente perturbado do ódio que eu invejava sentir.

Era só questão de tempo, pois o desgraçado apareceria e quando botar as caras ele irá ver o que realmente um mafioso sobrecarregado de ódio é capaz de fazer.

Fatos Contados

Finalmente eu encontrei um motivo para libertar o monstro que grita aqui dentro. Pela primeira vez eu darei aquilo que o saciará. Morte.

Posso parecer o vilão para você, mas entenderia caso estivesse em minha pele. Eu havia sentido a morte dela corroer junto com sua ausência quando jovem e hoje afundo em desgraça com imagens perturbadoras de seu ingresso só de ida. Eu estou enlouquecido, feroz e não terei tempo para ao menos lhe tratar com dignidade. Logo quando descobri que a amo, minha vida emergiu em destruição que somente um passado marcado por ruínas pode proporcionar. Sinto que a minha desgraça é a minha liberdade, que minha ilusão é o amor, aquele único sentimento que consegue me machucar realmente... Que minha única salvação para tudo isso esteja a sete palmos debaixo da terra.

Às vezes quero apenas fugir e me isolar de tudo o que me rodeia. Um minuto de silêncio em alguns momentos é tudo o que preciso, pois não há

maneira de uma mente sobrecarregada suportar por muito tempo. No final das contas, você estará livre de mim e do perigo que eu te represento. Vou querer que sorria quando se lembrar dos meus olhos, eu não sou motivos para lágrimas. Quero que seja simplesmente você e viva feliz uma vez que meus atos já não te representam perigo. Apenas prometa para mim... Prometa que irá sorrir.

– NATHANIEL.

AMÉLIA

A mesa era de metal, do mesmo material que compunha a cadeira, gelada, dobrável que eu sentava. Minhas mãos suavam frio, a ansiedade e o medo eram as únicas coisas que eu conseguia identificar naquela minúscula sala vazia, escura e cinza.

Eu já esperava por esse momento há muito tempo, desde que vira o IML retirando o corpo morto de Silas do bar, que eu seria a primeira procurada para um depoimento, mas quando Joseph aparecera na minha porta com o papel impresso que pedia minha presença na delegacia, meu coração bombeou de maneira distinta.

Minha mãe insistia em vir comigo, mas com muito esforço, eu a convenci ir visitar Breno e procurar saber alguma evolução no seu estado. Não queria que ela se preocupasse. Eu já era adulta e podia muito bem resolver meus problemas, mesmo sendo eles depoimentos de um assassinato quando existe a cogitação de eu ser a primeira na lista de suspeito.

Meu cabelo molhado chegava a me irritar a cada toque gelado com meu pescoço. Eu deveria tê-lo secado corretamente, porém acordei tarde e a única coisa que eu fiz foi tomar banho, me trocar e sair.

Era insuportável ter que esperar alguém entrar naquela sala. Eu me sentia um lixo somente por estar ali. Sabia que eu nada fizera, mas minha mente tecnicamente já me enquadrava entre os assassinos e se, por algum motivo não fosse isso, eu poderia estar um pouco abaixo na hierarquia dos criminosos como cúmplice do obituário... Com Nathaniel como protagonista.

A porta abriu e dela, Joseph entrou segurando um gravador. Não sorriu para mim como de costume. Estava em trabalho e não me daria

ousadia só por sermos amigos. Logo, trancou a porta atrás de si e caminhou até a mesa. Arrastou a cadeira na minha frente, ligou o gravador, colocando-o sobre a mesa e por fim, sentou me encarando duro.

— Se apresente. — Pediu. — Diga teu nome e idade.

Engoli em seco. Nunca me imaginei sendo gravada para algo importante. Meu depoimento seria usado para que a investigação continuasse. Mas para isso, ele deveria ser julgado como verdadeiro ou falso. Deveria bater com as gravações na câmera, isto é, se tinha uma câmera no local. Não tinha certeza se eles haviam pegado todas as filmagens, isto é, desde o momento que eu chegara ao local ou somente do horário presumido da morte do barman, pois não faria sentido eu contar toda a história uma vez que estava registrado na câmera.

— Amélia Martinez. — Minha voz fez questão de sair falhada. Estava aflita, com medo mesmo tendo a consciência limpa e ainda por cima não tinha noção do que falar realmente. Sabia que deveria falar somente a verdade, mas de qual forma

ela tinha que ser falada a ponto de se mostrar real?
— Tenho Vinte e três anos. — Concluí.

Joseph assentiu. Suas mãos se fecharam uma na outra, provando segurança e confiança de sua parte.

— Comece desde o início. Porque foi ao bar da vítima naquela noite de sexta-feira?

Limpei a garganta. Não gostaria que minha fala saísse falhada outra vez, pois daria a entender que eu estava insegura, ou seja, que eu escondia algo.

— Como toda sexta-feira, eu estava esperando Marcus chegar em casa para buscar Breno, porém eu nunca tive um bom relacionamento com o pai do meu irmão. Sempre o achei irresponsável demais para ter o direito de ficar com o menino aos finais de semana depois que viemos para São Paulo, chegando até a provar isso muitas outras vezes. Foi quando ele chegou e eu percebi que havia bebido algo que o deixara um pouco alterado. Marcus é racista e isso sempre me incomodou uma vez que sou tratada como um lixo por ele. Casou-se com minha mãe apenas pela nossa condição financeira na época na qual o

sustentava diariamente. Quando fui intimada pela minha cor, juro que me frustrei e começamos a discutir feio. No momento, eu não queria deixar Breno ir, mas era o primeiro fim de semana que ele passaria com o pai desde que minha mãe pedira divórcio há quatro anos onde, no fim das contas, permiti mantendo meu incômodo expressado na cara. Foi depois que Marcus e eles saíram de casa que aquilo doeu no peito de tanta raiva. Lembro-me de ter dor na cabeça pela irritação que precisei sair em busca de ar. Não tinha intenção de ir ao bar, mas andar não resolvera nada que optei por parar em algum lugar e beber água.

Pronto. Havia contado tudo seguinte os fatos. Como era difícil falar qualquer coisa perante um homem que até então se mostrava autoritário. Joss não estava fardado, com uma arma na mão, mas mesmo assim – sendo um policial à paisana – carregava seu distintivo que conseguia sutilmente me botar tamanha pressão. Ali a situação era diferente.

Eu já havia exposto todo o acontecido para Joseph ontem na lanchonete, porém omitira o que exatamente houve para eu ser ajudada por

Nathaniel. Eu sabia que pelo fato de Joss ser um policial, era sua índole querer saber detalhadamente tudo que acontecera, mas meu dia estava sendo tão cansativos que pouco me importei se havia contado ou não. Até porque, qual diferencia faria? Se não fosse pelo depoimento, nenhuma. O fato era que agora eu não tinha nada para esconder e não havia motivos para ficar com medo logo quando quem estava me interrogando era o meu melhor amigo.

— E depois disso? — Perguntou ele, ansiando continuidade. — O que aconteceu depois de entrar? Teve contato direto com a vítima?

Eu assenti.

— Sim, tive. — Concordei. — Eu entrei pelo motivo que só tinham dois homens sem contar o barman, pois se estivesse cheio nem entraria. Fui diretamente para a bancada e abordei o barman ao pedir uma água. Disse que estava nervosa e só queria me acalmar, foi quando ele me mediu com um olhar malicioso que me deixou mais irritada. Em seguida, ele, sem ser no mínimo condescendente ao meu estado, me ofereceu Vodca. Eu neguei, dizendo que só aceitaria água. Vi seu olhar acompanhar um dos clientes saírem do

estabelecimento, suas pernas sendo flexionadas e ele pular pela bancada. O barman me agarrou, parecia estar bêbado, e pediu para que eu fosse até lavabo com ele.

— Então está dizendo que a vítima queria te levar para um quartinho à parte, ou seja, deixando bem claro, queria lhe fazer algo?

Percebi que Joss estava tão surpreso quanto. Eu não o havia dito que o barman tentou me fazer algo na noite em que conheci Nate, o que levou ele a me ajudar, criando, talvez na sua cabeça, uma visão deformada de Nathaniel e de suas reais intenções comigo.

— Ele tentou abusar de mim. Deixou bem claro isso. — Respondi com firmeza. — Ele só aproveitou a demanda daquele cara para tentar alguma coisa.

— Mas disse que havia duas pessoas no bar. Então a outra ainda estava lá.

— Sim, estava, porém, uma vez que esta está entretida no celular, fica mais fácil para ele me atrair para um canto escuro. Ninguém nos conhecia e sendo assim poderiam pensar que éramos namorados que só aproveitamos o final do

PERIGOSAS ACHERON

expediente para transarmos. — Respondi, explicando a questão que Joss deixou no ar: *Se o barman sabia que o último cliente poderia fazer algo para impedir, porque ainda assim tentou arrastá-la?* Talvez porque ele era um extremo cara de pau?! — Porém, quando eu já estava sendo levada a força para a portinha, quando lutei para escapar, o homem que mexia no celular se levantou, veio até nós e me salvou.

— E quem era este homem? — Perguntou Joseph com parte dele querendo comprovar a presença de Nate naquela noite. — Sabe o nome dele?

— Nathaniel. — Disse já me sentindo cansada. Uma pequena pontada em meu peito deu “olá” de repente de maneira fria e rude. — Ele pediu para o barman me soltar e o barman não cedeu. Quando viu que o escroto avançou para cima de mim novamente ele tomou uma atitude.

— O que ele fez?

— Ele socou o barman que caiu sobre as bebidas. Permaneceu acordado, porém atordado, Nathaniel me ofereceu uma noite de estadia no hotel até porque eu não queria voltar para casa e

saímos logo em seguida. — Terminei.

— Está foi a última vez que viu o barman?

— Sim. Foi a primeira e a última. — Não tecnicamente a última, pois o vi depois morto.

— Onde estava na hora em que a vítima foi morta? — Perguntou, desta vez seguindo o protocolo de perguntas.

— Como havia dito antes, estava no Hotel. — Respondi. — Só voltei para casa no dia seguinte às dez horas da noite.

Joseph levou a mão até o gravador e apertou o botãozinho para desligá-lo.

— Obrigado por seu depoimento, Amélia. — Agradeceu ele sem sorrir.



Depois de o depoimento ser gravado, eu e Joss saímos para almoçar e fomos para uma lanchonete próxima. Sentamos nos bancos um ao lado do outro e escolhemos algo para comer. Desta vez eu estava com dinheiro e pagaria minha conta. Pedi uma Coca-Cola para beber e um hambúrguer pequeno. Já Joseph, um suco de laranja e uma coxinha.

PERIGOSAS NACIONAIS

O clima estava tenso. Meu ânimo demoraria em voltar ao normal depois de ser interrogada e ele estava decepcionado por eu não ter contado.

— Por quê? — Foi a única coisa que perguntou. Eu já entendi quase instantaneamente do que se tratava.

— Desculpa, Joss. Eu só achei que não era necessário. — Respondi.

— Não era necessário? — Indagou ele, irritado. — Um cara tenta te agredir em um dia e no outro é assassinado e você acha que não é necessário contar para mim, seu melhor amigo e policial?

— Você deixou de ser meu melhor amigo há muito tempo, Joseph. Hoje não tenho tanta intimidade com você como eu tinha antes. Não confunda nossas brincadeiras de infância com uma intimidade de dois adultos. Eu gosto muito de você, agradeço por ter me ajudado, mas não, Joss, não senti necessidade de te contar algo tão particular quanto isso. Tem que entender que eu não iria me abrir com você do mesmo jeito que antigamente. — Respondi no mesmo tom de voz.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas agora para esse tal de Nate se abrir é fácil, não é? — Indagou outra vez. Eu estava ficando irritada. Não queria começar a discutir com ele. — Caso tivesse me contado, eu talvez não suspeitasse de você agora.

O sangue subiu quente na cabeça. Ele não deveria ter falado isso.

— Acha que foi eu a pessoa quem matou o Barman? — Foi minha vez de indagar, porém incrédula. — Bem que eu poderia Joseph. E por um momento como eu queria ter o feito quando soube do que aconteceu com aquele filho da puta. Ele tentou me estuprar, mas digo que, infelizmente, nada fiz porque tinha coisas que me interessaram enquanto estive no hotel com Nathaniel. — Fiz questão de provocá-lo ao deixar que entendesse errado. — Porém mesmo assim o crápula está morto e se eu não o matei, outra pessoa o matou por mim. *Eu tenho é mais que agradecê-la...*

Parei quando o vi levar a mão para cobrir o rosto. Seus ombros relaxaram, sua respiração desacelerou e eu percebi que Joss cedera a este ponto.

— Perdão, Amé. — Sussurrou ele,

parecendo arrependido. — Você está com razão. Não tinha a obrigação de me contar nada, nunca teve. Eu só queria que fosse mais aberta comigo. Gostaria de resgatar o nosso vínculo mesmo parecendo difícil.

— Eu te desculpo, Joss. Ainda somos amigos e não quero decepcioná-lo, nunca quis. — Agarrei-o em um abraço reconfortante não querendo soltar.

A nossa amizade fora tão boa um dia que hoje era decepcionante ameaçar cair em ruína.

— Só me responda uma coisa. — Pedi. — O que acontece daqui para frente na investigação?

— Ainda tenho que pegar o depoimento de Nathaniel. Assim como você, ele também foi a última pessoa que esteve com Silas antes de morrer, mas como disse que ele foi embora, terei que enviar uma equipe a sua procura, pois senão a investigação não anda.

Solicitar o depoimento de Nathaniel. Fora isso que ele dissera, fazendo meu coração entrar em desespero. Se por algum infeliz acaso as minhas suspeitas sobre o assassino do Barman estiverem certas, eu acabei de colocar a polícia a sua caçada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sem ao menor ter pensado em privar o nome dele.

A coisa só vai piorando a cada instante.

PERIGOSAS ACHERON

Aviso Decapitado

Acho que nunca lhe agradeci a altura pelo o que você me fez. Sinto que apenas um obrigado não foi o suficiente por ter dado o braço a torcer e me ajudado naquele bar. Eu não agradeci e você foi embora... Não agradeci, mas fiz a merda do depoimento te expondo e agora, por minha causa, Joseph está em sua busca. Tomara que minhas cogitações estejam erradas, pois se em algum caso se confirmar, eu acabei de te colocar em perigo.

Desculpe-me.

– AMÉLIA.

NATHANIEL

Virei a garrafa transparente de Whisky sobre o pequeno copo e me deparei com ela vazia. Já era a segunda que eu pedira e a bebi sem perceber. Sempre tive uma tolerância alta em questão de bebidas alcoólicas. Não era qualquer bebida e muito menos uma pequena dose que teria reações em meu organismo, porém sabia que desta

vez eu havia exagerado.

Perante o computador, meus olhos já estavam irritados pela luz clara que a tela emitia. Eu tinha que encontrar alguma coisa. Nesta vasta rede de comunicação há de haver uma mínima pista sobre o paradeiro do anônimo denominado como *Sr. D.*

A investigação sobre a morte da minha mãe estava sumida no meio de tantos outros arquivos esquecidos e se, em algum momento atrás, o caso foi arquivado sem ao menos ter suspeito isso queria dizer que houve envolvimento de desgraçados milícias que foram pagas para *esconder todo* crime. Estava evidente que eu não encontraria o mandante facilmente então se eu quisesse ter alguma pista, deveria de um jeito, achar o autor do arquivamento e fazer com que ele me levasse até o infeliz. Mas invadir o sistema da Policia não era coisa fácil e, mesmo tendo uma noção, ao tentar meu resultado fora um fracasso total, por este mero motivo, eu estava me aventurando por outros galhos na esperança de encontrar algo finalmente.

O horário não chegou a me assustar. Era

quase meio-dia e eu ainda estava sentado em frente à mesa, vasculhando entre os sites a procura de alguma informação que me levasse ao ordinário do policial corrupto. Isto é, se realmente existisse um.

Da maneira que voltara da casa de Wesley eu ficara até agora. Estava elétrico demais para dormir, nervoso demais para continuar com a boca seca pela ausência da acidez que o Whisky. E, ainda não estava cansado para querer dormir... Eu estava com fome e esperava meu almoço chegar enquanto me afogava em bebida.

Alguém bateu na porta no exato segundo que coloquei a garrafa vazia sobre a mesa. Foram três batidas, seguidas por um pedido de licença. Cada batida um despertar de consciências diferentes.

— Bom dia. — Disse a funcionária do hotel, empurrando um carrinho de metal que sustentava a bandeja com refeição. — Vim trazer seu almoço.

Olhei para ela enquanto pegava a bandeja e vinha em minha direção.

— Coloque no Criado, por favor. — Pedi vendo-a assenti. Assim, levou meu almoço,
PERIGOSAS ACHERON

colocando-o ao lado da cama. — Obrigado.

Ela sorriu e virou as costas. Não a vi sair do quarto, nem poderia estar prestando atenção nisso uma vez que tinha muito que pesquisar. Voltei para o computador quando uma propaganda em vídeo invadiu a lateral da tela falando sobre cursos de Inglês para o Enem. De repente, sou atacado pela minha mente traiçoeira ao não conseguir desviar as lembranças das gravações frias, indelicadas e nojentas que permeava minha mente e sangrava meu coração.

A cada flash de memória, um arfar dolorido. Como alguém pode ser tão insensível ao ponto de ter a coragem de gravar, passo a passo, o estupro e carbonização de uma mulher? Fechei os olhos, controlando a raiva e as indesejáveis lágrimas que forçavam a escorrer. Era a minha mãe. Era. A. Minha. Mãe. Arfei me descontrolando mesmo sabendo que não poderia chorar, não poderia me permitir tal ato sensível e sentimental.

Quando não pude mais aguentar, abaixei a tela do meu Notebook e o empurrei para longe. *Chega por hoje.* Levantei da cadeira de madeira e fui até minha cama onde deixara o celular. Foi

PERIGOSAS NACIONAIS

rápido, quando o peguei na mão meus dedos foram automaticamente discando o número de Wesley.

Chamou uma vez.

Chamou duas vezes.

Chamou três vezes.

Quando a quarta chamada deu início eu sabia que ele não atenderia... O que pareceu estranho e me deixou preocupado. Wesley sempre atendia e caso não pudesse por estar fazendo algo que eu pedira, ele sempre mandava uma mensagem no segundo depois. Porém, desta vez eu esperei sua mensagem e nada. Exatamente nada.

Ele devia estar fazendo outra coisa. Depositando dinheiro para sua esposa, talvez. Era isso que eu esperava. Comecei a achar que passei a exigir muito de Wesley depois que vim para São Paulo, então era justo ele ter um dia de folga. Depois da execução ao bando de Yong, era certo que ele precisava de um tempo para organizar suas coisas. No final, acabei não me preocupando muito, aliás, o que exatamente eu perguntaria a ele se não um pedido de qualquer informação?

Balancei minha cabeça, afastando a visão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

turva e em seguida, fui até o criado e lá pegara a bandeja levando-a para mesa. Comer era a única saída para os pensamentos trapaceiros que rodeavam minha mente.

Depois de banho tomado, à tarde, decidi sair um pouco daquele hotel e dirigir. Fui em busca de estabilidade, calma... Havia percebido que continuar viver naquela incansável rotina seguida por ódio, tristeza e sede de vingança só me traria mais mal. Há de uma hora eu encontrar o mandante e fazê-lo pagar pelo que me causou, mas até lá, no momento, aproveitar o pequeno tempo livre com algo buscando a essência mais humana era o que me convinha.

Parei para entrar no Parque do Ibirapuera e lá encontrei um banco no qual me sentei. Rodei os olhos pela vasta vegetação enquanto aquele cheiro de chuva tomava todo local avisando que viria tempestade logo, logo. As plantas possuíam um verde vivo que fazia jus a tanta beleza que o povo fala a natureza ter. Logo ao lado, a parte da mata verde destacava em um arbusto qualquer a presença de Lírios amarelos. Lírios, a fragilidade rodeada por beleza e delicadeza. Amarelo, a inocência,

PERIGOSAS ACHERON

calmaria e simplicidade. As vozes da minha antiga professora de Biologia tomaram conta da minha cabeça sendo representada por nada mais, nada menos do que Amélia... A minha doce e delicada Amélia.

Sem querer, minha mente em conjunto com minha visão passou assemelhá-la com um pequeno e frágil Lírio amarelo. De repente, a flor criou um enorme significado para mim por ser relacionada à Amélia.

Andei até a flor e arranquei uma do arbusto. Queria levá-la para casa, colocar em um vaso e guardá-la com todo carinho uma vez que não tenho a minha garota aqui comigo.



A tempestade me pegou no meio do caminho. Eu já dentro do carro acelerava para chegar logo ao hotel. A flor estava no banco traseiro enrolada em um pedaço de jornal e cada vez que eu a fitava o par de olhos âmbar me vinham na cabeça. Era só ela, a única que tinha o poder de dispersar meus rudes pensamentos.

Retornei meus olhos para enxergar através

PERIGOSAS NACIONAIS

do vidro embaçado quando meu celular começou a tocar. Wesley. Havia até esquecido dele que quando li seu nome na tela um sentimento de surpresa tomou minha expressão.

— Wesley?! — Indaguei ao atender.

— Senhor... É o Messias — Respondeu uma voz distinta do outro lado.

— Por que está com o celular de Wesley?
— Perguntei, expressando preocupação na voz. — Onde ele está?

— Senhor, encontramos o corpo dele quando viemos encontrá-lo na casa onde alugara.
— Sua voz pesava. Estava receoso. Engasgava. — Cortaram a cabeça dele.

— O quê?! — Gritei ao telefone.

Virei a esquina e quando o portão da garagem do hotel estava aberto, entrei como um raio sem hesitar em pisar fundo por conta do desespero.

Estacionei não lembro como exatamente. Apenas saí batendo a porta com força e já estava atravessando o Hall de entrada para adentrar no elevador que se abria na minha frente.

PERIGOSAS ACHERON

— Me explica direito o que aconteceu. —
Pedi, vendo-me tremer por completo, dos pés à cabeça.

— Eu e o Bernardes viemos aqui para buscar um pacote que estava com Wesley e o encontramos sem a cabeça, senhor. — Repetiu ele. — Alguém deu cabo na vida de Wesley.

Foi o suficiente para desligar. O que eu faria agora? Havia subido para o hotel sem pensar em muita coisa no momento. A surpresa havia sido tão enorme que só pensei em fazer isso.

Bloqueie a tela do meu celular para depois arremessá-lo contra a parede. Merda!
Wesley não! Mas quem faria tal atrocidade a troco de nada? Quem?!

Sentei na cama com as mãos pressionando a cabeça que latejava sem parar. Ao meu lado, uma caixa empacotada se fazia presente. Mas o que era aquilo? Quem trouxera no meu quarto? Encomendas eram retiradas na recepção e não entregadas no quarto. Isto deixava claro que alguém entrara e deixara aquilo aqui. Meu coração acelerou querendo pular pela boca.

E quando eu comecei a abrir a caixa uma
PERIGOSAS ACHERON

mancha rubra só ia crescendo enquanto molhava a embalagem. Ao rasgar com voracidade, a segunda pior visão do mundo se mostrou real na minha frente.

Dentro da caixa de tênis que fora embalada, a cabeça decapitada de Wesley trazia todo o horror, ocupando o espaço que em uma loja seria preenchido por um par de sapatos. Escancarei a boca, aterrorizado. Foi quando vi um post-it grudado ao lado. Um bilhete:

"Estou te observando. Pare de me procurar ou mais pessoas acabarão mortas— Sr. D".

Simplemente Você

Eu não sei o que fazer. Pela primeira vez em minha vida eu me senti ameaçado, em recuo... com medo do que pode vir a seguir. Sinto que minha estabilidade física e mental será insuficiente para fazer qualquer coisa em que perpetue meu estado de defesa. Quero paz, quero ser livre... Quero abandonar esse peso que sou obrigado a carregar desde a morte de meu pai. Quero ser normal apenas. Ser normal com você. Pois, só você tem o que mais necessito: um refúgio para tudo o que me rodeia, tudo o que me ameaça... Tudo o que me faz ser aquilo que finjo que sou. Somente você, minha querida Amélia, meu delicado Lírio amarelo é a única coisa que me salvará da condenação que me aguarda no final desta jornada.

– NATHANIEL

AMÉLIA

TRÊS DIAS DEPOIS...

— Feliz aniversário!

Quando abri a porta, Joseph não hesitou em escancarar seu sorriso enquanto segurava um pequeno, porém confeitado bolo de — Provavelmente — chocolate. Ele passou por mim, colocando-o na mesa da cozinha logo ao lado. Sobre o bolo, duas incandescentes e flamejantes velas formavam o número Vinte e quatro.

Distinto da última vez que eu o vira, Joss não vestia qualquer objeto ou roupa que relacionaria com seu posto de policial. Ali ele era o antigo Joseph, o que eu conhecia e quem possuía toda minha admiração. Seu jeans rasgado, uma camiseta preta e tênis claros, o policial rígido havia se transformado em um belo e atraente homem.

Acompanhei seus passos até a cozinha, ficando em frente ao bolo sobre a mesa com a mão na boca de tão surpresa. Mexi levemente no cabelo procurando desviar a atenção, pois assim, o nervosismo iria embora. Mas, no fim das contas, nada resolveu.

— Não acredito que você fez isso... — Murmurei, fitando-o incrédula. — Meu Deus...

Seu sorriso pode me irradiar completamente. Então, interrompendo minha fala,

Joss começou a cantoria do "*Parabéns pra você...*" enquanto sincronizava a *bateção* de palmas. Demorou um pouco para elas se alinharem no ritmo da música, mas quando assim conseguiu, percebi que não pararia mais.

Realmente eu não esperava por isso. Sim, estava muito provável algo acontecer no dia do meu aniversário uma vez que Joss estava perto de mim. Eu poderia cogitar alguma possibilidade de sua parte, mas achava que por estar lotado de trabalho ele não teria um tempo para me surpreender. Eu estava errada, muito errada... Completamente errada.

— *É pique, é pique. É hora, é hora, é hora...* — Gritava ele com os olhos fixos em mim.
— *Rá-Tim-Bum! Amélia, Amélia...*

Em meio a toda sua euforia contagiante, curvei-me sobre a mesa e assoprei em direção às velinhas. Quando elas foram apagadas, eu ri, mas Joseph deu meia volta na mesa e me abraçou por trás em uma aconchegante demonstração carinhosa.

— Obrigada. — Agradei sorrindo para ele.

Ele abaixou o rosto, beijando minha

PERIGOSAS ACHERON

bochecha. Toque molhado, porém, delicado. Virei para ele e retribuí o abraço, envolvendo seu pescoço e colando-o em mim.

— Vou buscar os pratos. Só um minuto. — Então me soltei dele com uma súbita negação.

Passeei uns dois passos para longe sentindo seus dedos deslizarem pelo meu braço sem ato proposital. Fui aos armários e os abri. Deles retirei dois pequenos pratos. Depois, nas gavetas debaixo, a espátula para cortar o bolo e um par de garfos de metal.

— Isso é umas das formas que você escolheu para se redimir depois do dia do depoimento? — Perguntei, levando as coisas que pegara até a mesa. Joseph deu de ombros. — Porque se essa foi a intenção, saiba que acertou em cheio!

— É errado querer fazer a coisa certa uma vez na vida? É seu aniversário, não é? Só achava que não poderia faltar um bolo.

Peguei a espátula com firmeza e cortei o bolo tentando fazer um pedido mentalmente. *Que Breno ficasse bem, que acordasse do coma logo, pois não sabia quanto tempo eu aguentaria esperar*

PERIGOSAS ACHERON

por ele. Abri os olhos.

— Mas você tinha prometido me levar para sair, aliás, já estou pronta e isso não seria suficiente? Ou você está escondendo algo de mim e para conseguir passar por despercebido decidiu me mimar? Fale, Joss. O que você esconde?

Cortei um pedaço de bolo e lhe entreguei junto com um garfo. Percebi que depois de eu perguntar, Joseph se mostrou desconfortável. Isto queria dizer que, de uma forma ou outra, ele queria me dizer algo.

— O seu namorado é o primeiro suspeito da investigação. A partir do momento em que, coincidentemente, ele viajou logo quando encontramos o corpo do Barman, isto se dá a entender que é um ato de fuga. Desculpe, mas fui escalado para coordenar a procura dele fora de São Paulo.

Respirei. Não era a este ponto que eu gostaria de ter levado a situação quando dei o depoimento. Finalmente, meu medo tomou forma após eu visualizar o grau do problema. No final das contas, Nathaniel seria encarcerado... Por culpa minha.

Balancei a cabeça, afastando os pensamentos que só me prenderia ainda mais a ele.

— Ele não é meu namorado. — Respondi rapidamente. — Obrigada por me contar, Joseph.

Sorri de maneira que parecesse sincero.

Cortei outro pedaço de bolo e comi depois de colocar no prato. Estava ótimo. Da maneira que eu gostava.



Joseph estacionou sua moto em uma rua travessa da boate. Há muito tempo eu não andara em uma moto e quando me deparei com a potranca parada na frente do meu prédio, perguntei para Joss de onde ela surgira. Como resposta, ele disse que vendera seu carro para poder comprar a motocicleta que tanto sonhava. Era uma Suzuki de uma cor laranja fosco com seiscentas cilindradas de alta potência. No começo juro temer de subir nela, mas deixei que a euforia tomasse conta de mim, libertando a coragem que eu ansiava ter, sentir.

Love in the Club era uma casa Noturna bastante frequentada. Todos que eu conhecia pelo menos já fora uma vez nela. Já eu, nem gostar de

PERIGOSAS NACIONAIS

boate eu gostava, por este motivo, foi um sacrifício Joss me convencer a ir.

A música era atordoante. Alta demais e mesmo não sendo aquilo que eu precisava, Joseph insistia em me fazer acreditar que uma dose de diversão me faria bem. Ambos sabiam que não, mas aceitei. Eu enxergava os sentimentos que Joss nutria por mim, via o quanto ele estava se esforçando para deixar claro seus modos educados e altruístas... Só existe uma pessoa que conseguiu que seu altruísmo me tocasse e eu não iria dispensar meu amigo só por ele ser falho na tentativa de me fazer notá-lo com um sentimento a mais. Eu só não poderia suprir seu sentimento por mim. Não queria machucá-lo, pois eu o amava, mas não da forma que ele esperava.

Sua mão estava apoiada em minha cintura. Preocupei-me se minha roupa estava machucando-o. Eu trajava um negro vestido permeado de paetê que terminava no meio da coxa de maneira justa e que tinha a parte das costas aberta sem ser um tomara que caia. Era sem mangas, de estilo regata. No meu pulso, preendi uma pulseira de metal que contrastava pelo vestido assim como meus sutis

PERIGOSAS ACHERON

brincos. Havia soltado e modelado meus cachos pela primeira vez depois que cheguei a São Paulo, fazendo que eles atingissem metade das minhas costas. Sim, eu tinha me arrumado bastante. Isto logo após que Joseph me convenceu a sair. Depois que ele chegara em casa com o bolo, só retoquei o nada formal batom Mate vermelho que realçou meus lábios de maneira incontestável. Dei de ombros, se estivesse acomodando ele logo desapoitaria. Só torcia para que Joss não estivesse resistindo à dor para continuar envolvendo minha cintura.

Como de costume, tínhamos que entrar em fila dentro da Boate. Os seguranças guardando a entrada impossibilitavam qualquer posse de droga ou bebida, mas nada dava certo uma vez que, até mesmo dentro da "casa" havia tráfico. Em nossa frente, mais de vinte pessoas esperavam para entrar enquanto a chuva do lado de fora iniciava com despercebidos pingos que traziam a frieza da noite. Logo, logo, o frio tomaria conta dos corpos, fazendo pelos arrepiarem. Eu estava convicta que nada sentiria a não ser nas pernas. Os braços de Joseph impediriam o frio de se manifestar em mim. Eu tinha o calor do meu corpo e do corpo dele para

PERIGOSAS ACHERON

nos esquentar o suficiente.

— E sua mãe? — Perguntou ele, virando o rosto para me olhar. — Esqueci-me de perguntar por ela quando não a vi no apartamento.

— De manhã ela saiu para visitar Breno e disse que tinha algumas coisas para resolver de tarde por isso não havia voltado ainda. Talvez a essa hora ela já está em casa. — Respondi avançando um passo quando a fila andou.

— Ela ficaria muito feliz se a visse toda arrumada deste jeito. Feliz que está sabendo lidar com a situação.

Sorriu.

— Graças a você. Caso contrário eu estaria em casa assistindo *Netflix*. — Respondi, após já termos seguido toda a fila e estar agora entrando na boate.

Ao som de *Diplo, Revolution*, a música que faz parte da trilha sonora do filme *Step Up 4*, o interior da boate se resumia em centenas de corpos dançantes e suados. A música realmente era contagiante, ela conseguia ativar meu lado festeiro, mas não era algo que eu curti ao ponto de mexer

meus pezinhos sobre um salto incrivelmente alto que eu peguei da minha mãe.

— Vou pegar algo para bebermos. —
Falou Joss, largando de minha cintura e indo até a bancada do barzinho lá na frente. Eu o acompanhei.

Ouvimos o início de uma gritaria que logo se estendeu até o nosso lado. Xingamentos voaram de lá para cá com ameaças agressivas. Então, no meio do tumulto, meus olhos captaram um rapaz avançando contra outro alguém tendo uma garrafa de WISKY quebrada como arma. Meu coração acelerou quando percebi a merda que daria no final. Em seguida, outro rapaz estava ferido e todos gritando ao seu redor.

Olhei para frente e não encontrei Joseph. Onde ele se metera?

Vi seu loiro cabelo refletido pelas luzes dançantes exatamente no meio de todo tumulto. Estava óbvio demais que Joss iria se intrometer. Seu extinto heroico nunca hesitara em se mostrar alerta. Quando acabou, junto com um par de seguranças, vi Joseph saindo do aglomerado de gente enquanto arrastava um homem desacordado nos braços. Seu rosto estava manchado por uma

risca em vermelho que, por um triz, não atravessou seu olho esquerdo. Ele se machucara quando foi impedir que algo pior acontecesse.

Corri até ele, parando-o assustada.

— Joss, o que aconteceu? — Perguntei eufórica. — Você está bem?

— Vou ficar. — Disse ele. — Desculpe Amélia. Não queria que acontecesse algo ainda mais hoje.

— Vou ligar para alguma ambulância...

— Não precisa. Já fizeram isso. — Respondeu ele, entregando o desmaiado para um dos seguranças. — Terei que tomar uns pontos e depois ir à delegacia prestar queixa do ocorrido. Divirta-se já que não tenho como deixá-la em casa. Sinto muito mesmo por estragar o que havíamos planejado... Liguei para avisá-la de qualquer coisa.

E assim, da mesma forma que nós entramos, Joseph saiu da Boate com a face cortada, me deixando sozinha pela primeira vez.



Como eu havia acabado de chegar era com toda certeza que não iria embora. Deveria tomar
PERIGOSAS ACHERON

alguma coisa e procurar afastar minha cabeça de preocupações. Por esta vontade, caminhei até o balcão e avistei o *barman* o que conseqüentemente me remeteu ao incidente naquele antigo bar. Levantei a mão, chamando.

— Por favor, uma Coca-Cola. — Pedi com a mínima vontade de permanecer lá dentro. Estava preocupada com Joseph e não existia comemoração ali sem ele junto, infelizmente.

Estava certa em ir embora depois de beber meu refrigerante.

— Amélia?! — Alguém indagou surpreso, o que me fez virar para ver quem estava ao meu lado.

Escancarei meus olhos incrédulos para aquele que me deparei. A sensação de surpresa era, nitidamente, maior em mim do que nele. Então parte dentro de mim explodiu em ansiedade, enquanto outra prezava em agradecer por, em um acaso, reencontrá-lo.

— Nathaniel?!

Era ele mesmo. Somente quando Nate se dispôs em levantar, eu tive a certeza. O mesmo

cabelo fogo, o mesmo corpo forte incrivelmente notado... O mesmo cheiro. Tudo em seu devido lugar, menos teus olhos esmeralda que estavam acompanhados por uma forte olheira, parecendo indicar insônia e muito cansaço. Só por este simples fato, ele já parecia estranho.

— O que faz aqui? — Perguntou Nate estando um palmo de distância de mim. De sua boca se proliferou o cheiro ácido semelhante ao disforme aroma Whisky. Não era desagradável, por vir dele era até mesmo tentador, mas tinha que assumir que era notável sua decadência na bebida naquela noite.

Nathaniel não estava bem. Tinha plena certeza disso.

— Vim comemorar meu aniversário com Joseph, aquele meu amigo policial, mas aconteceu um imprevisto e agora estou sozinha. — Respondi.

A minha bebida chegou e de repente, Nate já colocou uma nota de vinte reais sobre a bancada.

— Quer ir para algum lugar? — Perguntou ele sendo mais uma vez generoso.

— Quero ir para casa. — Ri. — Nunca tive

PERIGOSAS NACIONAIS

ritmo de festa. Nem sei o porquê me arrumei tanto para vir.

— Você está linda. Não diga isso. — Teus olhos mediram-me dos pés à cabeça, porém sem aquele toque malicioso. — Vamos. Eu te levo para casa. Aliás, parabéns pelo seu dia.



Todo o caminho de volta para casa fora percorrido por um silêncio mútuo. Eu sabia que ele estava estranho, mas esperei que chegássemos a casa para poder perguntar. Minha mãe não havia chegado e provavelmente nem voltaria hoje, o que me encorajou. Talvez estivesse passando mais uma noite no hospital ao lado de Breno.

— Você está bem? — Perguntei, segurando sua mão. — Talvez queira conversar. Estou preocupada com você, Nate.

Ele sorriu como se agradecesse pela minha pergunta.

— De uns dias para cá, coisas vem acontecendo, mas *nada que precise se preocupar*. — Respondeu forçando estar tudo bem. Era mentira, mas decidi respeitar a sua situação.

PERIGOSAS ACHERON

— Por qual motivo voltou?

— Eu nunca fui embora. — Respondeu. — Eu ia, mas vê-la daquele estado me impossibilitou de fazer qualquer coisa. Eu não suportei a sua tristeza. Na verdade, o que aconteceu com Breno me fez perceber que eu não poderia partir antes de vê-la bem.

— E agora depois que me encontrou, vai ir embora? — Perguntei, torcendo para que sua resposta fosse negativa.

Nate tocou meu rosto de forma delicada. O toque me eletrizou instantaneamente.

— Não. — Respondeu, aproximando seu rosto. — Você está melhor. Mas agora sou eu quem precisa de você.

Ergui minha cabeça, sucumbindo à tentação e o beijei. Nathaniel envolveu-me e de repente eu o havia arrastado para meu quarto em meio aos beijos delicados que se estendiam a cada passo. Ele sentou na minha cama sem desgrudar de mim.

Logo os beijos se intensificaram e eu me neguei recuar, pois era disso o que eu precisava,

isso que eu queria... Ele.

O toque quente da sua pele era a coisa mais excitante que eu sentira na vida, o escorregamento das suas mãos fortes envolta do meu corpo me trazia uma sensação de estar sendo domada. Não havia o que hesitar porque era bom.

Seus dedos encontraram as laterais da abertura do vestido em minhas costas e eu já sabia o que ele faria. Em um movimento brusco, Nathaniel rascou todo tecido até o início do meu quadril. Em seguida, ele traçou beijos que começaram de minha boca e desceram passando em meu pescoço e, por fim, que estacionaram em meu colo.

Sustentada por suas grossas coxas, meu corpo rebolava sobre ele em movimentos luxuriosos enquanto uma de minhas mãos estava submersa em seu cabelo fogo e outra corria por sua camisa, ansiando em desprender os botões fechados. Nate, por sua vez, retrocedia os delicados beijos para o encontro de minha boca e quando assim fez, grudou seus lábios nos meus de maneira voraz, desesperada... Com medo de me perder. Para poder finalmente desgrudar de mim, ele fez questão de

morder meu lábio inferior, levando parte da cor do meu batom com ele.

— Eu... Não... Fugirei. — Murmurei nos espaços de tempo que tive enquanto ele me beijava.

— Eu sei. — Respondeu sorrindo.

Eu abri sua camisa depois de desabotoá-la e com sua ajuda, retirei ela de seu corpo impressionante. Seus músculos se dividiam perfeitamente em seu contorno. Devidamente como eu imaginava, teu peito seguia até sua barriga de forma lisa, livre de pelos. Então, como ele percorri de sua boca até o cós de sua calça com beijos que marcavam sua barriga trincada com o resto do vermelho batom que ainda coloria minha boca.

Nathaniel, com sua mão forte, agarrou meu cabelo e me ergueu por ele. Seus olhos me fitavam com pura luxúria e ansiedade. Por um tempo, nos admiramos e, eu me permiti a pensar o quanto nos amava naquele momento. Não era pelo prazer, pelo sexo em si que despertava cogitações semelhantes, mas ali, naquela simples fração de segundos, um sentimento profundo e poderoso se manifestava de maneira clara e real pela primeira vez a ambos. E era justamente isso que nos dava segurança e

PERIGOSAS NACIONAIS

intimidade para nos amarmos.

Se entregar agora era fácil. Mesmo com altas dúvidas que colocavam sobre o muro, era ele quem eu queria e nisso não havia dúvidas.

PERIGOSAS ACHERON

Atormentados

Eu queria fugir dali o mais rápido possível depois de ter provado todas as minhas cogitações sobre você. Parte de mim te ama, te deseja e outra anseia em temê-lo... Em odiá-lo. Temi a verdades, pois não queria que minhas ilusões fossem destruídas. Mas agora não havia modo de voltar atrás e poder não ter visto tudo que encontrei sem querer. Nós acordamos e eu me senti liberta, amada. Nos beijamos e permiti que você tomasse banho logo de manhã. Foi quando entrou no banheiro que toda desgraça deu início.

Antes eu pensava que poderia me arrepender de tê-lo feito, mas agora vejo que presenciar a verdade fora melhor, pois assim eu saberia quais riscos eu correria ao seu lado.

Conseguia visualizar as ruas de asfaltos que eu percorreria sob aquele céu aberto caso tivesse coragem, mas a única coisa que consegui fazer foi permanecer naquela cama imóvel. Sentada, impactada esperando que aquela sensação ruim fosse embora. Mas ela não foi.

– AMÉLIA.

NATHANIEL

Minha mente não estava sã.

Os pensamentos fugiam e iam de encontro ao corpo e a cabeça de Wesley que precisei queimar há dois dias. Eu estava com medo, com uma raiva incontável e uma ansiedade anormal na qual suplicava com tamanho fervor botar as mãos no desgraçado, podendo vingar minhas duas perdas. Mãe e amigo.

Telefonar para a esposa de Wesley foi a coisa mais difícil que eu fiz na vida. Avisar sua morte àquela que o amava me proporcionou uma interna dor que seria impossível renegar instantaneamente. Porém, prometi a ela que continuaria ajudando com custos. Compraria as passagens para que ela e os filhos voltassem de Veneza, pois não havia necessidades para continuarem escondidos, compraria uma casa para moradia, móvel... Os ajudaria com qualquer necessidade. Eu estava farto. Farto de estar rodeado por sangue e morte. A única coisa que eu queria agora era ser normal. Depois da morte de Wesley

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cogitei em entregar os pontos e abandonar meus negócios mesmo custando a desgraça que fosse. Isto é... Não antes de matar aquele que me cerca com ruínas tingidas por um rubro vital do qual sustenta vidas humanas.

Em meio a tantas crueldades, meu cérebro ainda lutava para voltar aos eixos. Estava sendo difícil ao extremo e, mesmo que pareça impossível eu tinha que dar a volta por cima... Por ela, o meu delicado Lírio Amarelo.

Amélia. A pessoa por quem eu estava apaixonado. A pessoa que eu amava e arriscava continuar amando mesmo sabendo que também a cercaria de perigos porque o sentimento era mais forte do que eu. Eu a queria, mas não suportaria deixá-la para protegê-la. Já havia tentado uma vez e falhara. Egoísmo? Talvez, pois sabia que depois da noite passada qualquer afastamento seria tortura para ambos. Então de qualquer forma eu teria que me deixar levar pelo meu mais poderoso e puro sentimento. O amor.

Eu via nitidamente minha perdição no final daquele amor e nada me faria parar de seguir em sua direção.

PERIGOSAS ACHERON

Saí do banheiro com o cabelo molhado e já vestido com as roupas que anteriormente trajava. Meus pés tocavam o piso gelado feito de um azulejo antiaderente. Minha respiração era calma e mantinha um ritmo constante. Estava tudo aparentemente bem, porém eu sentia a decadência do clima dentro daquele quarto onde só estava eu e ela. Ergui minha cabeça para fitá-la com um sorriso e de repente toda alegria que eu insistia em prosperar foi ralo abaixo quando eu a vi.

Imóvel, ainda debaixo daqueles lençóis, mas desta vez sentada com a coluna ereta.

Hipnoticamente de um jeito estranho, eu a vi chorando em silêncio enquanto fitava a parede branca à sua frente. Vazia de maneira parecer que ali, dentro daquele corpo doce e delicado, jazia o breu, o nada. Em suas mãos, meu celular refletia seu rosto paralisado em choro. Meu coração acelerou, fazendo-me engolir seco.

— O que é isso? — Sua pergunta foi emitida em um soluço contido a força. Teu estado era um misto de raiva e tristeza. Amélia me ergueu o celular. Desta vez com a tela ligada, acesa em uma foto. Silêncio.

Eu o peguei.

Depois de cumprir o que eu mandara Wesley, com suas mãos manchadas por um recente ato de homicídio, enviou-me uma foto do Barman estirado no chão para provar que realmente ele realizara a ordem. *Trabalho Realizado*. Não sabia exatamente o porquê ainda tinha aquilo dentro do celular. Tinha a certeza que logo me prejudicaria e fui retardado por não a desfazer quando tive tempo. Agora, como eu previra, meus atos recaíam sobre mim da pior maneira possível. Colocando Amélia contra mim.

— Amélia, eu posso expli... — Tentei dizer algo no meio daquele inferno que se alastrava pelo ambiente.

— Não! — Gritou ela, vociferando amargurada. Teus olhos me fitaram com ódio, desprezo... Nojo. — Você não pode!

Tentei me aproximar, mas meu movimento só resultou na hesitação dela para o outro lado do quarto.

— Fique longe de mim, Nathaniel! — Ela proliferou meu nome de forma disforme. Em sua boca eu parecia um monstro. — Eu não confio mais

PERIGOSAS ACHERON

em você. Como pôde?! Quando iria me contar? Quando ganhasse minha confiança? Depois que transasse comigo? Hein, Nate?! Quando me contaria que matou o Barman?

— Eu não iria contar Amélia. — Murmurei, olhando para o fundo de seus olhos com nojo das minhas próprias palavras. — Na verdade, não há argumentos para minha defesa.

Seus olhos encheram de água e ela estava pronta para desabar, porém a imensidão da sua raiva era maior, impossibilitando o choro vir à tona.

— Não iria me contar por quê? — Gritou novamente e desta vez eu pude sentir toda sua mágoa tomar posse de suas palavras. — Eu era o próximo alvo da sua lista, Assassino?

— Não! — Indaguei. Não era possível ela pensar desse jeito. O que mais doeu foi me ver pelos seus olhos. Para ela eu era um assassino frio e calculista que só estava aproveitando sua fragilidade para torná-la uma presa fácil. — Eu nunca lhe faria mal, Amélia.

Tentei mais uma aproximação que teve resultado falho quando Amélia bateu as costas contra a parede sem ter para onde ir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já mandei ficar longe de mim! —
Vociferou, controlando seus gritos. — Não toque
em mim.

Respirou. Ela afundou as mãos no cabelo,
incrédula por tudo que descobrira.

— Agora me diga, Nathaniel. Por quê?

— Era o que você queria. — Respondi. —
Naquela noite dentro do elevador do hotel, você me
disse que gostaria de vê-lo morto.

Vi sua expressão fechar. Não era isso o que
eu queria que ela pensasse.

— E o que dá direito de tirar a vida de
alguém quando bem entender?

— Você me deu esse direito, Amélia! Não
se faça de idiota, pelo o amor de Deus. Você
conhece a minha história, sabe o que aconteceu
com a minha mãe e está ciente de como eu me sinto
em relação a isso. Você viu o quanto eu enraiveci
só pelo fato de ter dito que não faria nada contra o
filho da puta que tentou te estuprar... Eu o matei
sim. Matei por você e mataria outro caso tentasse
feri-la. — Respondi, subindo o tom da minha voz
contra ela.

PERIGOSAS ACHERON

— Isto não muda os fatos. Ainda é um assassino. Ainda matou alguém. — Foi quando Amélia não resistiu e começou a chorar. Eu podia sentir o peso em suas costas em cada soluço incontável que era expulso de sua boca. As lágrimas desceram, tomando conta de seu rosto, marcando-o com um tom mais escuro.

— Me diga você agora. Não mataria por amor? Por empatia ao ver uma pessoa que se importa sofrendo?

— Não mataria, Nathaniel. — Chorava ela pronta para terminar a fala. Eu só não esperava que fosse tão fria deste jeito. — *Não por você.*

Suas palavras doeram mais do que qualquer tiro. Elas foram capazes de me sedar, me deixar imóvel... À procura de algo que tornasse menos monstruoso do que ela me fazia parecer.

De um minuto para o outro, tudo aquilo que eu esperava foi se autodestruindo quando, em suas falas, a ausência do sentimento recíproco se fez presente. Eu ouvia seu choro, ouvia seus soluços e, ao focar novamente na cena, Amélia, com as mãos afundadas dentro do cabelo já desgrenhado, escorregou as costas na parede até

despencar lentamente no chão.

Sentei-me na cama, com minhas mãos cobrindo meu rosto. Estava agoniado, sentindo as lágrimas brotarem de meus olhos e descerem sobre meu rosto curvando.

— Eu não sou assim... — Murmurei, tentando provar a mim mesmo que não era o assassino que ela tanto afirmava. — Eu não sou um monstro... Nunca fui assim. Tudo começou quando eu assumi a merda do legado...

— Vá embora, Nathaniel. — Pediu ela. — Vá e não volte mais. Por favor.

Concordei, assentindo em silêncio. Levantei-me com o celular na mão e fui até a porta sem olhar para trás. Era, finalmente, uma despedida. Depois que eu atravessasse aquela porta nunca mais a veria. Era o fim e não haveria volta. Abri a porta após destrancá-la sentindo que eu causara mais sofrimento a ela do que as desgraças que a rodeava. Coloquei o pé para fora do apartamento, fechando a porta atrás de mim ao mesmo tempo em que ouvi o elevador sendo aberto.

Passos.

— Nathaniel?! — Indagou aquele que saíra da caixa metálica. — Pare agora, não se mova. É a polícia! Você está sendo levado pelo homicídio de Silas Alcântara de Oliveira. Tudo o que disser será usado contra você no Tribunal.

Merda!

Então me virei e lá estava o mesmo policial, amigo de Amélia, apontando sua arma em minha direção enquanto se aproximava com algemas em uma das mãos.

Com brutalidade, ele agarrou minhas mãos prontas para algemá-las. Meu emocional estava fragilizado demais para investir qualquer movimento que seja.

Então após o tumulto, a porta do apartamento de Amélia foi aberta e novamente sua expressão era incrédula quando viu seu amigo me prendendo.

— Joseph?! — Indagou surpresa. — Mas...

— Vim vê-la em horário de serviço e olha o que encontrei saindo do seu apartamento. — Ironizou surpresa em sua voz assim como ela. Depois vi sua expressão fechar. — O que o

suspeito fazia no seu apartamento?

Eu a fitei. O que ela iria responder poderia dificultar ainda mais minha situação uma vez que o maldito policial que me prendia era seu amigo e, provavelmente não aceitaria vê-la magoada.

— Tinha acabado de mandá-lo embora quando chegou, Joss. — Respondeu ainda com a voz embriagada. — Embora da minha vida.

O Peso que se faz Presente

Acho que o pior sentimento do mundo é a culpa.

Ela é fria, estúpida e perpétua. Quando decai contra mentes já danificadas por atos egoístas, ela submerge, se alastra e corroem toda sanidade que luta para permanecer intacta, destruindo-a aos poucos até nada sobrar e a morte se identificar de dentro para fora, pois o que se decompõe após o falecimento é tudo aquilo que rege nossas atitudes.

O óbito é interno e não externo.

O pior sofrimento com quem amamos, nós mesmos proporcionamos. É exatamente onde a culpa se torna um sentimento asqueroso de tão poderoso que pode se tornar. Quando imaginamos que algo material é a única coisa que pode ferir quem amamos, estamos nos deixando de lado automaticamente. Ser quem ama elimina qualquer decepção que, por algum acaso, pode surgir é o pensamento mais idiota e sem sentido que existe. O amor contém espinhos e o próprio sentimento

carrega o poder de machucar, fazer sangrar, pois a partir do momento que somos capazes de matar por amor, ele em si já se transforma em algo destrutivo de se suprir. Então, por amor podemos destruir, fazer desaparecer... Magoar. O real problema em tudo está justamente – ironicamente – no simples ato de se disponibilizar a gostar de alguém, porque, por esse alguém somos capazes de tudo. O amor cega a sanidade. E, no final das contas, o ato que de início pareceu altruísta pode se tornar frio, indelicado e monstruoso. Portanto, o mesmo amor que nos faz bem, nos destrói.

– NATHANIEL.

AMÉLIA

Às vezes me pego de surpresa, na parte mais sublime do meu cérebro, perguntando-me se fiz a coisa certa há dois dias quando todas as antigas cogitações vieram à tona. Sabia que o fato dele ser levado naquela hora não foi culpa minha e não havia com o que me punir uma vez que Joseph apareceu sem eu ter chamado, mas algo me dizia, aliás, começou a dizer quando minha cabeça esfriara que Nathaniel merecia outra chance para se

PERIGOSAS NACIONAIS

explicar. Mesmo teus atos serem os mais insanos possíveis, parte de mim queria ouvir mais. Não por talvez eu puder perdoá-lo, era o que gostaria, porém, a situação não deixava, mas por eu saber que existia um motivo tirando teu trauma com o assassinato de sua mãe para enfim ele ter feito o que fez.

Sim, eu tinha medo. Comecei a temê-lo a partir do momento em que flagrei aquela foto do Barman morto em seu celular. Sabia que para ele ter matado alguém, Nate deveria carregar um índice de "*crueldade*" extremamente notável. O problema era que, quando as coisas retornaram aos seus devidos lugares, a parte boazinha da minha mente insistia em perceber que o perigo que era exposto para outros qualquer não tinha o poder de me ameaçar, ou seja, eu tinha a certeza que ele não me feriria, pelo menos não de primeiro ato.

Eu estava irada, decepcionada e o misto de ira e tristeza só reforçava minha consciência em exclamar que o melhor era esquecê-lo mesmo ainda o amando com todas as forças do mundo. Pois nele eu encontrei o refúgio para todas as desgraças que me rodeiam. Com ele, eu fui liberta e pela primeira

PERIGOSAS ACHERON

vez eu pude voar sobre a ruína... Encontrei um sentimento puro e verdadeiro no qual foi destruído por consequências de atos não pensados. Atos que tiveram bons ideais, mas que, infelizmente foram executados de maneiras completamente erradas. Nosso futuro foi comprometido por ações do passado.

Eu o amava, porém estava difícil manter este sentimento entre mortes, sangue e segredos. Portanto, talvez não o amar era a única saída para a perdição.



Visitar Breno se tornara – desde que os segredos foram revelados – a coisa mais calma e normal que eu podia fazer. Seu coma ainda era prolongado, ajudando em toda tristeza que fixara em minha vida. Perguntava-me o quanto de desgraças meu coração ainda suportaria antes de seu último batimento.

Vê-lo naquela cama, vivo por aparelhos fazia meu corpo doer a cada instante que ali eu permanecia. Minha mãe, ao meu lado, segurava minha mão enquanto acariciava seu rosto de criança em um breve choro. A dor dela era maior

PERIGOSAS ACHERON

do que a minha. Eu não sabia ao certo o que ela pensava sobre a situação delicada, mas entrávamos em consenso quando cogitamos a possibilidade de Breno nunca mais voltar para nós.

Era difícil, era dolorido, mas era uma possível realidade futuramente.

— Eu vou ter que viajar a trabalho esta semana. — Comentou ela, limpando as lágrimas com o polegar. — Não poderei ficar mais dias com você, Amélia. Tenho que arcar com as despesas e as contas no fim do mês, então de qualquer jeito eu terei que ir.

Eu assenti.

As coisas não estavam fáceis depois que Breno ficou encubado. As contas acumulavam, os mantimentos acabavam e eu, mesmo depois de ter entregado currículos logo quando me mudei, ainda aguardava nem se fosse uma simples ligação, mas nada de emprego aparecer.

Logo, logo correríamos o risco de entregar o apartamento e sabe lá Deus onde moraríamos desta vez.

Quando tivemos que deixar Breno aos

cuidados de uma enfermeira, a fome fez questão de aparecer abruptamente. Com isso, descemos para a lanchonete do hospital das Clínicas a fim de comer algo. Sentamos nos banquinhos de metal que ali tinham e fizemos o pedido.

Minha mãe havia recuperado a expressão neutra e agora estava virada para mim pronta para dizer algo.

— O que aconteceu? — Perguntou ela, adivinhando com seu sensor de mãe as minhas preocupações.

Esquivei meu olhar do dela, balançando a cabeça em uma maneira indicativa como "Nada não", porém ela me conhecia muito bem para saber com tamanha certeza que eu não estava nada bem.

— Pode falar, Amélia. — Disse ela, segurando meu braço com preocupação. — Você não consegue disfarçar quando algo te perturba. Brigou com Joseph?

— Não, pelo contrário. Eu e Joss estamos muito bem. — Respondi de cabeça baixa.

Será que minha cara estava tão ruim assim ao ponto de ser perceptível a exaustão que o

pandemônio de pensamentos estava fazendo em mim? O estranho era que toda confusão ocorrera tão recentemente que pouco percebi o estrago que aquilo me fizera.

— Alguma outra pessoa que você se esqueceu de me apresentar?

— Enquanto você esteve fora semana passada muitas coisas aconteceram e acho que eu venho arruinando desde lá. Sexta Marcus veio buscar Breno e acabamos por brigar muito feio, mãe. Ele me humilhou, jogou na minha cara todo seu preconceito com a minha cor e isso me deixou muito irritada ao ponto que ficar em casa era insuportável, então saí para andar e não muito tempo depois parei num bar para beber água. Não sei realmente o que me deu para entrar ali. Acho que o pouco movimento me passou a impressão de que ali seria uma ótima parada, mas não. — Respirei. Como eu contaria aquilo para minha mãe? — O barman veio para cima de mim com malícia. Ele me agarrou a força e me arrastaria para um canto escuro com toda certeza se não fosse Nathaniel.

— Meu Deus, Filha... — Parte dela queria

mostrar preocupação, mas era um fato contado com detalhes depois de ter acontecido há alguns dias. — Então esse é o nome dele? — Perguntou ela depois que me deparei falando teu nome com tamanha familiaridade. — Nathaniel... Bonito nome.

— Naquela hora, depois de socar o cara, ele fora tão gentil, cuidadoso e acima de tudo, se mostrou diferente de muitos só por seu imenso respeito e empatia com minha situação. Nathaniel perguntou se eu estava bem e se eu tinha algum lugar para passar a noite. Eu tinha a nossa casa, mas não queria voltar para lá e então respondi que não. Surpreendi-me com sua generosidade ao me levar para um hotel e estar disposto a pegar um quarto só para mim, mas, no fim das contas, só tinha um quarto disponível. Sim, no começo eu achei que ele estaria aproveitando minha fragilidade para tentar alguma coisa, porém me enganei quando ele fez questão de permanecer acordado para que eu tivesse a cama para dormir.

— E o que te perturba, Amélia? — Perguntou ela, confusa. — Você encontrou um cara legal que fez de tudo para vê-la bem, confortável e não vejo motivos para não tentar algo, filha. Sabe

que eu nunca liguei para que você namorasse, pois confio em você e sei que vai fazer as escolhas certas, mas ainda não entendi sua preocupação. — Comentou ela, acariciando meu rosto de maneira delicada e carinhosa.

— Tenho medo que ficar ao seu lado seja um perigo no qual eu não posso correr. — Respondi.

— Às vezes, devemos arriscar para ter a certeza. Se tem dúvida se deve ou não ser dele é porque seu sentimento por este rapaz é mais forte que suas razões e fica mais poderoso a cada dia.

— Sim, mãe. Eu o amo e não tenho dúvidas do sentimento que existe por ele. Eu o amo muito, a sua presença me faz bem e nunca, em toda minha vida, alguém já me tratou como ele me trata. Mas ele errou, fez algo que não deveria e talvez eu não consiga conviver com as consequências de seus atos.

— Qual foi o motivo para este Nathaniel ter feito o que fez? — Perguntou, vendo a atendente colocar nosso pedido sobre o balcão à nossa frente.

— E... Eu — Engoli em seco o que acabara

PERIGOSAS ACHERON

de responder. — A minha proteção, fazer jus a minha vontade... Eu fui o motivo.

Vi um sorriso se estender em sua boca. Era como se ela pensasse: Eu sabia.

— Então os atos não são só responsabilidade dele, Amélia. São seus também. — Concluiu. — Pense bem, ele fez por você, para vê-la bem. Não importa o que ele tenha feito, nem mesmo a pior crueldade. Foi por uma boa razão, pois te ama. Agora me diga: Existe uma prova de amor maior? Você está errada em puni-lo eternamente por isso. Pessoas erram, porque são humanos. Procure perdô-lo ou até mesmo entender o real motivo que o levou a fazer aquilo. Você não faria de tudo por alguém só para vê-la bem?

Era tecnicamente a mesma pergunta que Nathaniel me fez naquela noite. Eu respondi que não, não por ele. Passei a me arrepender.

— F... Faria. — Me rendi, finalmente.

Minha mãe sorriu outra vez me abraçando para beijar minha testa.



No final daquela tarde minha mente estava

PERIGOSAS NACIONAIS

em um rebuliço misto de culpa e emoções que eu negava continuar nutrindo. De certa forma, minha mãe estava certa. Fora difícil admitir, mas Nathaniel havia provado seu amor por mim matando aquele cara. Mesmo fazendo isso da pior maneira, ele tinha demonstrado sua empatia comigo.

O pior era que meu amor por ele já não se alimentava por atos fofos e carinhoso, pois o sentimento tomara todo meu corpo e agora só de pensar nele, tudo vem à tona.

Eu não poderia viver com aquela culpa e arrependimento por não ter entendido quando o mesmo quis se explicar, mas também sei que naquele momento, quando o medo e ódio me subiram, era impossível cogitar qualquer outra coisa senão o requinte cruel de assassino como motivo. Ele tinha mais o que confessar e eu tinha muito mais vontade de entendê-lo, isto é, se realmente eu o escolher para ficar ao meu lado... Se é que eu já não o tenha escolhido desde a primeira troca de olhares.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Um Livro Aberto

Em meio a devaneios, minha mente mesmo pesada ainda pertencia a você. O que para mim era um problema, mas estou disposta a entendê-lo, tentar compreender realmente os motivos de teus atos para enfim julgá-lo com meu direito, pois para mim você é uma pedra preciosa que, infelizmente precisa ser lapidada. Uma esmeralda em decadência. Desde o nosso primeiro momento, suas intenções foram sempre as melhores, isto é, comigo pelo menos e eu não quero jogar no lixo, desconsiderar... Esquecer tudo o que me fez. Por este motivo, pretendo ser todos os ouvidos pela primeira vez. Eu o amo e não tenho como negar como também acho que você me ama da mesma forma e se, por algum acaso eu estiver certa, você será sincero quando eu me colocar diante suas verdades para, no fim das contas, saber realmente se ainda te merecerei.

— AMÉLIA.

NATHANIEL

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava me sentindo a pior pessoa do mundo. Na verdade, nem uma pessoa eu conseguia me sentir. A sensação da ausência de liberdade era totalmente monstruosa e destruidora. A visão de quem estava lá dentro se mostrara completamente divergente daqueles que apreciam a vista de fora. Ficar encarcerado, além de me fazer parecer um cachorrinho preso em uma coleira impossibilitado de correr em um campo aberto, mudava literalmente o jeito de pensar, fazendo com que déssemos mais valor a qualquer momento, mesmo que seja o mais fútil possível, do lado de fora daquelas frias e impiedosas grades.

Havia se passado eternos quatro dias no que pareceram anos. Outro fato de estar preso, encarcerado era que as horas, dias demoravam a passar. Era como estar internado. Você não vê o tempo andar e já deduz que horas se foram quando apenas segundos se esgotaram. É um inferno sem fogo e chamas dançantes com apenas almas atormentadas.

Minha mente ainda era perturbada por falta de compreensão. Eu havia errado e tinha noção disso, porém não me arrependia de ter feito o que

PERIGOSAS ACHERON

fiz. Foi o que ela pediu, foi o que ela queria. Nada dito de boca para fora estava livre de um sentimento e desejo interno, eu só entendi sua vontade e a realizei mesmo sendo completamente a sangue frio.

Estava sentado, com a cabeça apoiada nos joelhos, no canto mais sublime daquela cela que eu compartilhava com mais dois rapazes. Ambos julgados por homicídios, esperando serem transportados para um presídio local... Assim como eu estaria logo após meu julgamento.

Havia dado meu depoimento sobre a morte de Silas, mas o que me colocara aqui dentro fora fúteis documentos com nomes falsos e a bosta da foto que o amigo de Amélia, Joseph, encontrou ao me capturar. O que, conseqüentemente, me indicou como o real culpado do assassinato, isto é, como seu não fosse.

A comida era uma merda. Fiz questão de tentar não comer, fazendo assim a água única coisa que descia garganta a baixo. Permaneci os quatro dias, as noventa e seis horas em pleno silêncio. Aquele momento, pouco recordava o tom da minha voz.

PERIGOSAS NACIONAIS

A cor sem vida das minhas roupas tinha o poder de roubar toda graça ao meu redor, permeando-o com uma melancolia eterna. Além de ser completamente desconfortável, o tecido em si se mostrava composto de um material irritante. Talvez, pelo tempo que ali estava elas que antes me faziam bem agora pareciam fúteis e descartáveis. Aquilo não era nada do que eu estava acostumado. Fora uma quebra de realidade.

Enquanto todos estavam na salinha ao lado tendo o prazer de uma companhia, eu estava perdido em destrutivos pensamentos sozinho naquele quadrado insuportavelmente pútrido. Infelizmente era assim que eu acabara. Fora este o fim do caminho que eu escolhi seguir. Desgraçado por um legado criminoso e por, injustamente, consequências de escolhas feitas por amor.

Somos fracos. Completamente manipuláveis por sentimentos que parecem inofensivo. Porém, são eles, sentimentos que são alimentados por fúteis esperanças, que carregam o enorme poder de nos arruinar. Mesmo lutando, mesmo havendo uma luz no final daquele túnel... Não importa o quão dignos forem, os homens serão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

predestinados à ruína. Seja ela por atos imperdoáveis ou por, ironicamente, se entregarem totalmente aos sentimentos que propagam o bem. Já eu, fui punido pelos dois motivos. Amar demais e errar ao tentar justificar a quem amo.

O pior em tudo isso é que não existe verdadeira rendição no fim das contas, pois o peso ainda será existente alguns anos depois. Liberdade? Liberdade não existe. Ninguém é livre... Nunca foi.

Pois, quando tuas intenções foram punidas ao realizar algum ato a liberdade é automaticamente desconsiderada. Ser livre é poder tomar qualquer escolha sem com que nada o importune mesmo esta escolha sendo a pior e perigosa possível. Se for ao contrário, saberemos que não houve liberdade.

Entre descrenças, afirmo que tive liberdade em querer amá-la. Reneguei, pelo menos em nossos momentos, meus sujos deveres para enfim prestigia-la com meu puro sentimento. Eu sabia das consequências e mesmo assim decidi arriscar, pois pensava que o amor me redimiria, mas foi ele quem me desgraçou da pior forma possível. A culpa de ter magoado quem amo por fazer algo errado só

PERIGOSAS ACHERON

para vê-la bem, segura. Confuso, não? Injusto? Talvez. E até mesmo depois de tudo que passarei a partir de hoje, digo que não hesitaria em fazer tudo novamente. Por ela. Por Amélia.

O silêncio já me tornava quieto demais. A imensa falta de exclusividade dentro da cadeia era, de certa forma, um tédio fatal que carregava o poder de aumentar todos meus sofrimentos e motivos da culpa que me acompanhava desde sempre. O frio cortante era assombroso, ainda mais naquela penumbra da cela vazia. O que me fez tremer.

Tive que me levantar e chacoalhar um pouco as pernas para tentar, sem cogitar que não adiantaria afastar o frio. Do fundo da ala onde ficávamos nas celas, um tumulto aquietado avançou. A visita deles já havia chegado ao fim e agora retrocediam para suas celas como devido lugar.

Algemados, os meus dois companheiros de cela foram arremessados de forma bruta para trás das grades por um Carcereiro gordo dono de uma expressão rude. Ambos caíram no piso de concreto gélido onde proferiram alguns xingamentos contra

o homem para depois ali mesmo ficarem. Mesmo com a brutalidade deles, os presos não pareciam nem parcialmente tristonhos. Pois, agora, os dois haviam voltado de um reencontro. Família, filhos, esposas eram as únicas coisas que importavam para eles. Já sabiam que estavam presos e assim permaneceriam até cumprirem penas. Portanto, não havia nada para fazerem além de darem valor àquilo que mais significava.

Acompanhei-os com os olhos para depois mirar furtivamente o Carcereiro que ainda não tinha trancado a cela. Do corredor, um policial deu as caras e parou em frente às grades abertas.

— Você aí! — Exclamou para mim em um susto. — Qual é o seu nome?

Aproximei-me lentamente o que o levou a apoiar a mão no coldre. Sobre a arma. Pronto para qualquer movimento vindo da minha parte.

— Nathaniel Barbieri, senhor. — Respondi sem esperar alguma coisa.

Vi ele assentir para o dono das chaves ali como se pedisse para deixar aberta a cela.

— Amélia Martinez lhe espera na sala para

uma visita.

Meu coração ameaçou sair pela boca. Não consegui deixar de não expressar a euforia que me tomou repentinamente naquele ato brusco. O nome dela entrou pelos meus ouvidos e permeou minha mente. Nem tudo estaria perdido quanto eu achei. Em seguida, saí da cela e permiti que me algemasse, isto é, mesmo o policial tendo me tratado com imensa agressividade eu nada fiz, *pois era por ela*. Aquele seria, talvez, o único momento para eu me explicar e não poderia desperdiçá-lo por mera cabeça quente. Meu corpo ansiava em vê-la e nada me impediria para tal. E por fim, acompanhei os passos do fardado pelo corredor extenso enquanto, por todo ambiente, ecoavam protestos vindo de todos os lados.



— Vocês têm dez minutos. — Informou o policial, libertando das algemas cortantes.

E lá estava ela... Sentada em uma cadeira detrás daquela mesa de metal que separava a visita dos presidiários. Fui a sua direção em passos tortos e isso, toda a situação, todo meu estado, me causou certa vergonha. Já ela não estava igual àquela vez

PERIGOSAS ACHERON

que a vi... Não como a última vez que a vi. Sua expressão era serena, mas parecia estar se contento mesmo com toda suavidade no olhar. Talvez esteja lutando contra a negação de estar aqui. Queria abrir um sorriso por surpreendentemente vê-la, mas não consegui. Era nítido que o problema ali era toda a situação que me rodeava. Ela não veio aqui à toa. Claro que não.

Caminhei seguindo sua direção e, como ela, sentei-me em uma cadeira à sua frente. Em seguida, fui ao encontro de seus olhos pausados em mim. Ela fizera o mesmo.

O silêncio desumano permeou quando a única coisa que eu queria fazer era ouvir a voz delicada de Amélia. Seus olhos me fitavam e eram de pura indiferença. Eu a entendia completamente. Então insisti.

— Amélia... — Minha voz saiu baixa, quase em um murmuro. — Desculpe, eu não queria... Eu não imaginava...

— Me conte tudo, Nate. — Pediu ela, usando meu apelido. — Desde o começo. Por favor.

Naquele momento, o desespero mútuo se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alastrou em minha mente. Exatamente tudo o que ela gostaria de ouvir? Começo... Eu devia contar, Amélia merecia saber. Talvez, no fim das contas a verdade seria minha salvação.

Então limpei a garganta para começar.

— Eu ainda era muito jovem quando meu pai morreu. Isto um tempinho depois da minha mãe ser *encontrada* naquelas desprezíveis condições. Dizem os peritos que houve quem impactou contra seu carro e o mesmo afundou no mar após ultrapassar a ribanceira da Pedreira de Guaratiba, por este motivo, eu não pude ter uma despedida. Depois do seu óbito, me deparei com a abundante herança que ele me deixara. A partir daí eu consegui viver, realizando meus cursos e finalizando a faculdade de publicidade que eu tanto ansiava. Foi então, exatamente três meses se passaram e, lembro como hoje, em uma noite enquanto voltava para casa eu fui capturado por dois homens encapuzados e deixado para morrer em um lugar abandonado e hostil. Foram quatro dias me renegando a comer o que aqueles caras jogavam para mim dentro de sacolas com medo de haver algum veneno dentro, Amélia. Quatro dias

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perdido em um lugar escuro e em condições pútridas onde eu já me entregara à morte... O quarto dia passou e quando eu achava que estava tudo perdido eles me tiram de lá dentro e me esclarecem exatamente tudo... Pelo menos quase tudo. Meu pai era chefe de uma organização criminosa que emigraram da Itália para iniciar a grandiosa produção e tráfico de Metanfetamina para a criação de uma nova droga, *Exiliu* era o nome que foi chamado inicialmente. A porcaria da droga fabricada por biólogos sequestrados e importados da Itália tinha a função de aumentar o metabolismo humano acelerando a adrenalina cerebral em qualquer pessoa que ingerisse a merda criada. Uma droga que tornava bandidos fortes inimaginavelmente, velozes, insanos e livres do medo era o que meu pai queria para revender a outras organizações aqui no Brasil. O pior não era isso e sim a quantidade de mulheres que foram mortas depois da droga ser feita. Como ele achava malucamente que mulheres possuíam mentalidade menos acelerada, elas foram a escolha principal para diversos testes a fim de comprovar a pontualidade do *Exiliu*. No começo, várias delas não suportaram o efeito e sucumbiram a paradas

PERIGOSAS ACHERON

cardíacas que sucederam seus inevitáveis óbitos. Foi depois de muitos testes que finalmente a substância se adequara para que fosse possível o consumo não mortal, mas um dia antes da distribuição o depósito que guardava toda criação foi incendiado e tudo foi por água abaixo.

A expressão de Amélia era de pura surpresa. No começo fiquei com medo da forma que ela iria digerir, mas era o que ela pediu... Toda a verdade, o começo.

— Mais Cinco minutos! — Gritou o policial que estava parado na porta da sala.

Eu assenti.

— Descobri em seguida, depois de toda história, que antes de meu pai ser assassinado ele havia deixado tudo em meu nome e escrito, parecendo já ter previsto sua morte, aos seus fiéis seguidores para me procurarem que, na sua ausência, eu seguiria teu legado obscuro. Era por isso que eu estava ali, para chefiar aquela quadrilha de mafiosos no lugar daquele que me criara anos antes. — Era completamente difícil dizer tudo aquilo para ela. Eu tinha medo que por causa disso eu possa perdê-la ainda mais. Porém, estava

cansado de mentir, esconder segredos... Privar-me de algumas coisas para amá-la. — Desde então sou obrigado a seguir as regras que existem dentro do mundo criminoso para permanecer vivo, pois uma vez que fui arremessado sem intenção naquele movimento, eu poderia muito bem renegar as ordens e fazer o que qualquer pessoa faria. Denunciar a polícia. Mas a partir do momento que você, mesmo comandando toda máfia, tem sete armas apontadas na sua cabeça, obedecia ao que eles mandavam ou arriscaria a vida? Naquela hora eu sabia meu crânio não seria resistente suficiente para impedir qualquer tiro. Decidi indo contra todas minhas ideologias, acatar a situação e, se quisesse permanecer vivo, me tornar aquilo que eles tanto queriam. Matei sim algumas pessoas, mas nenhuma inocente, porém nunca tive coragem de executá-las com as próprias mãos. Eu odeio o que sou, Amélia. Nunca escolhi essa vida. Já estava ao ponto de renegar o meu cargo quando percebi que a frieza estava domando minha alma e foi quando você apareceu. Entenda, no bar, ao me deparar com a covarde cena e, automaticamente, tudo que me fez lembrar da minha mãe, meus atos não poderiam ser diferentes daqueles que tomei. Depois, no hotel,

PERIGOSAS NACIONAIS

você me disse aquilo e mesmo sendo da boca para fora eu sabia que era seu real desejo. Não coloquei as mãos no barman como pensa, eu ordenei matá-lo quando estava em conflito com os sentimentos que você me despertara, achei que fazer algo brutal eliminaria o lado frágil, mas sem querer acabei privilegiando você. Percebi depois que até meus atos cruéis eram altruístas quando designavam a você...

— Três minutos! — Gritou o guarda na porta.

— Por você eu não me arrependeria de matar novamente. Espero que não se assuste com isso, pois não é o que quero passar. Amélia, eu sou um monstro, porém ao seu lado eu consigo ser alguém diferente. A sua presença eu sou o verdadeiro Nathaniel, o cara de antes do envolvimento com a Máfia. Só você foi capaz de me trazer de volta. Não estou te contando tudo isso para você sentir dó de mim e muito menos te forçar a me perdoar, mas quero que saiba o quanto me arrisquei e estou arriscando ainda em amá-la. Não vou desistir de você enquanto você disser não ou, por algum acaso, o destino e a morte nos separar. Já

PERIGOSAS ACHERON

tentei ir embora, me afastar para protegê-la, mas não consegui, infelizmente. Meu amor por você é verdadeiro e é o único sentimento que me mantém sã. Só peço perdão por tudo o que eu lhe causei por amá-la...

O guarda veio em minha direção expondo as algemas. Meu tempo havia acabado. Os dez minutos havia se esvaziado e Amélia não falara nada. Minhas mãos foram agarradas por trás e assim algemadas com brutalidade e tive que me levantar, impedindo-me de ser arrastado da cadeira.

Os olhos de Amélia pareciam uma cachoeira. Ela tentou de instante esconder as lágrimas, mas se rendeu quando terminei minha história. Não sabia se ela me perdoaria, mas tinha a absoluta certeza que ela havia me entendido, entendido todos meus motivos para ter feito o que fiz. Assim como teu estado, minha estabilidade foi em decadência e as lágrimas também foram mais fortes.

A cada passo, eu me via afastado dela, talvez para sempre e era isso que insuportavelmente doía. E então, de repente, tua boca proferiu palavras que mesmo não sendo emitidas até meus ouvidos,

PERIGOSAS NACIONAIS

pelos movimentos dos seus lábios, eu entendi completamente o que ela disse o foi exatamente isso que me provou felizmente que nada estava perdido...

— Eu te perdoo, Nathaniel.

PERIGOSAS ACHERON

Ponto Cego

O brilho em seus olhos me deu a prova da liberdade, fragmentou a escuridão que se alastrava em meu consciente e me tirou o peso que eu carregava nas costas desde o dia que eu lhe conheci.

A verdade é bruta, é clara, é arrebatadora, porém, feita para ser livre como um pássaro. Tê-la presa, escondida... Disfarçada só a torna avassaladora, destruidora. Imagine um pequeno passarinho que, por ordem natural das coisas, foi criado para ter liberdade, para bater suas asas e fazer jus a sua existência, preso, engaiolado sem poder fazer nada a não ser se amargurar em sua solitária escuridão.

Aos poucos, o pequeno animalzinho vai se revoltando, pois não aguenta mais permanecer ali, se transforma em uma coisa agressiva e insana. Assim como quando a verdade é omitida. Ela foi feita para voar e não se encurralar entre a desordem que consequências obtidas por atos não sigilosos causaram, mas quando desta forma é feita, os resultados ao ser finalmente liberto são, de

formas distintas que se completam, um inimaginável alívio e um surpreendente choque não esperado. E quando eu me abri completamente para você, estava sendo absolutamente sincero, verdadeiro, porque naquele momento eu estava sã de que já havia te perdido. Eu tinha a certeza de que nada perderia caso revelasse exatamente tudo. No fim das contas não perdi... Foi o contrário, eu ganhei. Ganhei aquilo que mais precisa ouvir... Ganhei o que me fez bem pelo resto do dia. Em meio às lágrimas você me perdoou por tê-la feito sofrer, por esconder todas as atrocidades que permeiam minha história. Aceitou-me pelo o que sou e, acima de tudo, pareceu me entender, indicando que, depois de tudo o que eu fiz, você ainda me ama da mesma forma que eu a amo. Vejo agora que eu sou seu de uma maneira que você nunca foi minha.

– NATHANIEL.

AMÉLIA

Minha mãe estava rodando o apartamento às pressas. Havíamos acabado de voltar do mercado e ela se encontrava atrasada. Como antes havia me dito, viajaria a trabalho no início desta semana.

Quando voltei para casa ontem à noite, pensar na história de Nathaniel fora inevitável. Vê-lo daquela forma, algemado só piorou meu estado quase estabilizado. Quando nos conhecemos, ele me surpreendeu com o seu altruísmo anormal e me ajudou de todas as formas possíveis, já eu, apenas o vi sendo levado da cadeia sem sequer tentar interferir. Injusto? Sim, porém me arrependo. Talvez se eu tivesse ouvido o que ele tinha para falar naquele instante nada disso aconteceria, ele talvez não estivesse preso. Não agora pelo menos. Eu sei que ele não é a melhor pessoa do mundo, mas foi por ele quem me apaixonei e se for para conviver com esse amor impossível pelo resto da minha vida, viverei. Eu o perdoei, continuo amando-o, mas minha dúvida seria se este tamanho amor resistiria ao tempo. Eu acredito no que sinto, isto agora. Tenho certeza que o sentimento

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

permanecerá aqui por um ano, dois, três... Quatro, mas seria forte o suficiente a todos os anos longe? Talvez sim. Digo em questão de esperá-lo sair para enfim vivermos juntos. Meu real medo é não conseguir esperá-lo dependendo dos anos que ficaremos afastados. A resposta para toda esta confusão é resumida em quão verdadeiro meu amor é por ele, pois se há real sentimento, esperar não é um problema, porém nestas situações sabemos que nada é assim. Tenho medo de perdê-lo por necessidade de precisar de outro alguém, medo de me render a sua ausência, lutando contra seu amor para permanecer a outra pessoa... Tenho medo que nosso amor seja limitado por minha causa. Eu não quero ser fraca... Eu não posso ser fraca.

— Sabe onde eu coloquei meu Passaporte?

— Perguntou minha mãe, tirando-me dos pensamentos confusos.

Ela continuava a andar de lá para cá à procura daquilo que lhe daria o direito de viajar. Estava arrumada, tinha as malas prontas e só precisa do passaporte para finalmente sair de casa.

— Não. — Respondi, escorada no batente da porta do seu quarto. — Não o vi, mãe.

PERIGOSAS ACHERON

Ele bufou, irritada.

— Vou chegar atrasada para o voo. —
Comentou ela. — A não ser que eu consiga pegar um Uber.

Ela rodeou a cama, vistoriando o chão para ver se o que procurava não havia caído, olhou debaixo da cama e infelizmente nada encontrou.

— Pode ir ver como está Breno? — Me perguntou sem desviar o olhar de onde insistia olhar novamente. — Queria dar uma passadinha lá no hospital antes de ir ao Aeroporto, mas com esse atraso vai ser impossível.

— Claro, mãe. Passo lá à tarde para vê-lo.

Ela silenciou por um instante, levantou ainda quieta e exibiu um sorriso vitorioso.

— Achei! — Exclamou, feliz. — Encontrei. Bom, agora eu tenho que ir. Na verdade, já era para eu estar a caminho.

Acompanhei minha mãe até a porta do elevador e a abracei como se fosse a *última vez que a tocaria*. Dentro de nosso confortante abraço, um calor se conduzia instantaneamente e foi a hora que percebi o tamanho de tempo que estávamos juntas e

soltar uma a outra não era uma cogitação. Eu não queria largá-la.

— Amélia... Eu vou me atrasar mais... — Murmurou ela ao pé do meu ouvido, tentando, aos poucos, me afastar.

— Eu sei — Respondi logo em seguida quando vi a porta do elevador se abrir. —, desculpa.

Ela desgrudou de meus braços e entrou na caixa metálica à minha frente.

— Não se esqueça de ir ver o seu irmão. — Lembrou pela última vez antes da porta se fechar.



Os minutos seguintes eu passei trocando os canais da televisão sem destino. Haviam se passado exatos trinta minutos em que eu entrara de volta para o apartamento e até então eu nada percebera.

Beirava às 14h e minha mente perturbava em ainda visualizá-lo naquele estado, o que me causou irritação. Será que não havia nada para eu pensar além dele?

Levantei do sofá e caminhei até meu quarto sem sentido algum. Apenas fui. E lá, encontrei
PERIGOSAS ACHERON

minha cama arrumada. Como sempre, minha mãe esticara o edredom da forma que eu gostara. Porém, o que chamou minha atenção foi exatamente o cobertor que ela também esticara esta manhã. Era o mesmo da noite do meu aniversário, o mesmo cobertor em que nos deitamos... Onde passamos a noite... Antes de tudo acontecer, antes do inferno aclamar em chamas *rebuliçantes*... Antes de eu perdê-lo definitivamente.

Logo, o perfume da sua pele inundou minhas lembranças assim como cada toque de suas mãos sobre meu corpo... Era inevitável não pensar em Nathaniel sem que pelo menos um gostinho de sua ausência fosse presente.

Sentei-me na cama, percorrendo a mão sobre o cobertor, fazendo toda àquela noite vir à tona mais uma vez.

De repente, sou resgatada das minhas lembranças pelo toque do telefone. Levantei-me outra vez tendo que ir do meu quarto à sala. Agarrei o fixo, atendendo-o ao levar a orelha.

— Alô, quem gostaria? — Perguntei sendo educada.

— Boa tarde, aqui é do Setor
PERIGOSAS ACHERON

administrativo Empresa TecVillar, por favor, Amélia. — A voz doce atingiu meu ouvido. Uma Empresa de Tecnologia? Não me recordava de mim mesma ter alguma pendência com esta organização.

— Sou eu mesma. Pode falar. — Respondi, emitindo minha voz de maneira que saísse baixa. Deixando evidente a minha surpresa e dúvida naquele momento.

— Oi, Amélia. — Cumprimentou. — Estamos te retornando, pois o seu currículo foi escolhido entre as vagas e está sendo selecionado para uma entrevista de emprego que, aliás, está marcada para hoje às 17h. Poderia comparecer este horário?

Minha surpresa aumentou repentinamente junto com a dúvida. Não me lembro de ter recorrido a esta vaga de emprego e muito menos lembro o nome da empresa que parece se confidencial, pois nome original não me foi apresentado. Porém, depois de muito tempo procurando um novo serviço, eis aqui um que entre centenas que não solicitei me retorna com meu currículo selecionado. Gaguejei de primeira resposta, pois não havia formulado uma resposta

imediatamente.

— É... — Agarrei meu celular no bolso traseiro e verifiquei a hora. 14h27min. Sim, eu poderia visitar Breno quando voltasse da entrevista. — Claro. Estarei disponível este horário.

— O.K, Presença confirmada. — Afirmou ela. — Bom, agora passarei o endereço da nossa agência para que possa comparecer.

Ela foi ditando o nome da Rua, CEP, referências para fácil localização e assim, anotei nas notas do meu celular para não ter o perigo de esquecer ou até mesmo perder caso tivesse anotado em um papel.

Finalizei a ligação com um sorriso no rosto. Caso eu conseguisse este emprego minha mãe não precisaria viajar tanto como agora fizera. Não teríamos tantos problemas com contas atrasadas e até mesmo o dinheiro gasto com o condomínio não prejudicaria em outras coisas avulsas.

Meus passos me levaram até a cozinha sem eu perceber. Estava com fome e ali procuraria algo para comer. O som da campainha me fez pular no segundo seguinte que ela foi tocada. Mas quem

PERIGOSAS ACHERON

seria? Àquela hora eu não esperava ninguém de especial. Saí da cozinha e parei em frente à porta fechada, olhando pelo olho mágico. Joseph.

Sorri. Fazia tempo que eu e ele não nos víamos ao ponto de termos tempo para iniciarmos uma boa conversa. Abri a porta e automaticamente ele me recebeu com um abraço apertado do qual eu já esperava. Fitei seu rosto e a ferida criada na boate no dia do meu aniversário já se transformava em uma minúscula cicatriz. Seu cabelo estava úmido e cheiroso. Como sempre, Joss não renegava ao simples e, se possível o mais barato, gel. Desta vez, ele não estava com seu distintivo. Para minha felicidade, ele trajava roupas casuais e completamente confortáveis. Nunca gostei muito de vê-lo com a roupa de serviço, mesmo deixando-o mais sexy e atraente era a lembrança de familiaridade que as roupas normais nele me causavam que, incrivelmente, era muito agradável.

— O que você está fazendo aqui?! — Indaguei, sorrindo. — Entre, estou sozinha. Minha mãe acabou de sair de viagem.

— Uma garota como você não deve ficar sozinha em uma cidade como esta. — Comentou

ele, adentrando meu apartamento atrás de mim. — Nunca se sabe quando um ladrão invadirá sua casa *e te fará de refém*.

— Em um prédio? — Ri. — Esta é nova. Porém, por meios da dúvida eu tenho um amigo policial que, caso isto vir a acontecer, é só ligar que em dois minutos ele estará aqui, não é?

— Depende. — Respondeu, ao se jogar no sofá.

— E do quê?

— Para me fazer continuar fiel tanto a sua amizade quanto sua proteção você, Amélia Martinez, deverá me alimentar com um banquete diversificado, indo de comida Baiana a chinesa. — Ele riu. Seu sorriso continuava o mesmo, porém era nítido que havia cansaço em sua forma de agir.

— Idiota! — Exclamei quando ataquei uma das almofadas ao sentar do seu lado. — Para sua sorte eu nem sei o que tem dentro da geladeira. Estava procurando algo para comer quando você chegou.

— Está bem, então eu me sustento com leite condensado, Manteiga e Chocolate em pó, isto

PERIGOSAS NACIONAIS

é, tirando um braço forte que aguenta ficar mexendo por alguns minutos.

— Brigadeiro de panela? — Indaguei, tentando decifrar aquilo que ele "cozinhasse" em sua mente fértil.

Joss assentiu, levantando do sofá e indo, intrometidamente, até a cozinha.

— Será que você tem isso aqui em casa? — Perguntou.

— Está me chamando de pobre? — Fui atrás dele, colocando as mãos na cintura. — Se veio para comer aqui por que não trouxe comida de fora?

— Ué, se fosse para trazer comida da rua eu nem teria vindo aqui. Faria mais sentido eu comer na rua, não é mesmo?

Abruptamente, soquei seu braço como se o que ele falasse fosse a coisa mais besta do mundo apesar de fazer todo sentido. Enquanto ele pegava as coisas que achava no armário, eu tinha o serviço de lavar a panela e a colher de pau para que pudéssemos fazer brigadeiro.

— E aí, como está no trabalho? — Perguntei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem. — Respondeu dando de ombros. — Estou meio cansado e acho que eu devia tirar uns dias de folga, mas até isso não acontecer, vou levando fazendo perícia nas estradas, abordando pedestres e etc. — Joss colocou tudo sobre a mesa e virou-se para mim. — Agora me diga, Como você ficou depois que eu o levei?

Nathaniel.

— Bem, eu acho. — Respondi meio com receio. — Não acreditei que ele fez aquilo. Até hoje não acredito, mas o perdoo ele, aliás, foi uma pessoa que tentou me estuprar que ele matou. Posso parecer fria demais, mas as coisas que ele fez por mim antes de eu descobrir não serão apagadas por um erro humano.

— Mesmo ele sendo um assassino? — Perguntou.

— Mesmo ele sendo um assassino, Joseph. — Respondi, virando-me também para fitá-lo. — Dentro da sua profissão, você nunca precisou matar alguém?

— Precisei sim. Era um atirador em meio ao confronto. — Respondeu.

PERIGOSAS ACHERON

— Então, Joss. Silas era um estuprador.

O silêncio permeou a cozinha de maneira que eu me arrependi de ter retrucado daquela forma. Não poderia falar as coisas que eu sabia sobre Nate, não poderia defendê-lo com tantas garras e dentes como gostaria.

— Eu o visitei dois dias depois que você o levou. — Aquilo saiu sem qualquer intenção da minha boca.

— O quê?! — Indagou mais surpreso do que eu esperava. — Não acredito que você fez isso sem me avisar.

— Avisar para quê? Joss, eu estava confusa, irritada e queria de qualquer forma entendê-lo. Queria encontrar algo na história para que eu pudesse perdoá-lo.

— Perdoar por ele ter tirado a vida de um Barman?

— Não. Por ele ter escondido tantas coisas de mim.

— Mas enfim... Encontrou alguma coisa?

— Sim, encontrei e não me arrependo de tê-lo perdoado. — Respondi.



Depois da conversa na cozinha, fizemos o Brigadeiro em total silêncio até, aos poucos, recuperarmos a intimidade para retroceder as brincadeiras. Com o doce já terminado, sentamos no sofá e o comemos juntos ao terminar de assistir a um filme que passava na Sessão da tarde.

Deparei-me com o relógio gritando às 15h45min. Levantei de onde sentava, assustando Joseph e fui até meu quarto para arrumar roupa e tomar banho. Logo quando saí, tive que explicar a ele o porquê minha fuga inesperada do sofá. Foi um saco ter que contar cada coisinha que eu esquecera na sua chegada, porém o bom nisso tudo era que uma carona ele me daria até o local.

— Tem certeza que não é melhor eu deixá-la na porta do lugar? — Perguntou ele pela milésima vez.

— Não, eu já disse. — Repeti. — Não sei ao certo onde fica o prédio da empresa e não quero tomar seu tempo, Joss. Obrigada.

— Está bem. Não vou discutir novamente com você. — Falou ele, parando a moto no lugar

onde eu mandara. Um quarteirão antes da rua escrita no endereço. — Só peço que me ligue quando terminar a entrevista. Venho te buscar logo em seguida.

Desci da moto assentindo. Tirei o capacete que ele me emprestara e lhe entreguei.

— Ligo sim já se é o que *ordena*. — Sorri. — Agora deixa indo para que eu não me atrase. Obrigada, Joss.

Ele me abraçou da forma que fizera mais cedo ainda sentado na moto.

— Desculpe por hoje. — Sussurrou ao pé do meu ouvido.

— Não se preocupe. Já tinha esquecido.

Dei um beijo em seu rosto e assim, o vi acompanhar a rua com sua moto turbinada.

Bom, agora era eu e eu. Mesmo não sabendo o lugar, teria que encontrar o mais rápido possível.

Em minutos, cheguei à rua indicada e desde o momento que eu a encontrara comecei a olhar nos números das residências a fim de localizar o prédio. Por incrível que pareça, o

número 233 que deveria estar gravado na parede de uma empresa de tecnologia estava aos prantos pendurado na parede de um antigo armazém abandonado em um pedaço deserto da rua que eu seguia. Sem uma mera alma para me auxiliar, adentrei o mesmo quando vi a porta aberta.

Estava escuro, vazio... Estava frio. Dei alguns passos, indo mais profundamente até não ter coragem de continuar e gritei por alguém. Não era possível ser ali. Talvez me passaram endereço errado.

— Tem alguém aqui? Desculpe entrar sem permissão...

Um som estrondoso chamou minha atenção. A porta atrás de mim bateu em um alto baque surdo e quando vi já estava fechada, roubando a única claridade que eu tinha naquele lugar.

— Quem está aí? — Perguntei mais uma vez.

Sem respostas.

Andei para trás e meu corpo impactou com o que parecia ser de outra pessoa. Eu gritei, porém,

meu grito foi interrompido quando este mesmo alguém ensacou minha cabeça com um plástico. Tentei lutar, mas esta tentativa foi em vão. Em seguida, fui arrastada para algum lugar que eu não pudera ver.

Ouvi sons de outras portas sendo destrancadas até que, quem me arrastava, colocou-me pelo que eu identificara no ombro e assim andou comigo, indo para outro local. A luz do sol atravessou a cor do saco em minha cabeça e quando percebi que havia saído para outra vez, a escuridão retornou ao som de motor ligado.

— Coloque-a na aí dentro e amarre-a! —
Eu já ouvira esta voz. A mulher do Telefone.

Era uma emboscada.

Fui arremessada em um lugar nada confortável enquanto soluçava. Tentei espernear, mas minhas pernas foram amarradas sem que eu visse. Já minhas mãos, amarraram-nas atrás de meu corpo.

Quando toda movimentação se tornou pouca, o saco preto que encapava minha cabeça foi retirado e eu vi onde estava. Era o interior de um furgão enorme e escuro. O som do motor vinha do

PERIGOSAS ACHERON

carro ligado. Aproveitei aquele tempo para respirar. O saco em volta da minha cabeça me impossibilitou de buscar qualquer ar.

Rodei os olhos pelo ambiente e me surpreendi pelo que vi. Havia outras quatro mulheres ali comigo. Forcei a vista para olhá-las atentamente, indo uma por uma, até que meu coração parou em desespero. *Minha mãe.*

Ela estava amordaçada, amarrada se encontrava lutando para manter a consciência.

Comecei a pular com todas as minhas forças gritar na esperança de conseguir me libertar. Quem iria me ouvir naquele lugar senão os próprios sequestradores? Era uma tentativa fútil.

Chorar nunca foi algo normal de se ver em mim. Mas quando vi minha mãe, minha própria mãe naquele estado, as lágrimas desciam tão ácidas que minha pele passou a doer em todo caminho que percorria até morrer em uma gota no meu queixo.

Na minha frente, um corpo pareceu se materializar pela minha falta de atenção que eu não tive de acompanhar. Uma mulher. Ela estava do lado de fora do furgão, apoiando o braço branco na

PERIGOSAS ACHERON

porta do mesmo.

— Olá, Amélia. — Cumprimentou-me, sorrindo.

Neste momento, uma das mulheres começou a emitir um som grotesco no qual chamou minha atenção. Estava convulsionando, morrendo e a garota na minha frente nada fez senão assistir com atenção.

— Meu nome é Natália e Bem-vinda ao Inferno. — Sorriu ela de uma maneira demoníaca. Em seguida, mirou os olhos para um dos caras e disse: — Ensaquem-nas, vamos levá-las para a Pedreira.

Semelhanças Traiçoeiras

Todo ambiente que nos rodeava naquela padaria ficou, com toda certeza, mais turva quando ele proliferou aquelas palavras. No mesmo momento eu não soube como reagir. Apenas senti meu corpo amolecer depois de uma tremedeira momentânea que me desequilibrou instantaneamente. Não sei exatamente se Jules percebeu meu desconforto, mas vi claramente seus olhos acompanhando minha mão esquerda que eu levava ao banco do lado na para me apoiar.

Aquilo não poderia ser uma mera coincidência. Na verdade, não poderia nem ser um talvez. Não. Eu ouvi errado. Isso! Eu ouvi errado. Ele não pode ter dito aquele nome... Não era aquele nome.

– Melinda de Oliveira Bittencourt.

JOSEPH

HORAS ANTES

Joseph olhava seu celular a cada toque, até mesmo aqueles que ele sabia que era do despertador. O policial não possuía atenção alguma

PERIGOSAS ACHERON

quando o assunto era horário, não importa o quão acostumado ele já esteja sempre se atrasava. Por este motivo, colocava quatro horários para serem despertado e assim ficar mais ligeiro em questão ao seu compromisso. Porém, naquele momento, enquanto se trocava às seis horas e trinta e sete minutos, toda atenção era justamente por causa dela, Amélia, sua amiga de infância que reencontrou inesperadamente em uma chamada de denúncia ha alguns dias. Desde o reencontro mais do que triste, Joss vem a cada olhada para ela, construindo um sentimento fervoroso.

Dona de olhos âmbar, uma pele marrom extremamente marcante por sua tonalidade exótica e encantadora, um jeito meigo, sutil, mas sexy mesmo sem intenção, Amélia sempre foi o foco dos olhares de Joseph, até mesmo quando crianças. O problema era que antes ele a via como uma irmã que nunca teve até porque não tinha mentalidade o suficiente para desenvolver sentimentos pouco maliciosos... Isto é, diferente de quando a reencontrou depois de anos. Agora o novo Joseph estava enroscado naquele confuso sentimento de talvez amor.

Ele já a teria nos braços caso os sentimentos de Amélia não fossem os mais puros que alguém poderia ter. Eram verdadeiros, *possessos* de uma intensidade única um tanto voraz que os transformavam em algo indestrutíveis. Joss já seria dela caso outro alguém não a tivesse fígado. Como o policial não gostava daquele cara. Não gostava, mas sabia que não existia motivo que explicasse tal aversão, pois o cabelinho fogo a tratava tão bem. Só precisou vê-lo uma vez que seu interior estava convencido completamente. O cara era bonito, fazia um belo par ao lado dela e isso Joseph tinha que admitir e, além dessas qualidades todas, ele parecia ser inteligente e protetor pelas coisas que a própria dissera em conversas anteriores. Tão protetor que matou alguém para vê-la bem, segura. Joss sabia que não havia mais chances, porém não desistiria até ouvi-la dizer não, o que não havia ouvido. Ainda. Estava tão óbvio, até para ele mesmo. Ele odiava o ruivinho porque não poderia oferecer a ela o que ele oferecia. Não poderia ser o melhor para ela do que ele era até mesmo encarcerado. Era o seu ego ferido, machucado... Destruído.

Joseph tinha acabado de colocar o sapato

bege com estilo de bota para compor a roupa à paisana quando seu celular tocara mais uma vez. Sete horas em ponto. Outra vez o maldito do despertador e nada de Amélia. Havia se passado um dia desde que a deixara perto do lugar onde, como ela própria dizia, faria uma entrevista de emprego. Amé prometeu a ele que ligaria quando terminasse para ser buscada. Disto tudo, nada fez. Nem ligou para buscá-la e muito menos retornara para avisar que estava bem. O que o amigo teimava em imaginar era que, estava tarde quando a entrevista acabou e ela, de tão educada e altruísta, decidiu não ligar e fazê-lo sair do trabalho em plena noite. Assim, voltou para casa cansada e lá dormiu, esquecendo-se de ligar avisando.

Se ele já pensou em ligar para ela? Joss havia esgotado seus créditos só tentando um contato telefônico. Seria tão bom ouvir a voz dela logo de manhã... Todas as ligações davam em caixa postais.

Já estava ficando preocupado quando cogitou a ida até o apartamento dela, mas para isso teria que encontrar um horário depois que resolver o motivo que o investigador o convocara para um

café.

Mais um passo sobre seu caso seria dado. Hoje haveria, antes de um interrogatório da morte do Barman, algumas informações que Jules encontrada em sua pesquisa e Joss precisava estar presente no lugar onde combinou com o mesmo para ouvi-lo e estar a par de tudo, pois Nathaniel estava encarcerado pelos documentos falsos que ele encontrara quando o mesmo fora depor pelo acontecido e não por assassinar Silas. Então o homicídio ainda era um mistério que seria, talvez, resolvido hoje.

Levantou-se da cama pronto. Só esquecera o distintivo sobre o criado-mudo que logo pegaria para enfim colocar preso ao cinto.

Joseph lembrava quando o investigador veio até sua casa para, além de tomar algumas garrafas de cerveja, pois sabia que era uma desculpa esfarrapada, se informar sobre o caso. Ele recolheu tudo o que o civil sabia e ficou a par para seguir sua investigação junto com a cena da morte em sua cabeça. O cara era bom. Com toda certeza, jogaria nas costas daquele maldito ruivo mais alguns aninhos de cadeia.

Logo após pegar o distintivo, Joss saiu de casa atrasado e com a gasolina por um fio na moto. Se atrasaria mais para o encontro por ter que achar um posto e lá reabastecer.



Quando Joseph entrou no estabelecimento reconheceu seu amigo no instante seguinte.

Ele estava sentado em um banco de frente ao balcão, tomando algo que parecia alcoólico pelo tipo de copo e a transparência da bebida. Assim que este também viu o policial entrando, levantou-se e assentiu para que o acompanhasse para as mesas do fundo a fim de terem maior privacidade. Joss logo obedeceu.

Cumprimentou alguns balconistas com um simples bom dia e chegou até Jules sem o típico sorriso no rosto de sempre.

— Bom dia, Joseph. — O investigador estendeu a mão, esperando que o policial fizesse o mesmo, mas não obteve tal esperado.

A única coisa que Joss fez foi apontar para a cadeira, indicando onde sentariam.

— Bom dia, Jules. — Respondeu ele,

sentando-se na frente do investigador.

Sua aparência envelhecida, cabelos grisalhos afetados pela precoce calvície e nem mesmo teu sorriso branco com o forçado carisma presenteava-o com um ar sincero, ou seja, verdadeiro. Era como se estivesse estampado na sua testa: **AMBICIOSO, CORRUPTO E DESUMILDE.**

— O que descobriu para o tão desesperado encontro?

— Infelizmente nada que o ligue **DIRETAMENTE** ao homicídio para julgá-lo como o executor, porém algo sobre sua verdadeira identidade o liga a você. — Respondeu Jules. — Antes de começarmos, por favor, peça algo para beber. Uma 51 cairia perfeitamente bem para o que lhe contarei.

Joseph ignorou. Estava ali para saber o que Jules tinha para contar e não para beber.

Mesmo que o conselho dado pelo próprio investigador fosse o mais convincente para o que viria a seguir, Joss não cairia à tentação. Ele gostaria de estar o mais ciente possível para, seja qual for a tal descoberta, poder aguentar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A única coisa clara neste caso é que, evidentemente, o preso tem ligação com o misterioso assassino, o que o torna cúmplice do crime. Talvez rastreasse o executor pelo número do celular de quem o enviou a foto, mas não tive tempo para tal, pois estava focado em QUEM realmente o preso é no meio de tantas identidades falsas.

— Fale logo o que aquele desgraçado tem a ver com a minha vida. — Forçou Joseph.

— Como antes me disse, o nome bate. Sim, ele é Nathaniel mesmo.

Ele fora sincero com Amélia em relação ao seu nome, pensou ele, Se carregava nomes falsos é claro que, em diversos lugares, nunca teve a necessidade de revelar seu verdadeiro. Com Amélia revelou, foi verdadeiro. Existe mais sentimento do que ele imaginou.

— Você perdeu a mãe com vinte anos? — Perguntou Jules.

— Como sabe disso? — Indagou Joseph, expondo suas feições fechadas.

— Eu não sei de nada, Joseph. Só estou

PERIGOSAS ACHERON

perguntando. — Sobrepôs o investigador. — Apenas responda: Sim ou Não.

— S-sim... Por quê?

— E se eu te disser que Nathaniel Barbieri Bittencourt, que assim como o nome é seu verdadeiro Sobrenome, também perdeu a mãe com Dezesete anos?

— O que você está querendo dizer?

Jules, de sua mala que estava ao chão, pegou um envelope onde estava escrito na frente o nome do hospital. ALBERT AISTEIN e jogou sobre a mesa.

— O que é isso? — Perguntou.

— Veja com olhos, policial. — Respondeu, vendo Joseph apanhar o envelope como se já deduzisse o que realmente era. Ele não estava errado. — Quando encontrei tal semelhança, me dei o direito de ir atrás da confirmação, não é isso o que investigadores fazem de melhor? Mas para isso, precisei invadir tanto sua privacidade quando a do preso e assim, levei as amostras até o laboratório.

Os dedos de Joseph já tremiam pela

cogitação anterior se mostrar verdadeira pelo decorrer da conversa. Ao abrir o envelope e de lá, retirar a folha branca, o policial se deparou com a pior palavra já lida em sua vida.

POSITIVO.

— Há nove anos, uma investigadora da policial carioca foi encontrada morta em uma mata fechada, ensacada e carbonizada após se envolver em uma missão secreta com a máfia que se instalou no Rio vinda da Itália. Morreu da mesma forma que a mãe de Nathaniel morreu, da mesma forma que *sua mãe* morreu... Ou seja, exatamente como Melinda de Oliveira Bittencourt morreu. Como a mãe de *vocês* morreu.

Para um Coração Arruinar

AMÉLIA

O suor escorregava pela minha testa, causando cócegas instantaneamente. Eu não sabia onde estava, porém, minha mente habitava um mundo aleatório que sempre sonhei viver.

A vista do preto só me remetida a indisponibilidade. O vácuo não continha exatamente nada que poderia me importunar e era justamente este breu que ansiava meu cérebro.

Não tinha certeza de quanto tempo já estava ali, amarrada naquela cadeira que os desgraçados nem fizeram questão de me desamarrar para o transporte ocorrer com sucesso. Jogaram-me no contêiner de um pequeno caminhão/furgão junto a mais algumas mulheres desacordadas e seguiram viagem para um lugar distante no qual fui percorrida com o rosto colado

PERIGOSAS ACHERON

no metal frio do chão daquele troço e cachos esfarrapados cobrindo a face. Não tinha ideia para onde levaram minha mãe. Quando fui separada dela através de socos, não consegui nenhuma notícia de seu paradeiro e era isso que me dava medo. Agora, como o meu corpo se encontrava em um estado “adormecido”, o único trabalho da minha mente era alucinar enquanto a escuridão tomava não somente meus olhos, mas minha alma no lugar fétido e escasso que me colocaram ainda desacorda após chegarmos de viagem.

Vi meu irmão, curado... bem. Extremamente saudável, correndo por um campo aberto. Estava feliz, brincando sob o sol quente e esperançoso. Pelo visto, naquele momento, a minha prioridade era vê-lo acordado. Breno continuava correndo e no meio do caminho pelo qual seguia abriu os braços em um inocente sorriso. Quando percebi que estava indo o tempo todo na direção de alguém quis saber quem era. Minha visão conseguiu me surpreender quando a pessoa que estava ali foi identificada saindo de trás de uma árvore qualquer. A luz do sol impactava sobre o seu cabelo ruivo destacando-o e semelhando-o às demais chamas dançantes de tão realçados que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eram seus fios. O laranja apareceu incendiar no topo de sua cabeça passando uma notável sensação de calor intenso, mas naquele momento o que me impressionou foi o brilho de seus olhos verdes. Como verdadeiras esmeraldas que se irradiaram, contrastando ainda mais exótica beleza. E, quando segui o caminho retilíneo de Breno, percebi que Nathaniel o receberia de braços abertos com outro sorriso enorme no rosto. Seus braços fortes envolveram o meu irmão pegando-o no colo para colocá-lo sentado em seus ombros. E, como a visão mais linda, porém simples que eu já vira, Nate começou a gargalhar enquanto brincava com Breno que tinha os braços e estendidos. Começou a correr pelo campo, fazendo o meu garoto se sentir um avião voando.

De repente, minha visão escureceu e novamente me vi despertada, sentada na cadeira e com o saco na cabeça bloqueando meus olhos.

Em outra tentativa frustrada tentei me soltar daquelas duras cordas. Elas pareciam que nunca poderiam ser rompidas, mas era somente a limitação do meu corpo impedindo a força de se manifestar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Até mesmo nas minhas alucinações Nathaniel assumia a sua personificação. Mesmo se eu não quisesse, ele seria, indiscutivelmente, o motivo de tudo. O meu tudo. Outra coisa que se evidenciara fora Breno. Com um interno desejo de vê-lo bem, minha mente assim fez sem eu pedir. Porém, o encontro de ambos levou-me às antigas lembranças aonde Nate viera visitá-lo sem saber o que havia acontecido. Seria esta uma pendência que minha cabeça carregava? Quando travei em indagações, meus ouvidos captaram sons de passos se aproximando. Meu corpo estremeceu em um calafrio.

O forte cheiro de tabaco atingiu meu nariz no exato momento em que percebi que este interagiria comigo. Já estava perto demais quando eu o imaginei de frente para mim. Logo senti sua mão agarrar minha cabeça e o saco preto ser retirado bruscamente.

Ver a luz novamente não foi tão prazeroso quanto imaginava. Eu sabia que uma mísera lâmpada amarela não iria me satisfazer tanto quanto raios de sol ao contato com minha pele, mas teria que me causar algum agrado. Exatamente da

PERIGOSAS ACHERON

forma que eu imaginei, um homem estava de pé na minha frente fitando-me enquanto tragava um cigarro que exalavam cheiro pútrido de nicotina.

Ali ele parecia mais medonho do que realmente era. Trajando um escuro terno com um tom morto de Cinza, ele soltava fumaça para pelo canto da boca sem alterar sua expressão séria. De grande porte senão até um pouco gordo o homem tinha a pose ereta da cabeça aos pés. Tinha também o cabelo grisalho onde algumas cavidades se encontravam vestígio de calvície, os traços retos do rosto lhe davam um ar autoritário. Ao seu lado, um pouco afastado, estava outro homem que eu não conhecia.

— Olá, Amélia. — Saldou o homem na minha frente, quando acabou de tragar seu cigarro. Sua voz era mais rude e gutural do que imaginava. Eu, dessa vez, rendi ao peso da cabeça, estando incapacitada de mantê-la erguida para fitá-lo diretamente. Estava muito fraca, com muito frio, fome e sede e era impossível ficar por muito tempo sem desmaiar ou dormir de tão fraca.

— Quem... você... — Falar agora era novidade. Pelo tempo que estiver ali a única coisa

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu vi foi o tom enfraquecido nos meus pensamentos e permanecer assim sem ao menos poder tentar algo. — ...É? Quanto tempo estou aqui? Onde está a minha mãe?

O desgraçado riu baixo.

— Uma pergunta por vez, criança. — Disse ele caminhando ao meu redor com os braços grudados nas costas. — Presumo que esteja com sede. — Virou-se para o homem e ordenou: — Traga água para garota. Não posso perder mais nenhuma mulher nesses testes.

Testes?! Mas o que ele estava falando?! Perder mais uma mulher... O homem se referia às sequestradas que inclui eu e minha mãe. Ele estava se precavendo ao me dar água, pois um humano não consegue resistir muito tempo sem se hidratar. Uma mulher já havia sido morta e ele não queria que acontecesse novamente comigo.

Vi a hora em que o subordinado voltou com a água. Minha visão estava turva, mas reconheci o copo descartável que ele segurava. Seus passos o levaram até o grisalho e o entregou o copo olhando para mim, depois deu as costas e partiu do lugar onde estávamos.

PERIGOSAS ACHERON

O velho agarrou meu cabelo e o puxou para trás com muita brutalidade. Tentei gritar, mas a voz pouco saiu. Assim, tive que conter a dor em silêncio. Ele, em seguida, sobre minha boca, virou aos poucos a água naquele copo. Por estar inclinada daquela forma não consegui engolir o que caía sem engasgar constantemente. Metade da água caiu sobre minha roupa e a outra, eu cuspi para fora. Respirei ofegante ao ver o líquido tão precioso — A única coisa eu me manteria viva e sã — ir à ruína quando molhou aquele chão.

— Espero que esteja melhor, Amélia. — Disse ele de forma sarcástica. — Precisarás de forças para ficar acordada — Comentara como se a água toda que estava agora no chão pudesse me manter forte pelo resto do tempo (no qual eu não tinha noção) que permaneceria ali. —, pois contarei toda a história e esta será longa. Muito longa...

Tossi com a garganta irritada pelo engasgo.

— Tenho quase certeza que você quer saber quem sou e o que estou fazendo com tudo isso. — Continuou ele, abrindo os braços para que desse ênfase a tudo que estava ao nosso redor. —, pois bem. — O grisalho curvou coluna com as

mãos nas costas depois de repousá-las e fitou-me atentamente. — Eu sou o tão conhecido Dom Carletto, o pai do seu namoradinho, Nathaniel.



O pandemônio deu início quando tal revelação foi arremessada contra minha cara nua e crua, mas... Como?!

Ergui minha cabeça e fitei-o meio desorientada. Minha visão turva ainda me atrapalhava ao notá-lo com perfeição, mas pouco que eu pude perceber, Nate e ele tinham traços semelhantes.

Nathaniel havia me dito que este homem — vulgo seu pai — tinha sido assassinado em um atentado com carros. Como era possível estar aqui na minha frente?

— O que você quer de mim? — Perguntei com um tom de expressão, indagação.

Dom Carletto riu.

— Você é a única coisa no mundo que pode atingir meu filho. — Disse ele. — É estranho, mas eu a conheço há bastante tempo, Amélia. Desde o dia que Nathaniel a salvou naquele bar, eu

venho acompanhando-a. Ainda não fez o menor sentindo, não é mesmo? Pois bem, quando coloquei meu filho no comando tinha a intenção de vê-lo em soberania, assim como eu, para quando as coisas esfriarem eu retornar ao trono da máfia, mas... Nathaniel sempre fora bom demais para assumir a organização. Percebi isso logo nos primeiros dias, porém não pude voltar, pois as investigações do incêndio ainda eram constantes. Era nítido que ele nunca teria coragem de matar alguém.

— Mas matou. — Respondi em protesto.
— Nate matou o cara do bar.

— Garota ingênua. — Riu D. Carletto, gosando com a minha cara. — Digo matar por diversão, tirando motivos e muito menos sentimentos. Porque acha que Nate ordenou matar aquele cara? — Indagou. — Depois da morte de Melinda ele nunca mais aceitou ver qualquer violência contra *coisas* como você! E no poder que a Máfia proporcionava, esta ideologia fraca e inútil ganhou força sem precedentes. Sabe qual é o pior defeito dele, Amélia? Hein? — Eu não respondi, apenas permaneci fitando-o com ódio, medo e lutando para não sucumbir ao cansaço no mesmo

tempo. — O seu *coração Altruísta*.

— Não! — Tentei gritar, mas minha voz saiu falha. — Você está errado!

— Estamos em um patamar que tudo e todos parecem estar errados e o certo escondido em sua toca na escuridão, mas pense por esse lado, caso ele não te salvasse, não insistisse e, muito menos, não se apaixonasse, você e sua mamãe não estariam aqui morrendo. Para o mundo da máfia o errado é o certo e o certo, o errado. Nathaniel é digno da minha vergonha. Como se não já bastasse o coraçãozinho mole dele no início, agora temos você, a origem deste amor que não deveria acontecer e, além de tudo, o ponto fraco dele. Amélia, você é o motivo da bondade de Nathaniel, um fator que para os negócios não faz bem.

— Se acha que me matando o transformará em um monstro, está enganado. — Proliferei, rindo desta vez.

— Talvez, mas vale a tentativa. — Respondeu ele, dando de ombros quando a entrada do porão foi aberta e outro capanga entrou. Este estava com a expressão preocupada, com o rosto ensanguentado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Senhor, outra prisioneira acabou de morrer. O efeito do Exiliu ainda é mortal para o organismo humano. — Disse o homem eufórico para o monarca sem coração.

— Merda! — Gritou ele, indo para trás. Cerrou os olhos e conteve um chute em outro banco que estava ao lado. Carletto estava irritado.

Eu pulei na cadeira extremamente assustada. Mais uma mulher havia morrido. Mas qual mulher fora a vítima? De repente, uma lágrima escorreu em meu rosto enquanto eu gritava.

— Mãe! — Solucei, abruptamente. — MÃE...

Calertto olhou para o homem que estava ao lado e deu as costas, dizendo:

— Fique de olho nela. — O Mafioso subiu as escadas, saindo do porão onde eu estava. — Eu já volto.

O homem sorriu, vindo em minha direção, estralando os dedos das mãos como se me mostrasse um prelúdio de mais tortura... E eu não estava errada. Antes de chegar em mim, algo soou vibrando. O som da banda Jamz com a música

PERIGOSAS ACHERON

Completa, tocou e eu reconheci como uma ligação vinda do meu celular. O homem recuou o passo, indo em direção ao aparelho que repousava a mesa de metal um pouco à frente.

— Você deve ser realmente importante. — Comentou, ponderando a cabeça. Pegou o celular na mão e olhou para o visor. — Esse tal de Joseph está desesperado atrás de você desde o dia em que te sequestramos.

JOSEPH... Meu peito doía.

O capanga movimentou o polegar, arrastando-o sobre o visor parecendo negar a chamada. Olhou para mim e sorriu.

— Acho que devemos retribuir a comunicação. Que tal um videozinho?

Ele gargalhou. O ordinário poderia ser mais cruel que o próprio dono da máfia? Veio em minha direção com o celular apontado para minha cara. A luz do flash ligada. Eu estava sendo gravada. Os pelos das costas arrepiaram quando o caminhar de Natália fora denunciado pelo barulho do salto batendo no chão. Em sua mão havia uma tesoura.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Nada Será Como Antes

O amor é o estado no qual os homens têm mais probabilidades de ver as coisas tal como elas não são.

– Friedrich Neetzsche

NATHANIEL

O prato descartável deslizou adentrando a cela de maneira fria e nua. Eu não estava com fome. Naquelas condições a única coisa que me permiti sentir foi, além da claustrofobia, a agonia de estar sozinho. Aqueles que me acompanhavam foram transferidos para um presídio regional onde cumpririam a pena após terem cometido atos insanos. Eu... Só contava os segundos para ser julgado e estar lá, com eles, pagando por tudo que fiz até então.

A comida não tinha cheiro e muito menos se encontrava em uma temperatura um pouco acima da do ambiente. Quando ela parou em minha frente, recusei-me a comê-la. Deixaria esta, assim como as

anteriores, intactas, sabendo que à noite eles a recolheriam. O alimento não tinha cor, provavelmente nem tempero possuía.

Presumi ser meio-dia. O sol deveria estar brilhando, aquecendo tudo com suas altas temperaturas enquanto as pessoas o aproveitavam em parques e praças. Algo ali me remeteu ao lírio amarelo no qual encontrei no parque. Delicado, radiante assim como Amélia sempre representou para mim, além do refúgio onde eu conseguia esquecer – mesmo por breves momentos – as atrocidades que me rodeavam.

Como ela estaria agora?

Ela sabia que tudo entre nós estava de certa forma acabado. Não havia volta, não mais e ela teria que aceitar isso, mas se por algum acaso já tenha feito, estaria junto ao policial que tornou a minha vida monótona dentro de uma cadeia. Porém, bem que eu o entendia. Com toda certeza ele nutria um sentimento forte e a protegeria de qualquer ameaça... Isto, incluindo a mim. Ele a viu chorando quando fui expulso de sua casa e, conseqüentemente por seu trabalho, me levou do apartamento dela algemado sem saber que eu nada

faria para machucá-la. Por fim, eu não o condeno e muito menos desejo mal a ele. Eu... Só queria ter outra chance, voltar no tempo e não fazer tudo o que fiz. Talvez impedir de tê-la conhecido naquela noite. Não, Amélia não era alguém tão desprezível ao ponto de merecer ser esquecida ou ignorada, mas eu assim faria caso pudesse privá-la desse mal todo, porém se eu não estivesse no bar àquela noite algo poderia ter acontecido. Ela poderia acabar estuprada ou até mesmo morta caso reagisse. Imaginar seu corpo jazendo o chão frio daquele quartinho que na hora ela era arrastada me causou náuseas e um rebuliço interno. De certa forma, eu a fiz bem, mesmo a fazendo mal ao mesmo tempo. O problema foi que esse mal se tornou o dobro do bem que fizera.

Minha cabeça baixa apenas pesava a cada instante que eu ali, no escuro, continuava. Minha respiração constantemente ficava cansada pelo ar seco e isso atrapalhava meu raciocínio, devolvendo-me a realidade que eu insistia não continuar vivendo. Ouvi passos. Aproximando cada vez mais pelo corredor que dava acesso às celas. Quando aquilo... Aquele alguém atingiu minha visão em forma de uma sombra atrás das grades,

PERIGOSAS ACHERON

meu olhar identificou como um homem. Alto, robusto e... Com seu distintivo. Reconheci sua postura sem ver o rosto.

— Nathaniel — Chamou ele, sabendo meu nome e soando-o com uma familiaridade enorme. —, precisamos conversar.

Era Joseph.



E, novamente, eu estava sentado perante aquela mesa acinzentada na qual aconteceu meu último encontro com Amélia. Nada sabia do que aquele cara poderia ter interesse comigo já que eu estava jogado dentro da cela como uma ratazana qualquer para querer conversar comigo. A não ser sobre a própria Amélia, eu não tinha noção. Permaneci quieto com a expressão tão mórbida enquanto Joseph me olhava com atenção. Estava apenas esperando alguma reação minha, mas nada teria no fim. Ele vestia o típico colete à prova de balas, calça jeans e uma camisa branca de manga comprida. Seu cabelo estava molhado e seu rosto aparentava cansaço. Então, algo surgiu dentro de mim e foi tomando proporções disformes difíceis de controlar. Só o aguardei se sentar, acomodar, PERIGOSAS ACHERON

pousar a pasta azul que carregava sobre a mesa e interlaçar os dedos com as mãos úmidas para perguntar:

— *Como ela está?* — Ele sabia de quem eu estava falando. Não precisava desenhar. Sabia que era de Amélia quem eu perguntei. Como eu esperava, ele não respondeu de imediato. — Joseph... Amélia está bem? — Tornei a perguntar novamente, em insistência, curvando minha coluna sobre a mesa.

Seu olhar fitou o meu e eu notei a irritação correr por seus olhos. Normalmente, ele não tinha paciência.

— Deveria medir suas atitudes antes, Nathaniel. — Respondeu somente, sem expressar mais nada de uma hora para outra. — Mas não vim atrás de você para falar sobre ela. Se está preocupado com Amélia, sim. Ela está muito bem, aliás.

Um pouco mais aliviado, recostei relaxado na cadeira de metal frio e esperei ele prosseguir com seu papo de querer falar comigo. O que ele queria, afinal de contas?

— O que você quer de mim? — Lancei

PERIGOSAS ACHERON

minha pergunta sem conseguir me conter. Sua cautela prolongava os minutos sem resposta alguma e isso me pinicava. Estava curioso. E um tanto intrigado, pois Joseph nunca viria até mim caso não fosse para me punir.

— Vim conversar sobre você. — Disse enfim sem revelar exatamente nada.

— Sobre mim? — Indaguei e ri ao mesmo tempo. Ele confirmou com um aceno não encontrando um pingão de graça. O que ele poderia querer de mim? — Você quer que eu fique longe dela, não é mesmo? Que eu me afaste, pois sabe que mesmo preso, Amélia continuará me visitando. Joseph, eu não posso fazer isso...

Ele pediu para que eu me calasse com seu próprio silêncio. Em seguida, balançou a cabeça negando.

— Nem mesmo se você a machucasse realmente, Amé se afastaria de você, Nathaniel. — Comentou ele, usando um de seus (talvez muitos) apelidos para ela. — Isto não está dentro de suas escolhas e muito menos das minhas. — Desta vez, ele desatou num riso. — Nem mesmo será a consequência caso você fizer algo tão idiota e

impulsivo quanto assassinar outro homem... Infelizmente. Amélia é sua, Nate. Eu já tentei aceitar isso. — Pude sentir cada pelo do meu corpo ser arrepiado de uma forma anormal. Nem uma corrente elétrica poderia resultar na mesma sensação. — Você a físgou de uma maneira na qual nem eu consegui desfazer. Ela o perdoou, veja isso como uma segunda chance. Porém, se quiser realmente protegê-la, tente se afastar mais um pouquinho. Ela merece mais e você sabe disso mais do que eu, eu acho. Ela merece uma vida que eu ou até mesmo você não pode dar, então a deixe viver. Por favor, não permita que ela perceba que se importa. Só vai atrasá-la.

— Já estou me afastando. — Murmurei receoso. Verdades, verdades e verdades que doíam. — Não quero que ela se prenda a mim de qualquer maneira, mas não estamos conversando sobre mim, Joseph. Então... O que quer?

Notei sua respiração acelerar e foi tão nítido que ele estava tentando manter o controle dentro de si diante a mim.

— Entenda, primeiramente, que estou vindo aqui para conversarmos como uma pessoa e

não como um policial apesar de estar vestindo como um. Isto explica o motivo pelo qual me direciono a você pelo nome e permito que faça o mesmo comigo. — Joseph arregaçou as mangas e passou a mão no pescoço a fim de limpar o excesso de suor que escorria sutilmente. — Então, peço gentilmente, que me conte sobre a sua mãe, Melinda Oliveira Bittencourt.

— Mas...? — Que diabos ele queria saber sobre minha mãe? Novamente, ele não me deixou protestar, mas quando olhei para o distintivo percebi que havia um motivo muito sério dele ter feito a pergunta. Ele é da polícia, deveria saber de alguma coisa que o fez ligar os pontos com a minha suspeita e... Bom, eu não tinha certeza, mas não hesitei.

Respirei, sentindo a euforia desaparecer dentro de mim com muita calma.

— O que quer saber? — Perguntei, aliás, eu precisava de um ponto de partida para começar a falar o que ele queria ouvir.

— Quem era ela seria um ótimo começo. — Propôs naturalmente.

— Bom... Melinda era a coisa mais
PERIGOSAS ACHERON

concreta que eu tive de uma família mesmo sabendo que nosso relacionamento não era de uma mãe e filho. Nunca existiu um amor de fato e nunca soube o motivo disso. Meu pai sempre foi muito distante e, quando estava conosco, não a tratava como uma esposa. Mas, de certa forma, nunca pareceu me renegar. Antes da sua morte...

— Há quanto ela morreu, Nate? — Perguntou ele, se intimidando comigo abruptamente. Sua pergunta buscava que minha resposta pudesse responder alguma coisa.

— Nove anos, Joseph. — Respondi após ele me interromper. Acompanhei seus olhos e encontrei surpresa neles, quase arregalados. — Ela estava em um relacionamento conturbado com meu pai, eu só tinha dezessete anos e não dava tanta atenção aos problemas deles naquela época. Meu amigo, Wesley, passava mais tempo comigo do que qualquer outra pessoa. Então, em uma noite, eles brigaram novamente *por um simples pedido* dela.

— Qual foi o pedido? Você lembra?

— Não. Não lembro. Wesley nunca me deixou escutar qualquer conversa dos dois, mas lembro de que todos os meses ela saía de casa

PERIGOSAS NACIONAIS

ansiosa e passava o dia fora em um lugar onde era acompanhada por amigos do meu pai. Depois dessa briga ele permitiu que ela fosse com muito receio. Ele temia, mas nunca soube do que exatamente. Quando minha mãe saiu da nossa casa acompanhada não tive como me despedir e foi naquela noite que ela nunca mais voltou. Foi assassinada. Estuprada e queimada viva onde teve seu corpo largado em uma fossa para morrer.

Os olhos de Joseph brilharam e em um segundo depois ele estava chorando em silêncio. Estaria sentindo a dor que eu sempre senti?

— Por qual motivo se permite me contar tudo isso sem hesitar? — Perguntou ele.

— O que farei com esses fatos se os guardasse para mim e continuar preso pelo resto da vida? — Indaguei a ele. — E ainda mais, você pode achar que estou mentindo. Então não faria nenhuma diferença.

— Sei que não está, Nate. — Comentou tão confiante após eu ter dado de ombros. — Sei que o que disse é verdade... Mesmo odiando-o. — Desta vez foi eu quem o encarei um pouco confuso. Como ele poderia estar tão convicto?!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como pode ter tanta certeza? Por que diz isso?

— Só me responda mais uma coisa. — Eu assenti, permitindo em claro. — Qual dia a sua mãe saiu de casa pela última vez? Lembra?

Assenti novamente. A lembrança era tão forte que seria impossível ter esquecido.

— Treze de Maio de 2007. — Respondi a ele depois de ter lembrado a saída dela pela porta enquanto meus olhos apenas acompanharam. — Por quê?

— Foi o mesmo dia em que minha mãe me visitou pela última vez antes de desaparecer e ser encontrada carbonizada.

Porra...! Minha cabeça começou a latejar e minha visão ficou turva. Não sabia se ria, se me levantava e saía ou gritava com ele pela brincadeira idiota.

— Somos irmãos, Nate. — Revelou sem rodeios e emoção. Ele pegou a pasta que carregava e abriu, despejando vários objetos sobre a mesa. Fotos reveladas e um envelope já aberto. — Veja por si próprio.

PERIGOSAS ACHERON

Eufórico, vasculhei a papelada amontoado onde encontrei fotos da mesma mulher que passou meus primeiros anos ao meu lado junto a um homem loiro e um garoto quase idêntico a ele. Ruiva, com seus olhos verdes, abraçada aquele que estava do seu lado com um sorriso no rosto, um sorriso que eu nunca tive o prazer de ver. Naquelas fotos ela estava feliz.

— O investigador do seu caso encontrou meras coincidências, e delas concluiu o que vê agora. — Empurrou o envelope para mim e o peguei com desespero. Exame de DNA... — Ele mesmo fez sem eu saber e deu positivo, Nate. O caixão no qual provavelmente você enterrou jazeu o corpo de outra mulher... Talvez nem alguém tivesse dentro, pois Melinda está enterrada no cemitério onde descansa a família do meu pai. Somos filhos da mesma... — O toque do telefone tirou nossa atenção. Ele tirou o aparelho celular do bolso e estranhou. — Acabei de receber um vídeo... De Amélia.

Ele clicou na tela para dar play na mídia e sua expressão se contorceu em puro horror.

— Ah meu Deus! — Assustado, eu me

aproximei, debruçando ainda mais sobre a mesa até ficar tão próximo dele ao ponto de poder ver o que ele via. Não tenho palavras para dizer o que estava rodando ali. Minhas mãos gelaram e começaram a suar frio. Meu peito disparou e eu só queria entrar ali dentro e tirá-la daquele lugar.

Naquele momento, fui mais empático como nunca havia sido. EU SENTI A SUA DOR. Em manifesto de minha consciência, tentei fechar os olhos, mas era impossível. Eles as estavam machucando-a.

À Flor da Pele

Você não tem noção do quanto eu quis mergulhar naquela tela para estar ao seu lado. Para salvá-la, tirá-la desse sofrimento onde nenhum humano e muito menos você deveria passar. Em um segundo, o espanto se transformou em ódio e eu queria destruir quem estava fazendo isso com você mesmo se nos afastasse ainda mais. Não importa... Sua vida vale mais do que qualquer liberdade e, se fosse para eu passar cem anos aprisionado por meus atos insanos, assim não negaria. Por você. Porque o amor é a única coisa na qual vale a pena lutar e morrer – se este for o caso –, ainda mais se for por amar você.

– NATHANIEL

A gravação começa e Amélia está sentada em uma cadeira de madeira onde seu corpo é preso por algo que a contorna. Não há como identificar o que realmente é pela luz fraca que ilumina

pobremente o lugar fechado sem indícios de existir qualquer saída.

Ela chora. Há lágrimas que escorrem por seu rosto negro, molhando-o completamente. Porém, a lágrima, em seu caminho, não encontra o queixo, pois morre ao tentar penetrar o pedaço de Silver Tape que a amordaça, impedindo a libertação do som.

Ela se debate, mas nada resolve. Ela deveria estar bem presa. Em seguida, Amélia se permite em fungar ao tentar puxar o ar enquanto luta contra as cordas que logo se mostraram presentes. Quando ela olha para a câmera, seus olhos âmbar brilham desesperados.

— DÊ UM OIZINHO PARA SEU AMIGO
— Pede o gravador, fazendo sua voz soar tão ignorante e sarcástica que ao ser transmitido pela câmera, chia.

Amélia pula na cadeira. Nada resolve, ela está agoniada e agora parece soluçar. Seus pés chacoalham, chocando contra as madeiras grossas dos pés da cadeira e ela grunhi de dor. Suor escorre, misturando-se com as lágrimas.

A câmera muda de foco e paira sobre o
PERIGOSAS ACHERON

corpo esguio de uma mulher que possui o rosto coberto por uma touca preta onde existem dois buracos para os olhos. Ela se aproxima, sorri com o olhar e mostra um objeto brilhante nas mãos. Uma tesoura. Prata.

— Diga o quanto você está se divertindo conosco, Amélia. — A voz do gravador chia novamente, mas continua dando para compreender muito bem. — Ah! Esqueci que você não pode falar. Está calada como um cãozinho bravo numa focinheira. — Ele gargalha.

A câmera é erguida e um novo canto é gravado. Um porão. Uma única lâmpada — Amarelada — está pendurada no teto e agora balança sobre a cabeça de Amélia que continua soluçando.

Então, o vídeo parece atrasar na filmagem a cada movimento brusco que o homem faz. Ele anda, aproximando-se dela com a câmera em seu rosto cansado e dá zoom, focando em sua expressão acabada. Ele, detrás, continua rindo como se aquilo fosse diversão o suficiente para uma noite.

O som metálico da tesoura abrindo e

fechando rapidamente é gravado com nitidez. E, de repente, uma mão, a da garota encapuzada aparece de surpresa no foco da câmera, agarrando o cabelo de Amélia e puxando-o violentamente para trás. O pescoço dela enverga, ela grita em uma dor intensa onde não esperou e seus olhos – Em um segundo – estão fitando teto podre enquanto seu choro é reforçado. Amélia tenta lutar. Balança a cabeça em uma atitude de se livrar das mãos ociosas, porém é contida por agressões. A mulher, com as unhas pregadas no couro cabeludo da refém, puxa seu cabelo em protesto onde faz a cabeça dela ir para frente e para trás diversas vezes enquanto vocifera:

— Fique quieta, Vadiazinha!

Amélia obedece, cedendo aos comandos, pois não tinha onde fugir sem acabar mais machucada caso tentasse. Então, quieta, intacta, sente a tesoura ceifar o primeiro cacho de cabelo. O gravador acompanha a queda do mesmo até jazer o chão liso e seco, morto.

Quando o homem explode em mais uma gargalhada, Amélia pula na cadeira em que está amarrada e a consequência de sua reação

hesitante e desesperada é mais xingamentos.

— Vagabunda — Um tapa —, desgraçada — Outro puxão de cabelo —, galinha — Sua cabeça é socada para frente —, Neguinha dos infernos.

O vídeo trava. Para completamente e retorna com os sons cortado. A imagem se fragmenta e retorna não muito tempo depois já limpa com seu foco no chão. Ao redor da cadeira há cachos cortados.

Ele volta a filmar o rosto dela. Em seguida, sua cabeça e a ausência do cabelo só aumentam. Do lado esquerdo – sobre a orelha, acima dela – o couro cabeludo é presente. Há sangue, pouco, saindo dele. Muitos cachos ainda não foram cortados e sim arrancados.

Amélia não chora mais. Parece estar cedendo ao cansaço e ameaça desmaiar várias vezes a gravação. As mãos da mulher – brancas e com as unhas pintadas de vermelho vinho no qual se assemelhava ao sangue que manchava suas mãos – não permitem. Atacam! O tapa sai torto e acaba arranhando o rosto de Amélia, criando riscos peculiares.

— VOCÊ. NÃO. VAI. DORMIR! —
*Vocifera ela em pausas. — Macaca nojenta!
Estragou a minha unha!*

O gravador rodeia o ambiente, destacando os cachos que permeiam o chão escuro. Depois dá o lugar à parede. Marrom em uma coloração acinzentada, úmida, onde nem todos os pregos ainda se fixam. Somente um deles suporta um relógio azul, quadrado da marca automotiva Chevrolet onde as letras são vermelhas e prateadas. Em um relance, retorna a filmar a agressora cortando os cachos desfeitos pelo suor. Todos eles.

Quando a mesma termina, a cabeça careca de Amélia – apenas coberta por uma camada bem sublime e mínima de cabelo – encontra-se em conflito em locais onde os machucados ganham a vez e os lugares que ainda latejavam pela dor recente consequências dos violentos puxões da mulher branca com unhas pintadas.

Agora, a negra está inconsciência. Seu rosto caído para baixo sobre o peito e sua respiração ainda cansada se torna notável até mesmo para a câmera. O gravador, em silêncio,

vai até ela, agarra seu braço e o ergue. Ela reage em um susto. Sua mente já peregrinava lugares sombrios e gelados. Zonza.

— Fale para ele o quanto está bonita. — Perturba ele, rindo com insanidade e ironia. — O.K, eu respeito caso não queira falar por vergonha, mas de um tchauzinho. — O gravador apresenta sua mão ao vídeo e ergue ainda mais o braço dela. — Tchau... — Ele os balança no ar sem que seus dedos moles estiquem.

Quando a solta, o braço despenca quase como sem dono. Ela está fraca. Por fim, uma mão é colocada sobre a câmera, tampando-a completamente enquanto os sons continuam bem sutis.



Tudo fica preto pela tela do celular. Três segundos se passam e o vídeo termina. Nate chora. De ódio.

AMÉLIA

**EU SÓ CONSEGUIA dar espaço ao
PERIGOSAS ACHERON**

pensamento de como a dor é intensa. Ela arde e se alastra por toda a cabeça como se Natália ainda estivesse me torturando. Minha boca seca fazia meus lábios formigarem e eu não sentia mais meus pés, braços e, tão pouco, conseguia com facilidade manter os olhos abertos. A fita tampando minha boca apenas dificultava a respiração. Estava sendo um sacrifício ter que vincular todo meu ar pelo nariz.

Olhei para frente. O rapaz que gravara todo o holocausto pousou meu celular na mesinha à frente depois que Natália saiu do porão sem que eu percebesse. Ele tinha, em sua saída, um enorme sorriso no rosto e uma tesoura com sangue na mão. Ele veio em minha direção com sua expressão sarcástica onde imitava um sentimento de dó. Tocou meu rosto com o indicador e, bruscamente, arrancou a fita da minha boca.

— Respire um pouco. — Disse ele, bufando. — Dom Carletto me mataria se eu tirasse dele o privilégio de te matar.

Então, um riso foi a minha consequência de sua reação. Ele se formou em meu peito, subindo com muita dificuldade pela garganta até explodir

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda fraco pela boca. Esforcei-me para erguer minha cabeça sem sentir tanta dor, mas foi um fracasso. Seus olhos cerraram rapidamente. O capanga me agarrou, apertando meu pescoço.

— Do que está rindo?! — Vociferou em pergunta.

— Não adianta o que faça para impedir. — Comentei enquanto minha garganta seca só arranhava a cada palavra dita. — VOCÊ JÁ ESTÁ MORTO.

Ele rosnou, irritado, pela minha ousadia e riu, assim como eu.

— A única pessoa que morrerá além de você é o seu namoradinho caso não quiser seguir nossos termos.

Balancei a cabeça em negação sarcástica.

— VOCÊ FOI IDIOTA... — Falei interrompida por um gargalho que saiu sem que eu esperasse. Minha pele formigava enquanto a sensação de uma única vez estar submissa percorria por todas as veias. — Você acabou de mandar o vídeo para um policial. Agora, irão me encontrar de qualquer jeito!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu humor foi intensamente dado ao limite quando um murro abrupto me atingiu a face. Desmaiei e fui levada a escuridão finalmente.

PERIGOSAS ACHERON

No Limite da Confiança

Sempre imaginei como tudo seria se eu não tivesse hesitado a sua verdade antes... Se eu não provasse que nosso amor tem a possibilidade de não ser incondicional. Talvez agora eu estivesse segura em seus braços quentes. Não é culpa sua, é minha, por tê-lo aceitado no princípio. Eu quero você, Nate... Como nunca quis ninguém em toda a minha vida. Quero ser livre, voar novamente, ultrapassar limites ao seu lado. Mas, querer não é poder, pois eu estou aqui... Presa, amarrada e você encarcerado até Deus sabe quando. Infelizmente, é a ruína no final das contas para nós dois.

– AMÉLIA.

NATHANIEL

Sabe aqueles momentos onde o chão é tudo o que te resta? Bem, nem isso eu tinha naquela situação. A queda parecia interminável, fria e dolorosa demais que, provavelmente eu já esteja morto ao tocar o chão do fim do poço.

Desnorteadado, esta era a palavra que me rodeava desde que o vídeo chegou ao fim. Queria me soltar das algemas e mergulhar dentro da tela para salvá-la, pois a dor era imensa e insuportável, porém ela teria que ser forte e aguentar até as últimas consequências daquele pesadelo.

Ele disse que ela estava bem — Minha mente latejava de dor quando tudo terminou no preto que a tela do celular manifestou. E quando acabou, Joseph não estava mais ali, comigo. Ele correria para pedir ajuda. Tinham que agir rápido.

O ritmo do meu coração parecia que estava prestes a atravessar limites, iria explodir a qualquer momento. O que eu queria era sair dali e procurá-la a qualquer consequência. Iria morrer caso não fizesse nada. E quando Joseph entrou junto à delegada, o vídeo recomeçou, trazendo caos novamente.

Joseph pegou o celular da minha mão e mirou-o para frente da delegada. Mesmo que minha vontade era não ver, ele não deixou. Era como se quisesse me punir por aquilo estar acontecendo a ela.

— Mas... O que é isso? — Exclamou a

delegada surpresa.

Ela era nova aparentemente para ser uma delegada. Alta, ombros quadrados e autoritários pela vestimenta que usava. Olhos castanhos e um cabelo tão curto, porém estiloso que até serviria para um homem, lhe presenteava com uma graça que só foi possível pelo batom vermelho.

— Recebemos isso agora, Delegada Marta.
— Falou Joseph. — Está acontecendo agora. Ela é minha amiga e alguém está machucando-a! Precisamos fazer alguma coisa.

Marta fitou-me por um segundo e eu percebi que não foi intencional. Mirou então em Joseph assentiu, cerrando os olhos.

— Sabe onde ela pode estar? — Perguntou ela a Joseph que negou quieto.

— Eu a vi há três dias, Delegada. — Comentou ele e ao ouvir aquilo, rosnei irritado. — Eu a deixei perto de um local onde ela faria uma entrevista de emprego e não a vi mais. Não imaginei que algo pudesse ter acontecido, achava que ela estaria em casa ou cuidando do irmão no hospital.

— Desgraçado! — Xinguei-o revoltado. —
Você me disse que ela estava bem!

Marta apoiou a mão no coldre rapidamente
após meu manifesto inesperado.

— Cale-se! — Brandou ela como se
estivesse falando com um cachorro. Voltou para
Joseph e quando iria falar mais alguma coisa, o
vídeo chamou a nossa atenção.

“*VOCÊ. NÃO. VAI. DORMIR*” – Me
recuso a olhar o que fizeram com ela por um
segundo... Um segundo. Eu conheço essa voz.
Conheço o tom que ela vocifera, MAS NÃO ME
PERMITO cogitar a única pessoa que me veio à
mente. E quando o retorno à visão para o vídeo
algo meus olhos reconhecem. Um relógio azul,
quadrado com listras vermelhas.

*Segurei a mão do meu pai quando saímos
da concessionária alegre. Ele havia comprado um
novo carro e ganhamos o relógio da mesma como
brinde.*

— *O que vai fazer com isso?* — Perguntei
com a minha voz curiosa — *Já temos um relógio*

em casa. Não precisamos deste, pai.

Ele sorriu e já perante o carro novo que o manobrista retirou da loja, eu abri a porta de trás para me sentar e logo em seguida meu pai fizera o mesmo só que do lado do motorista.

— Verdade, Nate. — Concordou ele. — Vamos pendurá-lo no galpão junto com os outros carros.

Eu sorri. Adorava o galpão, pois poderia ver os carros de meu pai. Com este era o terceiro.

— Iremos para lá amanhã. Quero que me ajude a pendurar.

— Quem é ele? — A pergunta da Delegada me trouxe a realidade após estar submerso em uma lembrança de dezoito anos atrás. — Como ele a conhece?

— Era namorado dela. — Respondeu Joseph. Marta apoiou as mãos na mesa e curvou o corpo sobre mim, encarando-me.

— Isso tudo pode estar ligado a você. Quem faria mal a ela para vingá-lo?

— Está cogitando que uma ex-namorada
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esteja machucando Amélia? — Perguntou Joseph curioso. Marta Assentiu. — Se existir, Nate. Fale.

Limpei a garganta.

— Não. — Respondi. — Ninguém. Não deixaria que a fizesse mal.

Marta relaxou frustrada. Virou o pescoço para Joseph e eu a vi bufar.

— Prepare a equipe de campo e dê o alerta para o departamento. Vamos iniciar a busca. AGORA!

Antes de Joseph assentir, Marta já havia virado as costas prestes a sair quando eu segurei — Com dificuldade, pois a extensão das algemas não me permitia abrir os braços completamente — o pulso dele e pedi abruptamente.

— Eu quero ajudar. — Minha voz saiu sem que eu esperasse.

Eu havia me lembrado daquele galpão... Daquele relógio e o relacionei com uma lembrança quase esquecida, talvez perdida. Não era possível que Amélia estava tão longe assim.

Marta olhou para trás atenta e se aproximou recuando alguns passos.

PERIGOSAS ACHERON

— E qual serventia um preso pode nos proporcionar?

— Pode mesmo, Nathaniel? — Perguntou confuso “meu irmão”. Eu assenti.

— Eu reconheci o local. — Rebatí. — No vídeo... EU SEI ONDE ELA ESTÁ! — Desviei os olhos de Marta para focar exclusivamente em Joseph. Ele sabia o que eu estava sentindo, pois também a amava. Mesmo não gostando de mim esperava que a descoberta de sermos irmãos o amolecasse. — Joseph... Por favor. Deixe-me ajudá-lo! Você sabe mais do que qualquer um o quanto eu me importo com ela.

Os olhos de Joseph pousaram, parecendo reconhecer o que eu sentia. Ele virou-se para Marta que por sua vez me olhava esperançosa e disse:

— Preciso levá-lo comigo. — Sua voz foi dura. Rígida, um tanto decisiva e desafiadora com a própria soberana. Provavelmente, ela confiava nele.

— Escoltem-no até o local. Com segurança. E não hesite em atirar caso o preso fazer alguma coisa. — Marta se aproximou e por pouco não encostou os lábios em meu ouvido para sussurrar — *Se estiver levando meus homens para*
PERIGOSAS ACHERON

uma emboscada eu faço você preferir ir para o inferno a continuar aqui. Retire as algemas dele!



Nunca imaginei o quanto um fajuto colete seria incomodativo. Aquela coisa estava me apertando desde o momento em que o coloquei.

Sáímos em dois carros pretos de vidro fumê. Como, tecnicamente, eu ainda estava de certa forma preso, Joseph guiou-me até um automóvel enquanto mais dois investigadores – que a delegada selecionou para nos acompanhar – iam no segundo.

Joseph abriu a porta traseira e me deu espaço para entrar.

— Vou na frente. — Disse. Joseph fechou a porta e bufou, mas assentiu. Quando assim fez, ele entrou no carro, dando ignição na chave e olhou para mim.

— Me dê as coordenadas para chegar neste galpão. — Pediu, pegando o rádio e levando para perto da boca. — Sigam-me. Uma equipe irá nos encontrar lá assim que chegarmos para nos notificar o perímetro. Não devemos demorar na viagem. É a vida de uma mulher em jogo.

Eu assenti e ele não hesitou em dar partida no carro. De princípio percebi seu rosto focando totalmente à frente, respiração controlada e quando me dei conta de que o silêncio só perpetuaria, desviei o olhar dele para, também, olha a rua sem dar atenção.

Logo, as imagens estamparam novamente minha mente e senti o ódio surgir bruscamente. A dor parecia ensurdecadora, talvez só cessasse quando eu a tivesse nos meus braços novamente e, desta vez, para sempre. A voz de Natália também ganhou vida quase que instantaneamente. Cheia de seu ódio inexplicável e ofensas racistas. Aquela não poderia ser Natália... Não fazia sentido. Ela nem a conhecia... Não tinha motivos para sequestrá-la.

Respirei. Tinha que controlar meus sentimentos. Iríamos enfrentar aquilo de qualquer forma.

— Joseph, porque não foi ao apartamento dela quando notou sua ausência? Por que não a procurou? — Joseph não disse nada de imediato. Depois, puxou o ar para falar. Não me olhou. Estávamos entrando na Via Dutra em direção ao Rio de Janeiro quando perguntei de surpresa.

— Eu nunca imaginaria que algo como tal pudesse acontecer a ela, ainda mais ela! Eu a levei para a entrevista e pedi para que me ligasse quando a mesma terminasse. Eu iria buscá-la. — Contou ele, lutando contra a dor carregada na voz. Arrependimento. — Ela prometeu ligar, Nate. Mas no fim não recebi retorno algum e eu pouco me importei. Você deve saber o quanto ela é independente. Mesmo se insistisse de joelhos, ela nunca ligaria. E agora ela está sofrendo... Sendo torturada.

Olhei para ele e o descobri chorando. Enquanto dirigia, uma lágrima de seu rosto escorria. Até mesmo a mais forte das pedras um dia se arruinaria.

A Droga da Obediência!

“Se, a princípio, nos desencontrarmos, não desanimem. Se não me achares aqui, procura-me ali; em algum lugar estarei esperando por ti”.

– Walt Whitman. Canção de mim mesmo.

AMÉLIA

— Desculpe, senhor... — E então as últimas palavras foram proliferadas. — Por favor...

A BALA EXPLODIU, saindo do cano metálico da arma e colidindo contra a cabeça do homem ajoelhado na frente de Dom Carletto. Foi seco, ríspido e então, ele estava no chão, morto, com um buraco no meio da testa. Os olhos perderam o brilho da vida, deixando bem evidente a desgraça que lhe ocorrera. Dom Carletto, havia descoberto o vídeo que ele e Natália, vazaram para o celular de Joss e quando se deu conta de que estava agora na mira de um policial, o mafioso ficou desnortado.

O grisalho caminhou na direção de Natália,

pegou-a pelo cabelo e a chacoalhou da mesma forma que ela fizera comigo.

— Eu só não a mato, vagabunda, pois ainda há serventia para mim. — Rosnou ele, apenas alguns centímetros dela. Do rosto dela. — Suba! Avise aos homens. Tenho certeza que chegarão ao amanhecer. Não temos tempo para fugir e muito menos quero exigir esse esforço. Quero uma escolta em volta do galpão. Agora!

Natália temeu. Quando foi largada, subiu as escadas freneticamente. Com medo. Já eu, de cabeça baixa, não estava tão fraca como antes. A dor havia desaparecido com o passar do tempo, pois me acostumei em senti-la.

Ouvi os passos dele vindo em minha direção. Ergui minha cabeça e o olhei como a visão turva. Ele sorria com a arma na mão. Mesmo estando com medo, eu sabia. Ele não iria me matar. Não agora pelo menos.

— Olhe o que fizeram com você, doce Amélia. Machucaram-na tanto... — Ele comentou com ironia. Mesmo desaprovando o vídeo, Carletto com toda certeza sentia prazer com a minha situação. — O que meu filho acharia se a visse

desse jeito? Descabelada? Deixaria você de lado? Teria vergonha, talvez?

— Infelizmente, teu filho não é como você.
— Retruquei. — Ele não tem nada de você!

Ele deu de ombros.

— Verdade. — Comentou em resposta. — Nathaniel puxou totalmente a mãe, aquela vadiazinha mentirosa! Exatamente, em todos os aspectos. É por isso que não serve para liderar uma organização criminosa. Ele é filho de uma maldita investigadora!

Eu engoli em seco, surpresa de tão irônico que aquilo soou.

— Um Mafioso e uma investigadora... — Murmurei confusa. — Tenho certeza que Nate não sabe disso.

— Eu gostaria que ele nunca soubesse. — Concluiu. — Assim, ele nunca viria para ao meu lado se soubesse de toda verdade.

— Ele nunca se aliaria a você, seu monstro! — Vociferei, tentando desfazer a secura da garganta que me dava vontade de tossir. Não aguentava cogitar a possibilidade de perdê-lo. Para

ele... Para a Máfia. — Eles estão vindo e você vai perder. Vai para a cadeia onde irá apodrecer!

— Para quem está sem água há um bom tempo até que consegue gritar forte. — Disse ele, rindo. — Não me lembro de ter mandado tirar o silver tape da sua boca...

— Você vai pagar! Lá é o seu lugar, desgraçado!

— É o que veremos! — Urrou ele sem paciência. Ergueu o braço contra mim e terminou sua explosão de ira. — Agora cale a porra dessa boca!

Seu punho veio em direção a minha face e pouco senti quando me atingiu.



Amélia... Amélia... Amélia, minha filha. — A repentina voz me despertou e eu acordei mole e desnorteada. A visão turva ainda era presente, porém mais forte, e quando tentava abrir os olhos, os percebi pesado. A fome, calor e sede remetiam ao cansaço.

Os gritos se intensificaram, quando ouvi sinais de agressão, meu cérebro raciocinou e tornou

aquilo bastante divergente de outro sonho. Foi difícil ficar atenta naquele estado, mas a adrenalina que se manifestou era maior e ajudava. O que realmente levantou minha cabeça fora uma mão grossa que agarrou meu crânio descabelado e puxou-me em sua direção brutalmente. Era o pai de Nate com minha mãe amarrada nos braços de outro mafioso. Dom Carletto sorria.

— Mãe?! — Indaguei surpresa, porém não tive mais forças para sequer pular na cadeira.

Ela parecia mais exausta do que eu — apesar de sua idade. Sua pele estava acinzentada, sua roupa suja e rasgada, diversas manchas roxas estavam espalhadas por seus braços e pescoço. Seu rosto expressava resquícios de negação. Ele poderia tentar, mas se movesse um braço na vontade de se libertar, o que poderia acontecer?

— Solta ela! — Tentei vociferar, mas a voz saiu em grunhindo estranho misturado com o choro eminente.

— Amélia, você deve estar se perguntando o porquê das mulheres, incluindo a sua mãe, também estar presa aqui como você se o motivo disso tudo era dar cabo somente a sua vida para que

meu filho, seu namoradinho, deixe a bondade de lado e, finalmente, venha para os meus planos. — Dom Carletto se afastou do companheiro que segurava minha mãe de pé e contornou a cadeira onde eu estava amarrada com as mãos presas nas costas. Ele ainda tinha aquela arma em posse o que me levou a cogitar o tempo em que ficara desacordada pela segunda vez. — Porém, o que você não sabe ainda é que você não é o estopim de tudo... Mesmo fazendo bastante por merecer. Vou te contar uma história e espero que esteja a todos os ouvidos para ouvi-la. — Carletto limpou a garganta e continuou. Eu só me perguntava o motivo dele tagalerar tanto, falar sobre seus planos e vontades. Talvez, porque sabia que o que falasse na iria sair dali já que eu seria morta no fim das contas. — Há nove anos, já estabelecido aqui no Rio de Janeiro, estava prestes a comercializar a minha maior criação. Quando cheguei, surpreendi ao ver o quanto os Brasileiros não são tão inovadores. Eu havia produzido uma nova substância, uma nova droga que revolucionaria o mercado negro. Uma substância capaz de proporcionar força, ausência de dor e medo e, acima de tudo, a intensificação do metabolismo humano, tornando-o tão resistente ao

ponto de ficar insano por tanto raciocínio.

Minha mente faiscou. Eu já ouvi falar de algo parecido. Quando a conversa com Nathaniel na delegacia me veio à tona, eu descobri do que se tratava. — Exiliu... — Murmurei espantada.

Dom Carletto também ficou impressionado.

— Claro! — Exclamou ele. — Meu filho deve ter lhe contado. Isso também explica o motivo pelo qual você não ficou tão surpresa ao descobrir que seu namorado tem um pai mafioso. Você já sabia. — Deduziu ele. — Pois bem, a droga estava prestes a ser transportada a outros pontos de venda no país inteiro quando tudo queimou nas chamas plantadas no depósito onde toda substância repousava. Então, toda minha procura, persistência e mortes que precisei causar foram em vão... Para o lixo! Mas também sou persistente e...

— Você está refazendo tudo de novo, do zero. — Concluí, precipitadamente. — Fazendo novos testes, pois não possuí a formula correta. Por isso as mulheres, não é? Para testes. — Tentei gritar novamente. — Por isso a minha mãe!

Dom Carletto se permitiu uma gargalhada

PERIGOSAS ACHERON

um tanto repentina e desesperada. Depois, retornou o olhar surpreendido para mim. — Pelo visto, Nate lhe contou mais do que deveria. — Comentou. — Porém, o motivo desta conversa não é te situar. Por que acha que eu trouxe sua mãe até aqui? Não achou que eu deixaria vocês se verem pela última vez sem que uma acabasse morta, não é mesmo? Natália, trague a seringa...

Meu corpo todo estremeceu. Ele iria usar a substância em minha mãe. Lágrimas brotaram dos meus olhos de repente como se eu já soubesse o que aconteceria. Na verdade, eu realmente sabia uma vez que não teria como me libertar dali e voar pra cima dele em uma tentativa tosca de salvá-la. Mesmo que o risco tivesse uma consequência totalmente falha, eu tentaria de qualquer forma.

— Sabe, alguns hobbies nunca podem morrer, Amélia. — Disse ele. — Eu poderia fazer que tudo isso fosse mais fácil e menos prejudicial, mas qual graça eu teria no fim?

Então a garota que arrancou meu cabelo, desceu as escadas com a seringa na mão. Um líquido cinza e viscoso habitava o espaço de dentro da seringa. Ela a entregou para ele que retornou

para minha frente, expondo o objeto para mim, perante meus olhos.

— Sua mãe é a próxima a ser testada, porém caso o “soro” der certo, prometo não a matar. Estupro ela da pior forma e a solto num mato com direito de correr e se salvar. Se a pegarem... Você já conhece a história. Saco preto e fogo. Caso contrário... Se ela morrer, terei o prazer de vê-la agonizando até o último suspiro para depois injetar a droga em você.

— Se fizer alguma coisa comigo... — Minha voz agora pouco se libertava por causa do choro que a impedia de sair. — Nathaniel nunca o perdoará. Vai te caçar quando descobrir e matá-lo.

— Ele não precisa saber que eu a matei. Não soube da última vez que o fiz. — Respondeu em insignificância. — Precisa apenas saber que você está morta.

O mafioso deu passos até minha mãe com a seringa na mão depois de ter a afastado de mim. Agarrou seu braço e eu e ela lutamos contra aquilo que nos prendia. No caso dela, outro capanga dos infernos. Era insuportável ver que nada adiantava. Eu gritei loucamente, sendo vítima da dor imensa

na garganta, mas ele não parou... Ele nunca pararia. O desgraçado era tão frio que era inacreditável saber que Nate era seu filho. Vi, no desespero, apertarem o braço dela, fazendo a veia saltar. Era no braço onde ele injetaria a droga.

Ela não vai sobreviver...

Ela não vai sobreviver...

— Reze muito, Amélia... — Sarrou o maldito, sorrindo. — Algo me diz que a substância ainda não está pronta.

Então, a ponta da agulha tocou a pele dela e eu só sabia me acabar de chorar. Quando Dom Carletto fez pressão para enfiá-la, o homem que a segurava agarrou a mão dele, impedindo-o com rapidez.

— Mas... O quê?! — Indagou Dom Carletto espantado.

— Eu não vou deixá-lo fazer isso. — Esquivou minha mãe de suas mãos, afastando-a deles. — Nathaniel é melhor chefe do que você, Ruah!

O soco foi certeiro, fazendo a seringa cair no chão. Carletto cambaleou dois passos para trás

buscando tocar as mãos no nariz e meu corpo iniciou uma tremedeira sem igual por conta do ato inesperado e o pequeno gosto de esperança. Minha mãe, ainda com os pulsos amarrados, apoiou-se na mesa de metal onde permaneceu escorada enquanto assistia a cena com horror. Ela estava mais fraca do que imaginei. Mais fraca ao ponto de não suportar chegar até mim.

O homem que se rebelara, avançou em passos lentos e duros na direção de Dom Carletto. Suas mãos estavam preparadas para agarrar, se defender e Carletto só o observava se aproximar no mesmo tempo que uma fina linha de sangue escorria de seu nariz.

— Sempre soube que aqui dentro haveria traidores, mas não esperava que fosse logo você, Caio. — Comentou, apoiando a mão em algo que estava por baixo do paletó. Quando o brilho refletido pela fraca luz da lâmpada velha atingiu meu olhar, eu soube o que era. Uma arma. A arma que Dom Carletto não desgrudava. — Não deveria ter feito isso. E... Muito menos ter me comparado com meu filho!

— Amélia! — O grito falhado de minha

mãe permeou o lugar por completo. Virei a cabeça para ela, tentando outra vez me libertar daquelas cordas grossas que me apertavam. Natália tinha minha mãe em seu controle. Ela a segurava pelos cachos, fazendo-a perder o restante de força que a mantinha com os olhos abertos. A vagabunda puxou minha mãe pelo cabelo até o canto do lugar onde a seringa havia rolado depois de cair das mãos de Carletto.

— Natália, Não! — Tentei. — Por favor...

Ela não ouviu. Ela não queria ouvir. Vendo que Caio apenas se aproximava mais do mafioso, não pensou duas vezes antes de enfiar com desespero a agulha no pescoço da minha mãe, apertando a seringa para que todo líquido fosse para dentro de seu corpo.

— NÃO! — Rosnei com todas as minhas forças.

Caio se lançou contra Carletto mesmo correndo o risco de tomar um tiro logo em seguida. E não foi diferente. Meu grito, o corpo de minha mãe escorrendo nos braços de Natália apenas o pressionou para fazer tamanha loucura... Mas no final das contas, ele acabaria morto do mesmo jeito.

O som do disparo foi mais forte do que eu estava esperando e quando pensei que ele havia saído torto, Caio despencou no chão em um baque seco. A bala atravessou um de seus olhos e agora, apenas sangue tinha movimento dali, manchando o chão todo em uma cor rubra.

Não... Tudo silenciou. Natália também estava espantada. Em seguida, Carletto guardou a arma com tamanha calma e indiferença insana no mesmo tempo em que golfadas e sons derivados de convulsões deram início. Minha mãe começou a se debater enquanto sangue e espuma saiam de sua boca com seus olhos revirados.

Pandemônio

“Até que tenhamos sofrido com a presença da noite, é impossível avaliar o quão adorável e bem-vinda pode ser a manhã”.

– DRÁCULA, BRAM STOCKER.

NATHANIEL

O breu da noite estava dando o lugar no céu para o amanhecer quando já estávamos na avenida em direção ao nosso destinatário. Faltava pouco.

E mesmo assim, cada minuto que passava eu o assemelhava com horas de pura agonia. Tentei até mesmo interagir com Joseph, na tentativa de aliviar a pressa, mas saber que Amélia corria perigo fazia com que minha cabeça nunca descansasse. Já havíamos saído tarde de São Paulo e deveríamos chegar ao local – O galpão de meu pai, Guaratiba, na pedreira – mais rápidos do que conseguíamos.

A avenida não estava turbulenta quanto esperávamos. Sim, havia carros que ainda

formavam trânsito, porém, não se estendia por muitos quilômetros.

Joseph passou a mão sobre a testa para tirar o suor que recente brilhava na pele. Era de Amélia que estávamos lidando. Ela não poderia esperar. NEM UM SEGUNDO SEQUER. Já ficou dias presa e já sofrera o bastante para eu ter a certeza de que precisávamos ser rápidos. Ela não aguentaria. Não muito.

Ainda não havia digerido tudo aquilo com perfeição. Joseph era meu irmão. Porém aquilo não batia mesmo pouco fazendo sentido. Era meu irmão e tão diferente de mim.

Eu um mafioso e ele um policial.

Quando percebi que ele não protestou, ergui minha mão com agonia, enfiando meus dedos no meio do meu cabelo, extremamente aflito. *Merda!* Eu tinha que salvá-la.

— Nate, não tem nenhuma ideia de quem possa estar fazendo isso? — Perguntou ele, de repente. — Ou falou aquilo na frente da Delegada para não ser interrogado?

“Não procure mais... Ou mais pessoas irão

morrer”.

— Há alguns dias assassinaram meu braço direito. — Comecei a contar. Talvez ali poderia ter alguma ligação que parecia estar subliminar aos meus olhos. — O deceparam e colocaram sua cabeça em uma caixa de sapato que recebi no quarto do HOTEL.

Joseph pulou da cadeira assustado. Desviou os olhos da avenida e me fitou perplexo.

— Mas que porra que você fazia? — Perguntou elevando a voz incrédulo. — Por qual motivo isto aconteceu?

— Eu sou líder de uma organização criminosa, Joseph. Quer dizer, era até ser preso. Provavelmente aqueles que me eram fiéis agora estão mortos ou ainda lutando pelo meu lugar. Vim para São Paulo a fim de receber armas, mas estas foram apreendidas no aeroporto de Guarulhos.

Joseph riu em desdém, porém um tanto assustado. Estava em luta entre aceitação e negação.

— Amélia sabe de toda essa história e teve um bom motivo para perdoá-lo ou você escondeu

tão bem a ela. — Deduziu ele, seguindo direção. — Como posso acreditar nisso?

— Ela sabe. — Respondi. — De tudo. contei quando ela veio me visitar. Também esperava que ela me negasse de todas as formas, mas ela não o fez.

— Você conta as coisas com tamanha normalidade que parece mentira. Ou, talvez, você é um psicopata que não demonstra sentimentos. Então você atirou no homem do bar?

— Eu dei a ordem. Não o matei diretamente. — Respondi. — Nunca fui capaz disso.

— Do quê?! — Indagou explodindo em um riso. — Matar?! Que seja, por que o fez? Ele o machucou?

— Machucou Amélia. — Concluí. — Me arrependo muito pelo o que fiz, não o teria matado caso tivesse outra chance. Mas mandei executá-lo por ela. Você não estava lá naquela noite, Joseph. Amélia estava precisando de ajuda e o barman tentou agredi-la sexualmente. O modo como ele a tocava, a forma que ele a olhava como algo divertido. Quando ele tentou arrastá-la para os

PERIGOSAS ACHERON

fundos eu agi por não me aguentar. Horas depois ordenei sua morte.

— Você matou o cara por ele tentar agredir Amélia? — Perguntou ele. — Talvez ela não estivesse tão mal, poderia se defender sozinha...

— Não! — Interrompi sua linha de raciocínio tosca e pobre. O que ele tinha na cabeça? — Você não estava lá para ver! Ele a teria estuprado, matado no final caso sua mente fosse tão hostil como eu pensei. Ele faria com ela a mesma coisa que fizeram com a minha mãe. — Concluí. — *Nossa mãe.*

Joseph não hesitou a surpresa quando me olhou após eu ter finalizado a fala. Era tão estranho ter que falar daquele jeito. *Nossa.* Pode parecer egoísmo, mas eu sentia como se tivesse que dividir parte da minha vida com ele. Dividir minha mãe com ele.

— Eu tentaria não matá-lo caso tivesse uma oportunidade de voltar no tempo, mas tenho a total certeza que eu não resistiria em repetir o ato se o visse agarrar ela daquele jeito. — Falei, respirando fundo e tentando conter o nervoso que brotou repentinamente. — Me arrependo, pois, a

morte daquele filho da puta causou consequências pelas quais não sou forte o suficiente para lidar sozinho, mas de forma alguma de tê-lo matado. Por Amélia eu mataria mais dez vezes. Por ela vale a pena qualquer coisa mesmo que mais tarde as consequências sejam fatais.

— Realmente ela o merece, Nathaniel. — Comentou ele, abaixando a voz e jogando fora aquele tom irônico que a acompanhava. — Ela fala tanto de você. Tanto que eu tive até ciúmes. Ela o ama, mas tem dificuldade de assumir aos outros e até mesmo para você também. Quando briguei com ela por ter ido te visitar ela o defendeu perguntando-me se eu nunca matei por ser um policial já que esse acontecimento é recorrente na profissão. Eu não neguei. Mataria também por ela, mas não movido pelo amor que o intensifica. Pois, eu não o sinto como você.

Limpei a garganta. A conversa havia tomado um rumo diferente e inesperado. Decidi voltar à raiz mesmo estando grato por suas palavras verdadeiras que só aumentava em mim a vontade de tê-la salvo.

— Eles assassinaram Wesley, pois

encontrei algo que me deixou atônito e decidi procurar sobre.

— O que era?

— A gravação da morte da nossa mãe. Passo a passo. — Joseph se permitiu prestar atenção, fisingando seu olhar no meu como se aquilo para o ferisse de alguma maneira. — Passei a procurar evidências, pistas... Qualquer coisa para que no fim das contas descobrisse quem a tinha matado. A única coisa que encontrei pelo vídeo foi que o mandante pertence a máfia adversária da do meu pai que me sucedeu a esta que herdei dele. Não entendi o motivo até agora.

— Eu sei. — Comentou prestativo. — Tem alguma coisa nessa história que não se encaixa de jeito nenhum. Nossa mãe era uma investigadora, Nate. Eis a origem da minha profissão hoje. Exercia a carreira por longo tempo, era casada com meu pai e com meus três anos de idade nos largou de repente vindo visitar uma vez por mês. Mais tarde, quando entrei para a polícia, descobri o motivo de seu abandono. Ela se afastou de nós porque estava investigando movimentos criminosos de uma organização que se instalou aqui no Brasil.

Aos meus dezoito anos, lembro-me de ter visto que esta tal operação havia sido um sucesso... Que prenderam o mafioso, mas ela só retornou para casa à noite em que ela morreu. Treze de maio, dois anos depois que a operação terminou.



— Ali. — Apontei para a entrada de uma mata onde o carro poderia passar por uma trilha de terra seca e vegetação morta. — O galpão fica atrás daquelas rochas. Acho que trinta metros depois do primeiro morro.

Joseph permaneceu ouvindo com atenção. Seguiu com o carro depois de repassar a mensagem aos investigadores, mas mesmo assim, não foi longe. Estacionou ao lado do morro no qual indiquei, desligou o motor e abriu a porta para colocar o pé para fora quando eu tentei fazer o mesmo e encontrei a porta trancada.

— Você fica aqui. — Disse ele, parecendo ordenar. Joseph, antes de sair completamente, colocou seu colete à prova de balas e arrumou o coldre preso na cintura.

— Você não vai me deixar aqui preso. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Protestei, surpreso demais. — Você não pode, Joseph.

— Trazê-lo aqui já foi demais, Nate. — Comentou ele recarregando a arma em mãos. — Não posso deixá-lo sair. Caso acontecer alguma coisa com você...

— Vai acontecer o quê?! — Indaguei irritado. — Vão cair no choro? Eu estou preso. A única coisa que farão será me enterrar como indigente e dizer aos jornais que sofri uma parada cardíaca enquanto estava na cela ou algo do tipo. E mesmo se sobreviver voltarei para lá e depois de ser julgado, serei esquecido em uma penitenciária pelo resto da minha vida. Então, qual é a diferença se eu arriscar minha vida ou não? — Joseph parou o que estava fazendo, parecendo pensar. — Você sabe todas as coisas ruins que eu fiz na vida e a pior delas foi tê-la colocado em perigo. Só estou pedindo uma única chance de fazer a coisa certa... Salvá-la. Só eu sei o que sinto... O inferno que carrego somente por saber que eu fui o motivo dela sofrer desta maneira e, caso não conseguir fazer nada, juro que não me perdoarei se algo ainda pior acontecer a ela. Não me importo se algo me

PERIGOSAS ACHERON

acontecer. Se for preciso, darei minha vida pela a de Amélia. Sem hesitar, Joseph e você sabe disso. Você não pode me impedir de tentar ajudar.

— Você realmente a ama. — Comentou, relaxando os ombros.

Seria impossível não amá-la a esta altura do campeonato. Amélia era tudo para mim e também era o que me restava naquele momento. Sua vida era somente o que me importava. Eu poderia voltar para a podridão daquela cela com o maior gosto se eu tivesse a certeza absoluta que ela estava bem. Joseph levou uma das mãos à cintura e retirou de lá outra arma na qual me entregou com desconfiança e, curvando o corpo sobre o painel, pegou um colete igual ao que ele vestia. Me entregou também e logo o vesti.

— Sabe atirar? — Perguntou.

— Passei anos da minha vida contrabandeando armas. O que te faz pensar que eu não sei atirar? — Respondi e ele deu de ombros parecendo assentir para descontrair o clima de sua pergunta besta.

Ele saiu do carro quando os investigadores já estavam do lado de fora, contornou o carro e

PERIGOSAS ACHERON

abriu a minha porta para que eu saísse.

Olhei ao redor. Realmente nada mudara muito desde o dia em que viera pela primeira vez. A pedreira estava de fato com um ar mais desértico, pedras haviam sido gastas pelo clima variante e a chuva, mas nada que alterasse bruscamente a aparência que eu conhecia. E, na direção contrária, onde estávamos, atrás das rochas que espreitavam, estava o galpão que pela distância era minúsculo. O sol estava forte pela manhã e agora ofuscava a nossa visão. Estava quieto demais para ter quem é que fosse o desgraçado lá dentro.

O mesmo era imenso. Não tive noção de sua grandiosidade quando vim anos atrás. Era composto por uma estrutura retangular podre de tijolos já muito velhos, sua cobertura pouco era vista quando as telhas de tão sutis apareciam vendo pelo meu ângulo. Não possuía janelas e muito menos uma porta. A entrada era exposta, mas dona de uma escuridão em seu interior, fazendo-me incapaz de enxergar qualquer coisa que estivesse lá dentro. Parecia abandonado. O mato que crescera ao seu redor já se subia pelas paredes e crescia pouco pela entrada, mas denunciava a presença de

peessoas quando estes estavam pisados.

Me esgueirei ainda mais ao lado da rocha tendo ao meu lado o corpo em riste de Joseph apenas esperando quando agir. Minha pele formigava e eu só queria, por um momento correr lá para dentro e resolver logo tudo isso, mas antes que eu fizesse alguma coisa fez um barulho chamativo que se aproximava ligeiramente. Um furgão branco estava um pouco distante da nossa visão e, diminuindo a velocidade, estacionou também não muito perto da entrada do depósito. Olhei para o lado, querendo reconhecer o olhar de meu irmão e ele apenas assistia. Não poderia dar o alerta agora. Como ele havia me dito no caminho, outros carros de polícia vinham ao nosso encontro. Mesmo estando já no Rio de Janeiro, precisaram saber de toda história até que uma liberação para a missão fosse permitida. Poderia haver guardas na porta, nos esperando e eu não duvidava disso. O homem do furgão desceu do automóvel e andou para dentro do galpão. Alguns minutos depois, saiu de lá carregando alguma coisa junto a outro cara que de longe não consegui visualizar direito.

Joseph arfou.

— Tem um corpo naquele saco... — Era um saco grande no qual eles carregavam.

Foi quando meu coração disparou. *Amélia*. Tomei a frente com a arma na mão. Se havia um corpo naquele saco só poderia ser dela. Eu só não sabia para onde estavam levando. Talvez para fora da pedreira a fim de desaparecerem com ele. Olhei para trás já que avancei alguns passos e Joseph insistia cautela não somente para mim, mas também para quem havia tido a mesma reação que eu. Enquanto o policial pedia silêncio, os homens carregavam o corpo para o furgão branco. Não podíamos deixá-los levarem e Joseph sabia disso. Detê-los seria a única maneira de vermos se aquela era ou não Amélia. Meu coração torcia que não. Deram mais três passos até finalmente chegarem na traseira do automóvel. O corpo parecia pesar, o que dificultou para eles abrirem as portas do furgão. Um deles precisou apoiar o morto nos joelhos enquanto lidavam com a porta. Mas, em um descuido, o corpo vacilou, escorregando das coxas dele e ameaçou cair no chão. Por sorte, conseguiram sustentá-lo... Por azar, na quase queda o braço da vítima se libertou do embrulho do saco e despencou para fora ficando pendurado. Um braço

PERIGOSAS ACHERON

fino – Feminino – e negro pertencia a uma mulher que estava morta. Não foi preciso muito para minha expressão se contorcer por completo. Meu batimento cardíaco acelerou intensamente em desespero. Fitei Joseph pela terceira vez, horrorizado, e ele pareceu condescender com meus pensamentos. Amélia.

Aquilo foi o suficiente para tirá-lo da posição cautelosa. Sua mão apertou mais forte o cano da arma com fúria ao mesmo tempo que ele desancorou das pedras, tornando-se visível. Não poderíamos esperar reforços. Foi muito rápido. Ergueu a arma e atirou. Meus olhos captaram a direção da bala. Ele fora misericordioso. A mesma pegara o abdômen de um dos carregadores. O corpo caiu seco no chão de areia em um baque surdo assim como o atingido com uma expressão surpresa. Seu companheiro se colocou em alerta, mas antes que pudesse alcançar sua arma, um projétil atravessou sua testa. Morreu de olhos abertos.

— Vem! Vem! Vem! — Gritou Joseph, saindo de seu lugar e correndo para a outra rocha desta vez menor que o deixou pouco protegido.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu me dispersei de seus passos e fui em direção contrária, correndo a beira do precipício. Grudei em outro morro de terra e rocha, juntando minhas costas a ele. Um dos investidores conseguiu chegar ao furgão e se protegeu com ele. O som dos novos disparos chamou atenção dos guardas criminosos que se colocaram a vista ao redor do galpão. Um segundo depois, a troca de tiros incansável começou.

Meus ouvidos me silenciaram por um momento inteiramente fazendo todos os sons de tiros se tornarem baixos para mim. Somente o que eu ouvia era as batidas fúteis do meu coração acelerado e os primeiros soluços agonizantes que surgiram depois de uma respiração. Ela está morta! Amélia morreu... O choro veio com a liberdade dos sentimentos inundados de culpa e tristeza mesclados a um intensificado ódio de mim mesmo. Sou o culpado! As lágrimas escorreram queixo a baixo, pingando na areia aos meus pés. Olhei para a arma em minha mão e percebi o quanto ela está quente. Fitando o cano metálico, senti meu corpo e mente sendo tomados por aquilo que sempre lutei por ela. A insanidade.

PERIGOSAS ACHERON

Ergui-me novamente, retrocedendo minhas costas pela parede de rocha e areia, pois havia despencado no chão quando a dor se manifestou. Firmei a peça em punho e coloquei-me a vista novamente. Havia mais quatro guardas, tirando três que jaziam mortos no chão não muito perto de onde estava. Em uma pesada respiração que foi consequente do choro anterior, procurei meu irmão no meio da confusão e ele continuava atirando ao som de seu rosnado. Olhei para frente e vi apenas um. Aquele seria meu alvo. Levantei meu braço e mirei. Um... Dois... Três. A bala explodiu do cano da minha arma impactando contra o ombro do quarto guarda que estava na ponta esquerda do galpão, escondido atrás de uma coluna de ferro. O capanga atingido de surpresa gritou de dor, caindo. Sua vulnerabilidade foi o suficiente para Joseph poder trocar a arma de mão e continuar atirando enquanto avançava em minha direção.

Quando me encontrou, esticou o braço pedindo para que eu o acompanhasse e então eu corri curvado, e aproximando dele para o furgão também. Para perto de onde o corpo de Amélia estava despencado. Ele também chorava, só tentava fazer com que seus sentimentos não o

PERIGOSAS ACHERON

atrapalhassem na missão. Quando coleí ao seu lado, ele apontou para o corpo dela querendo que eu a visse e, talvez, a puxasse para a proteção também. Eu não queria vê-la morta, mas teria que arrastá-la dali. Joseph fixou seus pés na areia sob nós e mirou arma, apoiando os braços sobre o capô do carro para continuar atirando. Entreguei minha arma a ele e o policial a usou com devido direito. Minhas mãos estavam trêmulas demais para me preocupar em atirar até porque Joss serviria de guarda-costas enquanto eu fosse para encontrá-la. Então não esperei e sem medo, fiz o que precisava.

Tocar o saco preto que a cobra me trouxe péssimas lembranças na qual não quis ter lembrado. O vídeo... O mesmo saco. Arfei dolorosamente. Eu tinha que vê-la. Ao havia como puxá-la de olhos fechados sem correr o risco de tomar um tiro. Lentamente fechei minhas mãos no saco e fiz força para arrastá-la. Nesse momento, o saco foi movimentado, trazendo sua face a minha visão. Quando finalmente tive o primeiro contato, encontrei mais do que esperava. Aquela não era Amélia.

Seus olhos estavam escancarados de

horror, suas órbitas estavam reviradas e não havia nenhuma evidência de tiro no corpo. Apenas uma risca de sangue já seco que começava em sua boca semiaberta permeada por uma espuma branca e terminava na ponta do queixo fino e triangular. Parada cardíaca.

Agarrei a perna de Joseph aliviado por não ser ela. Eu não sabia se ficava feliz por não ser ela ou triste por ainda ser uma mulher. Uma pessoa.

— Não é ela... — Disse a ele, elevando a voz. — Não é ela... — Precisei repetir para sentir a verdade se tornando realidade. Seus olhos logo vieram ao meu encontro quando ele se abaixou para não correr o risco de ser alvejado. De mim, desviou os mesmos para o corpo no qual tinha seu rosto exposto. Na minha diferença, meu irmão bateu as costas na porta do Furgão extremamente apavorado.

— Anna Martinez... — Murmurou ele com dificuldade. — Não é ela, Nate. É a mãe dela.

A mãe dela? — Pensei em indagação. A coisa era mais complexa do que eu imaginava.

— Joseph... O que está acontecendo aqui?!
— Merda! Voltei a me levantar e o ajudei enquanto

PERIGOSAS ACHERON

mais lágrimas quiseram se libertar de mim. Olhei para o campo, procurando os investigadores que vieram conosco e só encontrei um atirando junto com Joseph.

Era a mãe dela. Eu sabia como era a dor de perder uma mãe e não ter a oportunidade de se despedir... Não queria que isso acontecesse com Amélia... Isto é, se ela ainda estivesse viva. Encostei o corpo de sua mãe no chão, apoiada na roda do furgão e respirei limpando o suor da testa quando me percebi eufórico demais.

Joseph havia acabado de recarregar a primeira arma no mesmo tempo que me levantei, esticando meu corpo ao seu lado. Ele apontou novamente para o lado dos capangas e disparou várias outras vezes. No fim das contas, só havia mais um em pé e esse meu irmão tentava acertar a todo custo.

— AH! — Gritou de repente. — Acertei o desgraçado!

Olhei sobre o capô e todos os atiradores estavam no chão. Não estavam todos mortos, mas incapacitados de atirar novamente. Senti-me na responsabilidade quando avistei tudo limpo. — Me

dê a arma. Eu vou entrar!

— Mas... — Ele captou o que eu disse rapidamente. Seu raciocínio estava veloz devido a sessão de tiroteio que enfrentamos. Não deixei que ele terminasse seu protesto.

— Eu vou resgatá-la. — Respondi a seco. — Seja lá quem for que fez isso, quer se vingar de mim. Me dê a porra da arma!

Agarrei o cabo da arma quando ele não tentou me impedir. Fiquei um tanto surpreso por sua confiança que veio do nada. Me certifiquei da munição e antes que eu tivesse certeza, Joseph me puxou para um abraço inesperado, permanecendo assim pelos segundos seguintes. Relaxei os ombros e fiz o mesmo, envolvendo seu corpo, correspondendo ao seu abraço rude.

— Salva ela, irmão. — Pediu ele no pé do meu ouvido. Senti naquele momento seu mais puro sentimento acompanhado com ansiedade sem igual de também querer vê-la bem. Ele me chamou por algo que eu nunca me imaginaria dizer em voz alta. Irmão. Éramos irmãos, felizmente.

— Eu a trarei viva. Prometo minha vida salvá-la. — Não permiti que ele notasse o

PERIGOSAS ACHERON

sentimento que explodiu em forma de choro dentro de mim. Novamente, firmei a arma na mão e partindo passos precisos na direção do galpão.

Eu vou tirá-la daí de dentro, meu amor. Vou salvá-la. — Pensando somente em Amélia, Adentrei a escuridão daquele lugar.



Todo galpão por dentro estava escuro. Meus passos foram cautelosos ao me aproximar mais do seu interior. Não havia ninguém ali, pelo menos por onde eu tracei meu caminho. Amélia não estava morta, firmei em pensamento, tentando evitar pensar o pior.

Tateando por onde passava, encontrei uma parede muitos passos depois de ter entrado. Lembrei-me de qual era. Os carros de meu pai ficavam do outro lado e se eu estivesse certo, ali teria uma porta. Deslizei a mão sobre a parede de cimento até encontrar o batente da porta que parecia não estar mais lá e sim no chão – abaixo dos meus pés. Avancei, tentando atravessá-la sem fazer barulho e essa preocupação foi o tempo de ouvir um único passo. Meu corpo eletrizou. Por sorte uma luz fora acesa e eu rapidamente

PERIGOSAS ACHERON

reconheci o corpo que estava na minha frente, mas não tive tempo de preparar minha arma antes que um disparo com silenciador fosse efetuado. Vacilei os mesmos passos que tinha dado para entrar, na direção contrária, retrocedendo – e caindo no chão – quando a bala impactou contra o colete que eu usava no meu peito. A arma que eu segurava escorregou da minha mão e foi parar longe de mim. Fiquei atordoado por um belo tempo até recuperar os movimentos e processar o que havia acontecido. Natália sorria sarcasticamente.

— Nathaniel... Não esperava vê-lo por aqui tão cedo. — Sua voz estampou o ar para meu espanto. Mesmo sendo uma surpresa imensa encontrá-la aqui, não a demonstrei para dar lugar a raiva que de lá de dentro vinha tomando conta.

Ela estava com o mesmo vestido da noite em que havíamos transado tendo sua única diferença em seu rosto numa expressão de cansaço extremo e claro, a arma exposta em sua mão.

— Maldito colete! — Rosnou ela. — Era para você estar morto agora!

Ela rodeou meu corpo caído e, não satisfeita, pegou minhas pernas, puxando-me para

dentro da outra sala novamente. A mulher na qual antes era digna de minha admiração me largou sem mais nem menos, indo para perto de onde minha arma caíra e a chutou com graça. Voltou-se para mim, sorrindo.

— O que fez com ela, Natália! — Gritei.
— Onde Amélia está!

— Vamos com calma. — Respondeu em um gargalhar. — Aqui as coisas não acontecem dessa forma, docinho de coco.

— Então é você que está por trás disso tudo? — Retornei a perguntar. — Por quê, Natália!? Por que com ela?!

A desgraçada deu de ombros pouco se importando. Coloquei-me de pé ainda arisco com qualquer movimento que ela desse. Natália me mediu de cima em baixo e sorriu prazerosamente.

— Está enganado, bobinho. — Respondeu ela. — Isto daqui é muito maior do que você imagina. Não sou eu quem está fazendo isso. É ele.

O som de passos retornou novamente ao meu ouvido e rapidamente procurei de onde vinha. Encontrei, bem a frente num canto escurecido, a

portinha do chão que dava acesso a algum tipo de porão sendo aberta e de lá saindo alguém que eu jurava não existir mais. Cambaleei assustado, levando a mão na boca. Aos poucos, Amélia também emergia da pequena entrada com fita estampando sua boca, um choro que diversas vezes fora contido por dor e que agora manchava seu rosto sujo e os braços presos nas costas com uma corda grossa enquanto era sustentada de pé pela força exigida pela mão de outro alguém. Uma pessoa que estava logo atrás dela.

Arregalei meus olhos perplexos.

— PAI?!

A Verdade Nua e Crua

*Quando o tumulto do meu coração se assemelhou
ao desespero do seu olhar percebi naquele
momento que tudo dependia de você. O motivo de
tudo... As soluções dos meus problemas. Antes meu
porto seguro, agora minha salvação. A gênese da
minha redenção.*

– NATHANIEL

AMÉLIA

Nathaniel estava ali de fato, sua presença estava manifestada em carne e osso. Parte de mim teve certo medo ao percebê-lo. Quando ouvi a sua voz enquanto ainda estava dentro do porão, meu corpo inteiro tremeu. Ele procurava por mim, já havia visto desgraçadas demais que saber que estava ali se tornou meu único refúgio. Mas quando pareci me alegrar ao vê-lo, a minha perturbação se tornou a dele no instante que encontrou seu pai.

Eu não conseguia imaginar seu espanto em ver vivo quem há anos estava morto. Nate respirou sentindo seu medo tomar forma e grandeza depois

que surgiu originalmente de seu peito. Arfou. Seu pai por sua vez, não aparentou grandes emoções ao ver o filho. Seria ele tão frio ao ponto de permanecer mórbido perante sua cria?

Não sorriu alegremente e muito menos satisfez com a presença do mesmo. A única coisa que senti vindo dele foi a ponta da agulha pinicar a pele suja do meu pescoço. A mesma seringa que portava a droga que matou minha mãe estava pronta para me furar. Estava cansada, com fome, sede demais para isso. A fita que tampava minha boca estava tão apertada que fazia minha nuca latejar de dor. Dom Carletto havia – com a ajuda de Natália – enrolado a mesma em diversas voltas em minha cabeça a fim de fechar minha boca com tamanha precisão e pouco se importaram com o que eu poderia sentir ali.

Enquanto eu tentava não demonstrar tanto desespero para não afetá-lo, Natália tinha um sorriso no rosto e uma arma apontada na cabeça de Nate. A minha tentativa de me manter sã a tudo aquilo foi destruída quando uma corrente de lágrimas me estilhaçou em silêncio. A situação era séria demais e, como diziam, complexas para tratá-

la com futilidade. Era a minha vida e a dele em jogo.

— Nem mais um passo, docinho. —
Recomentou Natália, sarcástica. — Tem mais balas de onde veio àquela e pode ter certeza que atirarei em um lugar onde esse colete não o protegerá.

Sacudi-me sentindo a mão forte de Dom Carletto segurar meus braços. Somente imaginar Nate machucado me causava algo muito maior que uma simples dor. Eles já tiraram minha mãe de mim... Não poderiam tirar também a pessoa que e eu amava... Não poderiam!

Nathaniel nada respondeu. Permaneceu apenas com seus olhos arregalados olhando para pai enquanto seus olhos lacrimejavam. Estava tentando processar o que lhe jogaram na cara de repente. Nos segundos que sucedeu, seus olhos esmeraldas encontraram a agonia nos meus. Juro, eu o vi tentar murmurar meu nome, mas infelizmente nem isso ele estava capacitado pela surpresa.

Parecia que somente seu corpo havia sido paralisado, pois os movimentos de seus olhos, sua respiração pesada e as inúmeras tentativas de

expressar o algo deixavam bem claro que sua consciência mesmo danificada estava viva e tendo empatia com a minha dor. Ele veio por mim, foi isso que percebi em seu olhar.

— Olá, meu pequeno Nathaniel. — A voz de Dom Carletto foi emitida com falhas na qual denunciava falsidade e ironia. — Surpreso em me ver?

Nate relaxou o olhar, O que me parecia voltar para si... Para mim novamente. Enquanto estive paralisado pela surpresa mesmo sabendo que ele estava ali, o fato de não apresentar movimento algum me fez sentir distante dele, porém quando retornou, o conforto veio junto, dando o lugar para a raiva e indagação.

— Diga algo. — Pediu o mafioso. — Eu não leio mentes.

— V-Você... Morreu. — A voz de seu filho estava embriagada de confusão, mas continuava com o tom no qual eu reconhecia. — Por que está fazendo isso... Pai?

Dom Carletto sorriu. Pressionou a seringa contra meu pescoço, mas não o suficiente para afundá-la.

Natália relaxou os ombros sem tirar a arma apontada em Nate. Foi ao encontro da parede onde uma porta jazia no chão logo à frente e se silenciou a respiração por um segundo.

— Dom Carletto, teu filho trouxe companhia. — Disse ela. — Ouço vozes do outro lado. Devem estar fora do galpão.

No mesmo segundo em que o mafioso rosnou ao meu lado, os olhos de Nate se espremeram de repente.

— “D” ... Dom Carletto. — Comentou ele com a voz carregada de sentimentos raivosos. Parecia ter se lembrado de alguma coisa que provavelmente libertou sua ira. — Foi você... Você matou Wesley e mandou colocar sua cabeça em uma caixa de sapato para me ser entregue no hotel.

O rosnado de Carletto se transformou em um intensificado riso. Era impressionante como algumas vezes o tom de ambos se assemelhavam.

— Wesley sempre foi sujeito demais à sua intimidade para te servir como precisava. — Comentou o pai dando de ombros — Não foi tão ruim matá-lo. Se houvesse obedecido ao bilhete

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu deixara isto talvez não estivesse acontecendo... Talvez.

— “Pare de me procurar ou mais pessoas acabarão mortas”. — Recitou em sussurro, fazendo com que cada surpresa fosse maior. — Sr. D. Não...

Nate cambaleou parecendo desnorteadado demais. Sua cabeça bambeou com os olhos fechados e ele fraquejou as pernas repentinamente. Senão houvesse a parede logo atrás, Nate desabaria no chão. Dom Carletto somente ria. O que estava acontecendo?

— Foi você... — Murmurou cedendo ao choro. Nunca tinha o visto chorar, não imaginava que a primeira vez me doeria tanto. Até mesmo o choro de seu sofrimento eu sentia. — Você quem mandou matar ela... — Matar quem?! — Minha mãe. Você encomendou a morte dela...

A mãe dele... Estuprada e queimada viva... Meu Deus!

— Você nunca deveria ter investigado essas coisas. — Disse o grisalho. — Wesley só me complicou. Eu iria retornar dos mortos e juntos iríamos fazer jus a esta droga.

PERIGOSAS ACHERON

— Não mude de assunto! — Nathaniel rosnou insanamente. Eu podia ver seu ódio transbordar por seus olhos de sangue quente. — Por qual motivo matou ela?

Dom Carletto limpou a garganta. Ele iria mesmo contar tudo.



Quando vim aqui para aqui para o Brasil, tinha tudo para que a droga desse certo, aliás, aqui é um ótimo país para se vender algo derivado de metanfetamina, pois o que existir de droga é recebido de braços abertos no mercado negro. Sabendo disso, por que vender o meu protótipo na Itália se aqui eu lucraria mais? Foi esta a ideia de início. Então trouxe tudo para cá. Minha tecnologia, meus homens e meus cientistas para começar a produção. Era só eu, meus planos e noitadas em um novo país tirando as papeladas de contrabando. Quem disse que ser mafioso no Brasil era fácil? Apenas mais lucrativo. Desde o começo o Exiliu passou por várias etapas até chegar a um possível resultado, sendo assim, decidi iniciar os testes. Contratei um sequestrador que por sua vez só me trouxe mulheres. Eu não reclamei. E porque

reclamaria se elas poderiam me oferecer mais do que apenas resultados? O problema é que o desgraçado na foi tão cauteloso quanto eu esperava. Logo, os desaparecimentos tomaram proporções enormes e a policia se envolveu no caso e, para piorar, as mulheres em que eu testava a droga acabavam mortas pelo efeito colateral. Diversas paradas cardíacas mostravam que o coração ainda não suportava a alta dose de adrenalina que a droga exigia. Com mais mudanças, encomendei mais mulheres... A única coisa que eu não esperava era que uma maldita investigadora se infiltrasse no meio das sequestradas. Como e fui burro naquela época, Nate. Como eu fui burro em não perceber. Eu já tinha todo estoque cheio quando ordenei mais testes uma semana depois de ter transado com cada uma delas. Então, no meio do experimento, fui notificado eu uma das mulheres estava incapacitada de receber a dosagem, pois o feto em seu ventre não traria os resultados precisos. Como eu odiei sua mãe naquele momento. Fiz questão de tirá-la do buraco onde todas estavam e espancá-la com prazer, mas nem mesmo isso fez com que você – ainda uma merdinha – morresse de uma vez por

todas. Se ela sacrificou sua barriga para não ser morta no teste, sofreria ainda mais por estar gestando um filho meu. Mas sabia que lá no fundo eu queria realmente um herdeiro? Fui aceitando gravidez daquela vadia aos poucos até chegar à conclusão que você seria útil para algo no fim das contas. O plano era esperá-lo nascer para finalmente matá-la. Dei tudo para ela ter uma gestação “saudável”. Casa, o mínimo de conforto pelos nove meses... Contanto que ainda fosse minha refém e esquecesse a outra família... O outro filho que ela tinha. E quando você nasceu, Nate, na cozinha da nossa casa eu vi em você o sucessor que eu tanto esperei, mas o tempo me mostrou que você não me serviria, pois era muito dependente dela. Mais dependente do que eu imaginei que seria. VOCÊ ERA UM RATO! Era fraco... Parecia uma Aberraçãozinha de tão parecido com ela. Os mesmos olhos, o mesmo cabelo. Você é Melinda por inteiro. Somente ela teve noção de quantas vezes eu já desejei tua morte e, então, de tão dependente dela, você me impediu de matá-la. VOCÊ TAMBÉM TEM CULPA DA MINHA DESGRAÇA! Quando descobri que vagabunda era uma federal consegui aproveitar o seu nascimento

para surrá-la como nunca bati em ninguém. Depois ordenei que ela mandasse alguma notificação a policia para que eles saíssem da minha cola. Então, a notícia da operação saiu nas televisões expondo uma organização caída e tendo outro homem preso e não eu. Melinda na época exigiu mais liberdade. As coisas estavam indo tão bem com o desenvolvimento da droga, meus negócios e pelo enorme tempo que não passava em casa, permiti que ela saísse para ver seu filho mais velho, mas que fosse sempre acompanhada com um dos meus homens. Todo mês ela o visitava e você foi crescendo e se tornando dono de si. Até tentei gostar de você. Lembra quando lhe trouxe aqui pela primeira vez? Eu ainda tentava trazê-lo pro meu lado e minha percepção por você mudou só um pouquinho, pois mesmo sendo tão inocente e puro de coração, em suas veias corria o meu instinto agressivo e insano. O tempo seguiu e mesmo achando que Melinda estava escondendo alguma coisa, não dei atenção e foi na noite em que os caminhões vieram buscar os quilos e encontraram o arsenal em chamas. Havia perdido tudo. A droga testada por anos, meus cientistas. Rapidamente, fui notificado. Você estava em casa

com Wesley, sua mãe havia saído para ver o filho e aproveitei motivado pela minha raiva para procurar pistas. Encontrei em arquivos de terceiros a resposta que eu precisava. Fora ela quem havia queimado toda a droga. Na mesma noite, fiz um acordo com Yong e seus homens. Eu cedia imóveis, dinheiro e armas em troca da morte de sua mãe. COMO O JAPONÊS era democrático demais, precisei assinar um documento de confiança. Estava tudo perdido! A droga virara cinzas, quem a produziu também e eu estava louco de ódio. Horas depois de assinar o papel, Yong me mandou o vídeo da execução. A investigadora estava morta e seria questão de tempo até que os policiais decidissem procurar o motivo do incêndio. Presumi que ela havia deixado provas que comprovassem o que estava sendo feito e não muito tempo depois forjei minha morte retornando para Itália até tudo ser esquecido, fazendo de tudo para que você sentisse a morte dela, já que era tão “sensível”. Foi fácil me fingir de marido em luto. Enterramos um caixão com tralhas reveladoras dentro uma vez que você não poderia ver um corpo queimado e lhe contei sobre o assassinato. Lá, recomecei toda a produção que duraram anos e só voltei ao Brasil

quando esta já estava pronta para ser testada. Enquanto isso tudo, eu te esgueirei, Nate. Segui seus passos e encontrei em você a última pessoa que esperava herdar o meu legado. Você é bom, sempre foi. Apaixonou-se por ela e isso só o tirou dos trilhos. Ela o destruiu, fez com que você transformasse a minha máfia em apenas ocupação de tempo. Mas estou aqui para consertá-lo, filho. Podemos reerguer a organização juntos, mas para isso, ela tem que morrer!

Mulheres de Areia

JOSEPH

Horas pareciam perpetuar enquanto somente minutos haviam se estendido. Nathaniel entrou no galpão e pouco tempo depois, Joss já estava do outro lado, ajudando o investigador que fora atingido na hora do tiroteio. Enfaixou o braço dele com uma tira rasgada de sua camisa e o ajudou a se levantar, mas não conseguia evitar pensar que tudo poderia dar errado.

Ele iria salvá-la. Joseph tentava se certificar a todo o momento em que esteve apenas parado, talvez esperando. Porém ele não poderia ficar sem fazer nada. Era sua melhor amiga quem estava presa e sofrendo lá dentro e se algo acontecesse com ela, não se perdoaria — assim como seu irmão dissera — por não ter feito nada. Ainda mais Joseph que odiava ficar esperando pelos outros, odiava se sentir dependente de alguém ainda mais se esse alguém fosse Nate, o cara

predestinado a ficar com a mulher que ele também gostava. Se não fizesse algo, mesmo sendo um pensamento muito egoísta para a situação, Nathaniel receberia todo o crédito por tê-la a salvo.

O policial passou a mão na testa em preocupação. Respirou forte, sentindo seus pulmões arderem e, de maneira decidida, voltou-se para seus amigos de trabalho que o acompanharam até ali.

— Vou encontrar uma forma de entrar por outro lado. Assim temos a vantagem da surpresa. Desde que Nate entrou, não se ouve mais nada. — Sua mente faiscava em uma solução que parecia tosca por tão simples. Joseph sabia que a entrada de Nate não teria como resultado Amélia a salva caso existissem outros homens lá dentro. Se realmente o motivo disso fosse exatamente ele, eles não o matariam, dando oportunidade de Joseph fazer alguma coisa ou até então encontrá-la enquanto estivessem distraídos. Um dos investigadores já estava colocando em riste a arma na mão, mas o loiro o conteve. — Não. Eu vou sozinho. Fique e cuide de Metias que está ferido. O reforço está chegando e quero que você os coloque a par da situação.

O investigador nada mais protestou. Deu espaço para Joseph passar entre eles enquanto corria para perto do furgão onde havia se distanciado. Pegara sua arma na mão que estava no chão e a verificou a munição sem fazer qualquer som.

— Se eu precisar de ajuda ligarei pelo rádio. — Avisou seguido por um murmuro. — É agora que esta merda chega ao fim.

Joseph circulou o enorme galpão, olhando com atenção tudo que existia ao redor. Areia extremamente quente pelo calor do sol, um vasto ambiente desértico composto apenas por rochas, areia, calor e um galpão bem afastado da trilha de terra por aonde vieram.

Ele não poderia dar as caras pela frente, pois não tinha noção do que encontraria. Ele não queria testar a mesma sorte do que seu irmão. Nate era a pessoa perfeita para estar lá dentro. Ele era do mesmo ramo de quem a sequestrou e tinha suas palavras e — poder — em sua vantagem. Joss temia que no final de tudo essa desgraça apenas se tratasse de negócios não resolvidos.

Seu pé doía e caminhar sobre a areia

PERIGOSAS NACIONAIS

dificultava ainda mais as coisas. A areia exigia mais esforço, tornando seu caminhar lento. De qualquer forma, ele estava com sua arma carregada em punho para atirar em quem aparecesse já que velocidade fora descartada naquele chão. Mas, mesmo que essa lentidão toda não fosse um problema, ele precisava acelerar as coisas e salvar Amélia. Sua boca estava seca, seu corpo transpirava demais devido ao colete, camiseta e calça preta. O suor da pele já escorregava pelos braços indo a sua mão onde dificultava na precisão. Ele estava escasso.

Olhou para o relógio de pulso e deu de cara com o sol do meio-dia quase subindo. Era 11h15min, o que explicava o calor infernal que assolava a pedreira. Se ele sofria pela temperatura estando do lado de fora, no ar livre, imaginou Amélia presa lá dentro onde quer que esteja. Pobre, Amélia. Sempre boa demais para tudo que chegava a ser inacreditável o fato de isso estar acontecendo a ela. Ele sabia. Ela não merecia tudo isso.

Já afastado da visão dos investigadores e agora se aproximando ainda mais da parte traseira do galpão, sentia-se um tanto irritado, desesperado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Disfarçando o medo no qual não tinha coragem de assumir. Tudo por ela. Por que ela? Se alguém teria de pagar este alguém era – Não importava o que havia descoberto recentemente – Nathaniel.

Todos um dia colherão o que plantaram e neste caso não seria diferente. Tendo plantado o bem, o teremos de volta sem exceções. Plantando o mal no qual jogamos em terra, em dobro ele retornará também sem freios. Porém, todo mal que Nate havia plantado quem estava colhendo era Amélia.

Seus pensamentos vinham em devaneios eternos, impedindo-o por um momento de perceber ao redor. Um momento importante no reconhecimento de campo. Seu coração saltitou esperançoso quando seus olhos encontraram uma entrada. Era uma porta de madeira que, obviamente, o levaria para um espaço subterrâneo. Como as antigas entradas de um porão onde as portas precisavam ser alavancadas para serem abertas, mas depois de tê-la escancarado e já ter adentrado sorrateiramente no interior do mesmo, Joseph se deparou com muito mais do que um porão. Lá embaixo, onde estava se encontrava um

PERIGOSAS ACHERON

extenso corredor fétido, sujo e parcialmente iluminado por lâmpadas velhas e fracas. O cheiro não era somente fedido, mas insuportável, onde odores como de água parada, comida estragada e fezes que pareciam estar lá há muito tempo.

— Mas que porcaria é essa?! — Indagou, ouvindo sua voz ser elevada mais do que gostaria. Colocou o braço sobre o nariz a fim de evitar que o cheiro entrasse com intensidade na sua via respiratória.

Aquilo rapidamente se mostrou algo pior do que um simples corredor fedido. Se havia cheiros, deveria ter por onde eles surgiam. De repente, uma corrente de cadeias se revelou nas laterais do corredor. Quando seu olhar focou nas lâmpadas que falhavam constantemente e permeadas de moscas, outra voz, vindo do fundo chamou sua atenção.

— Socorro... — Era baixa, parecia cansada. Alguém que se esforçou mais do que deveria somente para pedir ajuda.

— A...méia?! — Indagou com o coração na mão esperando ser ela. Então correu em sua direção. Joseph contou ao passar pela ala de

“cadeias” seis espaços trancafiados e, para sua surpresa, todos ocupados.

Havia diferentes mulheres jazendo as divisórias. Realmente mulheres de todos os tipos. Umas encolhidas em cantos escuros, outras adormecidas, mas todas em estado preocupante. Sujas, magras... Escassas.

Joseph chegou até a voz, horrorizado e não era quem esperava ser. Era outra garota. Parecia ter menos de vinte anos, talvez dezenove e clamava por ajuda. Estava caída sobre a grade feita de arames onde seus braços que estavam de fora, sangravam. Elas passavam a impressão de serem animais acorrentados por estarem naquelas condições. Joss se desesperou. Havia mais sangue no chão da cela no qual o deixou perplexo. A mulher não possuía mais coloração, sua pele tinha um tom acinzentado. A entrada para este lugar não deveria estar aberta — Pensou ele sem resposta aparente. Um descuido que o trouxe para essas mulheres. Balançou a cabeça, arrepiado e voltou o olhar para a garota.

— Qual é o seu nome? — Perguntou Joseph, sabendo que de início ela não iria responder

em recuo. Então, pegou o distintivo e o expos na visão dela. — Sou da polícia. Vou tirar vocês daqui.

— Isabela... — Respondeu finalmente a refém fraca.

Ele guardou o distintivo de volta e agarrou a grade de arame com firmeza. O mau jeito em que pressionara as palmas sobre o metal fino machucou suas mãos. Tentou chacoalhá-lo e não conseguiu romper a barreira com sua força. Olhou ao redor e viu todas aquelas mulheres encarceradas. Ele não daria conta de salvar todas sozinho. Por sorte, as grades caseiras não possuíam cadeados, recusando o uso de tiros para abri-los. Joseph pediu para que a moça se afastasse da grade para que o impulso da mesma não a machucasse e quando ela assim obedeceu, ele ergueu a perna e a impulsionou em um chute contra a mesma. Um chute, dois chutes e, finalmente, no terceiro teve seus arames entortados com o baque, abrindo uma fenda na qual ela poderia passar. Satisfeito, ele agarrou o rádio preso na sua cintura e comunicou-se.

— Thiago, estou precisando da sua ajuda.
— Disse chamando o amigo. — De a volta no

PERIGOSAS NACIONAIS

galpão e entre pela porta do porão que está aberta. Tem mulheres presas aqui em baixo. Rápido!

Joseph coordenou a moça até a saída da cela e pouco esperou Thiago aparecer para continuar investigando o local. Ali deveria ter outra entrada. Um que o levasse até onde Amélia estava. Correu para o fundo do corredor e encontrou uma porta falsa camuflada pela mesma cor que o restante da parede a não ser pela corrente que envolvia ela, entrando por um buraco feito talvez por um tiro e se fechando em um possível cadeado no outro lado. Parecia esta sim, trancada. Jogou seu corpo contra ela e não obteve nenhum resultado. Apenas um ombro doendo. Bufando, apontou a arma em sua mão para o pequeno espaço calculando onde deveria estar o cadeado do outro lado da porta. Segurou a peça com firmeza e fechou os olhos. Atirou e a mulher gritou. A fumaça se dissipou, a corrente caiu no chão e porta abriu em uma pequena fenda. Logo em seguida, os passos Thiago chamaram sua atenção.

— Joseph! — Sua voz ecoou pelo corredor quando ele desceu a escada que os levaram para baixo. — Mas... Que porra é essa?!

PERIGOSAS ACHERON

O investigador rodeou os olhos por todas as celas bastante assustado e começou a arrombar cada uma delas com chutes impulsionados assim como os de Joseph.

— Tire-as daqui. Ligue para uma ambulância. Eu vou ver o que tem na outra sala. — Thiago assentiu, desejando-lhe cuidado, mas como ter cuidado em um trabalho como este?

O disparo fez mais estrago do que imaginou. A porta era fina, parecendo apenas uma grande tábua pregada à parede para ser uma entrada que poderia ser trancada. Quando Joseph se esquivou de pisar nos pedaços de madeira que caíram junto a corrente, olhou para os lados e um sorriso se formou discretamente no momento em que reconheceu o local que entrou. Não tão grande quanto o corredor logo atrás. Era um espaço retangular que possuía apenas muita sujeira e entulho, uma cadeira de madeira abaixo da lâmpada velha pendurada por fios, uma mesinha de madeira jogada no meio e uma pia quebrada no canto da mesma parede onde uma escada de metal se localizava, dando acesso a lugar nenhum sem ser o teto. Era o lugar que filmaram no vídeo, mas ela

não estava ali. Procurou o maldito objeto e Joss o encontrou grudado na parede ainda mostrando o tempo que estava correndo. O relógio que Nate conhecia. Percorreu todo o espaço, indo para perto da cadeira e lá viu cabelo rodeando-a. Cachos negros e antes volumosos agora estavam mortos e secos no chão. A sua pele arrepiou quando viu sangue no meio deles.

Ai meu Deus...

Ele fechou os olhos, contendo uma lágrima e tudo passou a ficar silencioso. Apenas respirou.

— *“Ela o destruiu, fez com que você transformasse a minha máfia em apenas ocupação de tempo. Mas estou aqui para consertá-lo, filho. Podemos reerguer a organização juntos, mas para isso, ela tem que morrer!”* — Múrmuros chegaram ao ouvido de Joseph assim como sons de passos acima dele. E, no segundo seguinte, ele soube onde todos estavam.

Quando abriu os olhos, correu para a escada e mesmo que ela aparentava não dar em lugar nenhum, ele descobrira que dava. Subiu ela correndo e chegou ao último degrau tão cansado como se tivesse corrido uma maratona. O fim dela

era o teto, mas sentiu-se bem em acertar que lá, ali mesmo no teto, havia uma passagem fechada. Um alçapão. As vozes vinham dali.

— Não! — Rosnou ele, socando com toda sua força a entrada. Queria abri-la, arrombá-la... Ele sabia que estavam falando dela. Com seus pensamentos em desespero, Joss começou a gritar com todo fôlego possível.

— NATHANIEL! — Chamou, mesmo sem poder fazer nada. — AMÉLIA! NÃO!

E, no fim das contas, ele quem se esgotou. Chegou ao seu limite.

Um Instante Antes do Fim

AMÉLIA

Seus olhos pausaram perplexo diante a figura do pai no qual parecia não ter coração algum. Nate estava mais assustado desde o momento em que me encontrou. Talvez a maldade de Dom Carletto ultrapassasse até mesmo o que sua imaginação criava dele. Porém, eu nada tinha certeza enquanto a agulha pinicava meu pescoço, fazendo todo meu ver se tornar mera especulação.

Ele chorava e eu entendia o motivo. Escutar toda a origem de sua desgraça fragilizou até mesmo a parte mais sã de seu consciente. Seu pai ordenou que matassem sua mãe. Estuprada e queimada viva dentro de uma mata e enfiada em uma cruel vala onde seus gritos não serviram em nada para ajudá-la.

... E queimada viva.

PERIGOSAS NACIONAIS

A visão pouco saiu de minha mente quando retornei a situação precária de onde me encontrava. O fogo me banhava quase por completa.

Agora, a expressão de Nathaniel era um misto de dor e raiva no qual era quase impossível definir qual dos sentimentos tinha a maior força. Seus nervos estavam explodindo sobre seu braço que temia constantemente e era resfriado por uma fina e brilhante camada de suor. Eu não sabia qual reação o desencadearia depois de todos esses relatos, mas sentia que o que viria a seguir se baseava em algo impulsivo e insano.

A cada segundo em que, eu esperava estar prestes a acontecer, se passava, minha respiração com euforia se igualava a momentos antes quando vira o corpo de minha mãe ser embrulhado em um saco preto e retirado da minha frente por homens nojentos e insensíveis. Meu peito subia e descia constantemente em uma tentativa de conseguir inalar um ar mais limpo de forma bem-sucedida, porém a fita que tampava minha boca apenas dificultava, trazendo-me cansaço. Meus pulsos estavam doloridos pela corda que os apertava e também pela única mão gigante de Dom Carletto

PERIGOSAS ACHERON

que se concentrava em manter sua força em me segurar. Meu couro cabeludo ainda doía, ardia e eu não sabia quando esta irritação cessaria, porém eu não tinha como me importar com uma dor agora. Eu iria ser morta e a mesma não mais me importunaria depois.

Dom Carletto apertou ainda mais meu braço, sacudindo meu corpo bruscamente e eu pude ouvi-lo sorrir sarcasticamente.

— Diga alguma coisa a ela, Nathaniel.

Olhei para ele. Pela última vez, imaginava eu. Naquele momento as esmeraldas em teus olhos pareciam ser meu único refúgio. Mesmo elas estando repousadas e extremamente assustadas, eram elas as minhas entradas para a escuridão. Para a minha morte. Chorando, eu erguia a cabeça e fechei os olhos, sentindo todo o meu corpo ser controlado pelo meu consciente onde nada mais importava naquele momento a não ser a vontade de agradecê-lo por tudo. Tentei respirei uma última vez e um suspiro que saiu da minha boca acabou sendo impedido onde se libertou pelo nariz em bufa. Exatamente, de uma maneira bastante dramática, o mafioso continuou forçando a agulha

até que ela perfurasse a minha pele.

— Largue ela! — O rosnado domou o silêncio como um rugido animal. Era Nathaniel o dono desta voz que carregava a dor do choro.

Então abri os olhos assustada e me deparei com a expressão dele fechada enquanto as lágrimas manchavam seu rosto e se misturavam ao suor de seu corpo. Tudo aconteceu rápido demais. Nate corria em nossa direção, completamente insano. Porém, não continuou como eu esperava. Por incrível que pareça eu assisti a tudo lentamente. Um tiro... O som do disparo, mesmo que muito silencioso estampou o ar, fazendo-me tremer. Não! Natália tinha sua arma erguida, o cabelo ao ar e dentes trincados como se agisse abruptamente. E era o que ela havia feito. Em seguida, duas passadas físgaram minha atenção quando ressoaram em meio à quebra de silêncio como seguidos baques surdos. Meu peito doeu de dentro pra fora, minha respiração pareceu falhar completamente e as batidas do meu coração não se manifestaram no desespero. Nathaniel estava retrocedendo os passos, espantado. Não...! Senti minhas lágrimas ressurgirem mais vivas do que nunca, queimando

minha pele por onde escorriam. Aquilo não estava acontecendo.

— Arg! — Nate arfou, buscando ar. Havia sangue na sua camisa branca no ombro direito, mas nem mesmo isso o impediu de continuar avançando. Depois do susto ter passado, ele vinha como um touro.

Suas mãos vieram ao encontro do pai e, nesse embate, me vi liberta pelas mãos de Carletto depois que Nate o levou para o chão junto com a seringa que se perdeu no meio dos dois corpos. Um rosnado levou o mafioso à ruína quando não conseguiu controlar a raiva do filho no mesmo instante em que eu fui arrastada para o outro lado da sala. Senti o chão frio quando caí nele bruscamente, machucando meus joelhos na tentativa de não deixar meu rosto atingir o solo rude. Olhei para o lado, tentando entender o que havia acontecido e Natália já erguia sua arma novamente.

— Não! — Gritei, mas a fita só emitiu ao invés disso, um alto grito abafado. Arrastei-me para frente de Nate enquanto ele estava sobre o pai e lá parei de joelhos perante a arma. Eu soluçava.

Natália olhou para mim e sorriu sem se importar. Ela me olhava como algo extremamente fútil. Depois, trincou os dentes novamente e jogou a arma para a outra mão, mirando-a em mim. Ela não hesitou em vir ao meu encontro, pisando fundo para agarrar meu colarinho e me levantar em chacoalho para ficar na frente dela. Eu tremi quando o cano da arma gelada se encostou ao meu queixo. Teria como fugir da morte essa vez?

— Sua vadiazinha... — Vociferou a bandida. — Por que é tão valiosa? É tão desgraçada... Tão pretinha que faria bem ao mundo se estivesse morta, como a sua mãe. Nathaniel sempre foi meu, sabia? Ele sempre foi meu, mas uma perdedora como você entra na vida dele e a vira de ponta cabeça. É merecedora de tudo que te aconteceu, sua garota suja! — Natália tirou a mão do meu colarinho para arrancar a fita que tampava minha boca. — Diga suas últimas palavras, *ratazana*.

— Nunca subestime uma garota que tem um policial como amigo. — A voz veio do fundo. Firme e concreta.

Joseph.

Antes que eu pudesse ao menos abrir um sorriso por vê-lo, um disparo explodiu da sua arma seguindo retilineamente na nossa direção... Na direção de Natália, fazendo-me encolher toda. Com medo. No final, foi a bandida quem gritou. Natália despencou em silêncio e caiu dura no chão. Sua arma bateu ao lado de seu corpo contra o piso. E quando fui olhá-la, seus olhos abertos jazeram minha visão. Havia um buraco imenso na sua testa, indicando por onde a bala havia entrado.

Joss correu até mim e libertou meus braços na velocidade em que pode.

— Amélia... Meu Deus... Você está bem?
— Eu assenti com dificuldade. Meu corpo todo estava tremendo pela tensão que corria em meu consciente. Senti-me aliviada por não estar mais presa e por também ele estar ali. Joseph. Junto de Nate... Por mim. — Pegue a arma. — Pediu ele e assim eu fiz sem pensar duas vezes. O tiro havia desfeito o silêncio que o meu desespero construiu pelas palavras de Natália.

Quando me levantei do chão com arma na mão, olhei em direção contrária na qual eu estava e encontrei Nate ainda sobre seu pai depositando toda

sua raiva e dor em seu rosto. Cada soco era acompanhado por um choro contido e soluçado. Cada soco, o som estridente de algo se quebrando dali jazia o ar automaticamente. Nate iria matá-lo... À porradas.

— Seu desgraçado... — Nate o puxou para si e pegou impulso. O novo soco atingiu o nariz de Dom Carletto com uma força anormal na qual resultou em sangue quando a cabeça do pai impactou contra o chão. — Como você... Pode?! — O segundo foi exigido um pouco mais de força que manchou os nós de seus dedos de puro sangue. Em um momento, para mim, só existia aquela cena. — Minha Mãe... Fogo... Morte! — O terceiro, Nate aliviou a pressão para conseguir continuar esmurrando-o em meio ao choro. Este, que atingiu a lateral do rosto do grisalho, conseguiu cortar a pele fina da sua sobrancelha, trazendo mais sangue à tona. Então o velho começou a convulsionar sob o corpo do filho que insistia nos socos. De longe, vi seus olhos revirarem e fiquei com muito medo. Espuma saiu de sua boca e a tremedeira se intensificou.

Joseph correu até Nate desesperado. Dom

Carletto já não estava mais vivo. NÃO HAVIA O PORQUÊ CONTINUAR.

— Pare, Nathaniel! Ele está morto!

Ele pareceu não ouvir e muito menos acatar o pedido. Nem mesmo Joss conseguiu tirá-lo de cima do pai e todas as vezes que tentava, era lançado longe com uma braçada.

— Por Amélia! — MEU NOME VALEU MAIS TRÊS SOCOS.

Ele iria deformá-lo com socos. Quando Joseph não conseguiu tirá-lo dali eu corri em sua direção impulsionada por um medo.

— NATE, PARE! — Gritei com os pulmões choramingando. Lancei-me sobre ele e abracei-o pelas costas, encostando minha cabeça em seu ombro. Não fiz mais nada além de apertá-lo com todas as minhas forças e chorar em contato com a sua pele. — Pare... Por favor, pare... Por mim. — Sua respiração estava muito acelerada. Sua adrenalina estava alta demais na qual tornava sua força duas vezes mais forte. Ele desviou o olhar e eu notei que havia conseguido abrir uma brecha dentro da sua ira. — Por favor... Tudo vai ficar bem. Eu estou aqui...

PERIGOSAS ACHERON

Ele relaxou de repente. E por cima de seu ombro pude ver o que havia matado Dom Carletto. A agulha que estava em sua mão, havia perfurado sua pele e o líquido injetado dentro de seu corpo.

Depois de tantos testes, o mafioso foi morto por sua criação quando seu único filho no qual rejeito a vida toda era a resposta para a solução.



Dom Carletto estava morto. Joseph se certificou disso quando conferiu sua jugular. No fim das contas, Nate não conseguiu impedir que sua ira falasse mais alto naqueles minutos finais onde seu pai estava morrendo.

No fim daquela tarde, o sol estava pronto para partir enquanto as sirenes giravam em vermelho e azul. Havia um batalhão da polícia assim que saímos. Há dias eu não sentia sequer uma brisa de ar puro que a mesma me pareceu maravilhosa e surreal. Fomos encaminhados até as ambulâncias junto às outras mulheres que sobreviveram do horror orquestrado por Dom Carletto. Naquela altura do campeonato, era uma surpresa descobrir que tinha tantas delas vivas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nate me contou sobre o que houve. — Disse Joss quando chegou até mim sem que eu percebesse. Ainda estava um tanto receosa e acuda. — Comentou sobre o pai dele... Sobre o que aconteceu com nossa mãe.

— Nossa mãe?! — Indaguei confusa. A enfermeira segurava sobre o meu braço um medidor de pressão enquanto falávamos. Falar era bem mais fácil e prazeroso após um copo de água. — Como assim?

— Somos irmãos, Amé. — Respondeu ele. — Somos meios-irmãos. Também sou filho de Melinda. Você não a conheceu. Ela nos deixou para concluir a missão na máfia.

— Sim, eu sei. Você foi criado por seu pai. Mas é louco ligar os pontos e perceber que tudo faz sentido, Joss. Então você é o filho que ela visitava todo o mês enquanto esteve refém de Carletto.

Ele assentiu, sorrindo. Pegou minha mão e a apertou forte.

— Você está bem? — Perguntou ele. — Diga a verdade.

— Sim... Mais ou menos. — Sorri,

PERIGOSAS ACHERON

tentando não parecer tão mal quanto estava realmente. — Onde Nathaniel está? Não o vi desde que o levaram para uma das ambulâncias.

— Está terminando o curativo no braço. — Respondeu. — Ele está bem, Amélia. Se não fosse a lealdade dele não a teríamos encontrado. Nate arriscou muito por você nesses dias. Ele realmente a ama, isso não tenho nem dúvida. Eu... Nunca senti nada parecido.

— Eu também o amo, Muito, Joss. E só me dei conta desse sentimento quando estava amarrada e sua mente me vinha à cabeça. Eu o amo com todas as minhas forças.

— É bonito ver que depois de tudo o que aconteceu você ainda sente algo tão grande por ele. As maiores das mulheres iriam querer se afastar por ele ter sido o motivo de tudo.

Aquele comentário doeu em mim mais do que esperava. Passei muito tempo precisando dele para agora querê-lo longe de mim.

— Não! — Exclamei com um aperto no coração. — Eu nunca o deixarei. Não depois de tudo o que passamos.

Joss sorriu. Ele estava cansado, suando e totalmente fraco para outra dose de aventura.

— Estou feliz por vê-la pensar desse jeito. Eu passei a gostar de Nate no momento em que ele esteve disposto a sacrificar a própria vida para salvá-la. Ele te fará muito feliz, eu tenho certeza disso. — Comentou, pegando o celular. — Eu liguei para o hospital onde Breno está internado. Disseram que a vitalidade dele está melhorando. Logo, se continuar assim, acordará do coma.

— Espero que sim. Obrigada. Com tudo isso, não tive tempo de me preocupar com ele...

— Joss... — Sua voz chamou minha atenção, cortando minha fala e, respectivamente, meu pensamento. Nathaniel.

— Bom, Amé... — Falou Joseph recuando um passo. — Vou deixá-los a sós agora.

— Obrigada, Joseph. Por tudo. — Agradei enquanto ele dava as costas para nós.

Então... Nathaniel estava ali, parado na minha frente e sorrindo de maneira serena. Havia tirado o colete do corpo, sua camisa ainda estava suja e seu braço agora se via enfaixado enquanto

PERIGOSAS NACIONAIS

um pouco de sangue tentava manchar o tecido. Suas mãos, lavadas e os ombros relaxados apenas me diziam o quanto ele estava bem... Normal.

Eu não contive a euforia de pronunciar seu nome e dele, um largo sorriso se formou de canto a canto em minha boca. Ele veio para mais perto e encostou a mão quente em meu rosto para acariciar minha bochecha.

— Como eu tive medo de perdê-la... — Sussurrou ele. — Desculpa por tudo. Por tudo, Amélia. Eu não queria que nada disso houvesse acontecido... — Meu indicador repousou sobre seus lábios, silenciando-o.

— Shhh... — Ele se calou. Eu passei meu braço em volta do seu pescoço e grudei mais do que o possível em mim. Seus olhos verdes fitaram os meus e, em consequência, mordi meu lábio inferior. — Apenas me beije.

E foi o que ele fez. Seus lábios se moldaram aos meus com uma intensidade agressiva e desesperada. Era ele o que eu queria.

Somente ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sou Seu

*Não importa o que nos levou a este circo
flamejante onde pessoas demais saíram feridas.*

*Você nunca teve culpa e eu sei disso. Minha
consciência sempre me alertou que algo em você
chamava perigo, mas pelo jeito que é, pelo modo
que me tratou, sei que nunca teve tal intenção. Não
preciso perdoá-lo, pelo contrário, só tenho a
agradecer. Em todos os homens no qual já me
relacionei você foi, sem dúvidas, o meu maior
acerto. Ninguém me tratou em meses como fez em
um único dia, uma única noite. O que na vida
ninguém fez, você fez o dobro pelos poucos dias
que passamos junto e esse pouco tempo – No qual
provou ser a pessoa certa – foi o suficiente para
querê-lo para toda minha vida. Eu te amo e não sei
porque, mas o que sei é que cada segundo que
passar ao seu lado vou querer te amar mais.
Espero que amor não mate, pois se assim for
partirei em menos de um dia. Nate, você é tudo que
preciso e também tudo o que quero sendo assim
suficiente.*

— AMÉLIA.

NATHANIEL

DIAS DEPOIS...

A porta estava aberta. Parecia me esperar. O corredor era extenso, mas o sol que iluminada o mesmo não o deixava me amedrontar. Eu estava livre e minha mente não me afastava dela.

— Está livre, irmão — Comentou Joseph, andando ao meu lado. — Como se sente?

— Como me sinto? — Repeti em indagação. — Joss, sou o homem mais feliz do mundo. Mas tenho que agradecer você. Se hoje saio da delegacia com a minha liberdade é por sua causa.

Joseph abraçou-me com um dos braços, com cuidado para não machucar meu ombro no qual a ferida da bala ainda estava. Sorriu.

— Está errado. — Disse ele. — Está solto pela sua atitude, Nate. Você se colocou em perigo por ela, por uma inocente e ajudou toda missão de resgate ser bem-sucedida. Não há motivos para você estar preso. Não importa o que você fez no

PERIGOSAS ACHERON

passado... Quer dizer, alguns dias atrás, digamos que não teve escolha senão fazê-lo. — Concluiu ele, levando consigo o sorriso.

Eu estava diferente. Sentia-me diferente. Aquele peso insuportável sobre os ombros havia desaparecido junto a culpa, o medo e o monstro no qual eu precisava ser, restando somente a gênese de uma nova história. A liberdade é bem complexa. Quando temos motivos para voar, toda ação se torna prazerosa e isso nos muda. Deixar tudo para trás requer uma nova personalidade, novas escolhas e atitudes. Sendo assim, a alteração do meu ego constituiu-se na revelação daquilo que eu sempre ansiava ser. Um homem feliz, livre, amado e, acima de tudo, permitido a sorrir sem me importar com quem. Eu sentia que aquele Nathaniel que antes era fechado, sério para demais coisas e, de certa forma, arrogante havia sumido. Nunca havia percebido que abrir um simples sorriso poderia aliviar o corpo e a mente.

— O que vai fazer agora? — Perguntou Joseph quando atravessamos a entrada. O sol tocou minha pele e dele eu nutri seu bom presságio. Os dias anteriores foram completos de chuva e cinzas,

caso houve um forte sol este fora tão quente que poderíamos assemelhar ao fogo do inferno — O que fazia muito sentido aquilo que estávamos passando. — Acho que depois de assinar o acordo com a delegada por liberdade e ter seus arquivos queimados o motivou a muitas coisas.

— Eu quero encontrá-la. — Disse. Não era preciso dizer quem, Joss já entendia muito bem. — Quando Amélia saiu daqui após dar seu depoimento uma ligação a fez correr para o hospital. Estou preocupado pelo o que pode ter acontecido com Breno.

Joss assentiu.

— Pequeno Breno... — Murmurou ele de cabeça baixa. — O diabo dançava sobre a terra e ele dormia. Mas O.K. Posso te dar uma carona até lá. Assim já fico sabendo também o que aconteceu.

Nos direcionamos a sua moto laranja que estava parada do lado de fora. Joss se acomodou nela e me entregou um capacete reserva que sempre carregara. Eu fiz o mesmo, sentando logo atrás.

— Por que hoje você não está em serviço? — Perguntei curioso pelo motivo de ver que sua moto já estava ali a sua espera.

— Eu pedi férias. — Respondeu. — Depois do que aconteceu acho que preciso esfriar a cabeça por um tempo. Vou partir sem rumo, sabe? Aproveitar o verão para curtir umas praias, viajar muito... Só espero que trinta dias seja o suficiente para me satisfazer.

Eu sorri.



Chegamos ao hospital e após falar com a recepcionista fomos encaminhados ao quarto onde Amélia estava. A cada degrau subido da escada eu já preparava o coração para receber uma notícia ruim. Teria que ficar ao lado dela naquele momento que estava por vir. Amélia não suportaria sozinha. Já havia perdido a mãe, passara por toda dor e sofrimento enquanto estive no galpão e agora eu sabia que perder Breno seria demais para ela.

Joss ao meu lado nada disse. Estava respirando com cautela e se direcionado ao quarto em silêncio. Ele também esperava algo ruim resultando dali.

A porta se fez presente depois de andarmos uma pequena ala de quartos com uma iluminação

fraca e puro silêncio senão apenas bipes de aparelhos cardíacos. 23, era o número do quarto. A porta era de madeira em uma cor branca que possuía uma pequena venda de vidro no qual podíamos ver por dentro. Ela estava ali. Sentada e parecia conversar com o rosto molhado por lágrimas que vieram anteriormente. *Ah, não...*

Eu bati à porta e aguardei pronto para quando ela abrisse lhe tomasse nos braços em um afeto que ela precisava. Não demorou muito. A maçaneta girou e a porta foi aberta. Porém o que vimos foi além da nossa espera. Joseph ficou surpreso e eu pude vê-lo ficar quando escancarou os olhos e abriu um pouco a boca. Eu, por minha vez, acompanhei seu olhar e vi, com meus próprios olhos, o motivo dela chorar antes. Não era tristeza ou dor... Mas sim sentimentos que eram impossíveis descrever agora.

Rodeado por dois médicos, o pequeno Breno estava sentado na cama hospitalar sorrindo. Sim, estava meio desorientado pelo tempo que permanecera dormindo, mas isso não era motivo suficiente dele esconder o inocente sorriso de seus lábios. Ele havia desperto do coma!

Quando menos esperei, estava chorando também. De alguma forma, mesmo não o conhecendo, eu sentia tamanha empatia por Amélia que foi impossível conter a felicidade de vê-lo bem.

Agora, por outro motivo – Um que explodia felicidade – Agarrei-a em um abraço no qual era um misto de lágrimas com um arfar surpreso a me ver, nos ver.

— Você veio. — Murmurou ela encostada ao meu peito. — Eu não esperava. Quando recebi a notícia, não tive tempo de pedir que me encontrasse...

Interrompi sua fala com um beijo. Nada de mais, apenas algo que demonstrasse um cumprimento ao vê-la. Amélia logo saiu de meus braços e foi parar nos de Joseph que a recebeu com tamanha alegria.

— Claro que viemos, Amé. — Disse Joss, sorrindo. — Nate ficou preocupado quando você recebeu a ligação do hospital e logo quando saímos viemos correndo.

— Entrem...

Segui meus passos ao lado dela, mas me

contendo para não me aproximar demais e causar uma má impressão a Breno, aliás, ele não me conhecia, porém eu sentia o contrário. Era como se uma ligação entre nós já existisse, fazendo com que eu me importasse demais com aquele garotinho.

— Amélia. — Chamou um dos médicos. E ela se direcionou a ele. — Pelo visto o nosso campeão está muito bem. Já se alimentou, consegue falar normalmente e, surpreendentemente, está com muita energia. Se continuar assim, poderá ser liberado logo, logo. — Sorriu. — Agora deixarei vocês um pouco com ele e voltarei mais tarde para medicá-lo novamente. Breno precisa de um novo raio-X e alguns exames a mais. Porém ele precisa descansar para que estes tivessem ótimos resultados.

Ela assentiu e acompanhou com o olhar os dois médicos partirem.

— Obrigada. — Sorriu.

Breno teve sua atenção fígada depois dos médicos partirem para sua irmã. Abriu um sorriso e se acomodou mais na cama. Amélia agarrou minha mão, fazendo com que nossos dedos se interlaçassem, depois me puxou para me aproximar

PERIGOSAS NACIONAIS

da cama.

— Hey, pequenino — Chamou ela. —
Preciso te apresentar uma pessoa.

Breno olhou para nós de imediato, mas
fixou rapidamente em mim. Achei que eu era o
único estranho ali, algo me dizia que Breno já
conhecia Joseph.

— Este é Nate. — Disse Amélia. Olhou
para Joseph. — Ele é irmão do Joss, lembra-se
dele? Do Joseph?

Breno assentiu, sorrindo.

— Ele nos visitou no Natal e me trouxe um
carrinho vermelho... Mas eu era bem pequenininho
— De repente, a expressão de Breno ficou frouxa.
Seus olhos caíram entristecidos. — Eu perdi o
carrinho.

Eu sorri. Ele era tão parecido com
Amélia...

— Não tem problema, amigão! — Falou
Joss, alegre. — Eu te compro outro. Desta vez um
maior.

— Um de controle remoto? — Perguntou o
garotinho escancarando um sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um de controle remoto. — Concordou Joseph retribuindo o sorriso, levando sua mão para bagunçar o cabelo de Breno em um ato de carinho.

— Nathaniel é meu namorado. — Olhei para ela automaticamente e sorri, porém, Amélia não percebeu porque estava olhando o irmão. Sendo assim, apertei mais sua mão na minha. — Eu gosto muito dele e tenho certeza que também vai gostar.

Breno continuou me fitando, mas agora com um sorriso no rosto.

— O que é isso no seu ombro? — Perguntou curioso.

Olhei para meu ombro enfaixado e depois para ele.

— Uma longa história, amiguinho.

— Sim, uma longa história de uma *princesa* que foi levada por um bruxo mau e seu *príncipe encantado* se machucou quando foi salvá-la. — Complementou Joss de uma forma carinhosa.

— Ah, Breno. — Amélia chamou atenção dele. — Enquanto você esteve dormindo, Nate te deixou um presente lá em casa. Algo super legal

PERIGOSAS ACHERON

que você vai gostar. Agora descanse que logo voltará para casa e poderá ver o que é. — Amélia deu um beijo na testa do irmão que automaticamente retribuiu um em seu rosto. — Estarei lá fora se precisar.

Saímos do quarto e ficamos no corredor. Breno precisava descansar e não seria conversaço que faria isso. Encostei na parede ainda segurando a mão dela, pois mesmo tentando, ela não me deixava soltar.

— Como ele reagiu à notícia de sua mãe?
— Perguntou Joss a ela, agora em um tom sério.

— Bom, saber que nunca mais a verá chocou um pouco, mas ele é forte e com carinho ficará bem. — Respondeu ela, falando baixo. — Preciso resolver as coisas do enterro dela. Esta liberação do IML está demorando mais do que deveria.

— Isso é normal. — Comentou ele. — A causa da morte foi pela droga ingerida, mas precisam analisar se teve outras consequências para liberar o corpo. Fique tranquila.

— Mas e então? Como foi lá? — Perguntou ela. — Terá que responder julgamento?

Continua preso?

Olhei para Joss sorrindo. Dar aquela notícia a Amélia seria a melhor coisa que eu faria. Tão boa que estava ficando eufórico.

— Eu estou livre, Amélia. Livre. — Falei atônico demais para conter que minhas palavras saíssem calmas.

Ela imediatamente levou as mãos na boca, surpresa. Em seguida, deu pulos de alegria e se jogou em meus braços me presenteando com um beijo.

— Meu Deus!

— A delegada depois de ter enviado a notificação ao juiz relatando o envolvimento de Nate para salvá-la liberou sua soltura. Os arquivos que provavam qualquer coisa que ele tenha feito foram queimados. Agora Nathaniel é um homem livre. — Falou Joseph contente e tomado pela alegria de Amélia.

— Acabou. Agora podemos ficar juntos. — Sorri.

— Meus amores, — Interrompeu Joss em um tom brincalhão. — desculpem, mas eu tenho

que ir. Preciso arrumar minhas coisas o quanto antes para seguir viagem.

— Viagem?! — Indagou Amélia surpresa.
— Como assim? Você não me disse nada.

— Não houve como te dizer, Amé. — Respondeu. — Peguei trinta dias de férias e quero aproveitá-los para esfriar minha cabeça. Preciso descansar depois destes dias correndo.

— Mas você vai para onde?

— Este é o fator X da questão. Eu não tenho para onde ir, a única coisa que quero é curtir a brisa do vento bater contra meu rosto enquanto piloto minha moto pela estrada. Não se preocupe, Amélia. Eu volto. Agora que encontrei um irmão perdido acha que vou me afastar sem ter vivido nada com ele?

Eu ri. Joseph ancorou o braço em volta do meu pescoço e assim me abraçou.

— Quem dera... — Comentei. — Nunca imaginaria que eu tinha um irmão.

— Mas de dê um abraço aqui, tampinha!
— Exclamou ele para Amélia. — Não irá nem sentir saudades de mim.

Eles se abraçaram e eu vi, naquele momento, o quanto o afeto dos dois era grande. Joseph logo a soltou e pegou o capacete que eu ainda segurava.

— Bom, vou indo lá antes que vocês me façam desistir. Dê um beijo em Breno por mim. Até mais!

Eu assenti e ela sorriu, levantando a mão para dar um Tchau quando meu irmão deu as costas para ir embora. Ainda encostado na parede, puxei Amélia para mais perto onde senti todo seu corpo escorar no meu. Ergui a mão e acariciei seu rosto com delicadeza.

— O que faremos daqui para frente? — Perguntou ela, beijando-me.

— Ficarmos juntos. Par sempre. — Sorri.



UMA SEMANA DEPOIS...

A venda sobre os olhos de Amélia a impossibilitava ver qualquer coisa senão o preto da cor do tecido. Desde que saímos do meu carro, eu e Breno a guiamos pelo caminho até entrarmos onde

PERIGOSAS ACHERON

estávamos. Mesmo atuando por um péssimo motivo e causa, eu havia gerado uma boa grana na qual poderia me manter e assim Breno e ela também. Três dias depois que fui considerado livre, Breno teve alta e retornou para sua casa onde eu fiquei por lá mais alguns dias até ter uma ideia. Amélia não poderia arcar com o condomínio de um apartamento e ao mesmo tempo pagar contas e alimentar seu irmão, pois não tinha sequer um emprego. Sua vida deu uma arruinada e eu sentia dever de ajudá-la. Eu a amava e neste estado do sentimento era impossível vivermos separados. Eu queria vê-la todas as manhãs e todos meus fins de noite... Pelo resto da minha vida.

— Já posso olhar?

— Não. — Respondeu Breno pela milésima vez.

— E agora?

— Já disse que não. — Respondeu novamente.

Mais alguns passos e a levamos para o centro da sala. Parei-a ali, mas Amélia estava ansiosa demais e de todas as maneiras tentava espiar o que era.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu Deus, Nate! — Exclamou ela. — Onde estamos? Sinto um perfume bom...

Eu ri.

— É por causa da árvore Dama da noite que temos no quintal. — Respondi. — À noite, ela solta um perfume gostoso.

— *Que temos no quintal?* — Indagou ela tentando descobrir por meio da minha fala. — Não estou entendendo. Eu morrerei de tanta ansiedade.

— Não morra ainda. — Disse Breno ao meu lado. — Assim perde a graça.

Parei na frente dela e pousei meus dedos sobre a venda. Respirei ainda sorrindo.

— Quando eu contar até três você pode ver, ok? — Perguntei.

Ela assentiu.

— Um...

A tremedeira deu início no mesmo tempo que a contagem.

— Dois...

Um sorriso se abriu em seus lábios.

— Dois e meio...

PERIGOSAS ACHERON

Dessa vez eu explodi em uma gargalhada.

— Tira logo isso da minha cara, Nate! —
Exigiu ela, brava.

— Está preparada?

— Já nasci preparada.

— Três! — Abaixei a venda com rapidez e no segundo que houve ela ficou ainda procurando onde estava, pois quando a ficha realmente caiu Amélia escancarou um sorriso emocionante e repleto de alegria.

— Ai Meu Deus! — Murmurou ela, rodeando o espaço para ver melhor.

Era uma casa. Eu havia comprado uma casa para ela. Comecei a arcar com as despesas de pequenas reformas e instalação dos móveis logo no primeiro dia em que passei com ela no seu antigo apartamento. Eu sabia que Amélia não poderia ficar lá. Não mais.

A casa por sinal era muito bonita. Só precisou de algumas reformas pequenas para ficar do nosso jeito. A entrada para mesma dava direto para a sala onde tinha um conceito aberto e amplo seguindo retilineamente até a cozinha. Era bem

clara e isso dava um ar de calma e paz. Na sala havia tudo o que precisávamos. Um sofá branco encostado em uma parede onde tinha uma textura imitando blocos, mesa de centro e na parede de frente uma Televisão grande acima da estante baixa e de cor escura. Havia Videogames para Breno e demais coisas e enfeites para ele se divertir.

— Eu não acredito... — Ainda perplexa Amélia continuou reparando até começar a chorar.

Segurei a mão dela e sorri.

— Acho que nesta altura do campeonato devemos ter um cantinho só nosso. — Comentei a ela. Amélia repousou os braços em volta do meu pescoço e encostou a testa na minha em um sorriso. — Você gostou?

— Eu... Eu amei. Está perfeito, Nate. Ainda não acredito que esta é a *nossa* casa. — Respondeu ela, também sorrindo.

— Então vá se acostumando, pois passaremos o resto das nossas vidas aqui. Juntos. Eu, você e Breno. — Ela riu e fechou os olhos ainda com o rosto muito próximo do meu. Breno também se aconchegou no nosso meio sorrindo muito. Estávamos felizes e prontos para recomeçar

PERIGOSAS ACHERON

do zero. Então eu a beijei de uma forma nunca feito antes. Como eu a amava e nada negaria isto. Amélia era minha, eu era dela.

— Eu amo você, Nathaniel. — Murmurou entre o beijo. — Só você. Meu Nathaniel...

— Também amo você, Amélia. — Respondi tentando me conter para não querer puxá-la ainda mais para mim. — Sou seu, apenas seu.



Fim.

AGRADECIMENTOS

Existiu muitas pessoas na minha trajetória de ser escritor para que finalmente SOU SEU se tornasse um sonho realizado. Houve puxões de orelhas, conversas que, por incrível que pareça, mesmo sendo sobre um assunto completamente diferente, ajudaram-me a desenvolver a minha inspiração, porém, para um fã do terror que se aventurava pela primeira vez no romance ignorância foi o maior desafio até então. Para vencê-lo precisei da ajuda de algumas pessoas, pois mesmo sendo um romance, uma chuva de sentimentos, nunca foi fácil entrar na pele de um personagem que não fosse um monstro.

Quando eu decidi há muito tempo ser criador de histórias todo texto que eu escrevia
PERIGOSAS ACHERON

sempre o encaminhava para que alguém lesse. Na época, não tinha noção de que minha escrita era tão... imatura. Crianças sempre pensam que o que fazem é único e, já em sua primeira vez, totalmente perfeito. Agradeço imensamente a esta querida amiga, Margareth Turano, que sempre esteve comigo e com minhas ideias malucas sobre vampiros e monstros, auxiliando-me na melhora da escrita. Obrigado por todas as dicas, todas as horas que passamos conversando sobre tudo. Saiba que cada palavra me ajudou muito a criar o que pode ler agora.

Outra pessoa maravilhosa também é uma amiga que adoro demais. Fabiana Sader, que durante todo meu ensino médio traçou esse caminho de ser escritor junto comigo. Nossas conversas também valeram muito assim como sua ajuda com a minha escrita e ideias. Esse livro não seria possível caso não conhecesse você há alguns anos atrás.

Agradeço também a minha família e amigos por todo apoio e fé que depositaram no meu sonho até ele se tornar realidade. Agradeço a minha mãe por ser a primeira de todos que acreditou no PERIGOSAS ACHERON

meu propósito sem duvidar em nenhum momento, agradecimentos aos meus irmãos, Kleber e Jéssica por todo suporte no desenvolvimento do livro, mas não só deste, mas sim de todos os anteriores. Por muitas noites, precisei apenas de um ouvido para que — Enquanto eu falava, falava e falava — pudesse ter ideias decisivas para continuar a escrita. Agradeço as minhas amigas malucas Stephanie Evangelista e Letícia Ribeiro por, assim como meus irmãos e mais algumas pessoas, acompanharem todo o processo de escrita de Sou Seu. Amo vocês, meninas. Obrigado por tudo.

Agradecimentos especiais para Raquel Carvalho — A PRIMEIRA, MARAVILHOSA E MAIS EMOCIONADA LEITORA DESTE LIVRO — e para uma pessoinha que amo demais, minha sobrinha Beatriz Costa Aguiar que por várias horas esteve do meu lado, ajudando na finalização da história de Nate e Amé.

Mais alguns agradecimentos finais para minha prima Vilma, também para a minha maior ouvinte Marjory e eu não poderei esquecer dela: Luysa Dille, a minha parceira/irmã de escrita

que, há anos, vem fazendo crescer a vontade de escrever um romance. A história de Logan e Melissa me fez arriscar escrever romance. E, para me despedir deste livro, agradeço a todos que descobriram o livro no Wattpad. Vocês o fizeram ficar forte com seus comentários maravilhosos e por isso possuem meu carinho.

Obrigado.